

Revista do Brasil

DIRECTORES

Afranio Peixoto
Amadeu Amaral

N. 65

MAIO
1921

EDITORES

Monteiro Lobato
& Comp. — São Paulo

SUMMARIO

- UM EPILOGO, novella . . . *C. Magalhães de Azeredo* 97
(da Academia Brasileira)
- A LITERATURA EM 1920 . . . *Tristão de Athayde* . . . 118
- MARILIA E DIRCEU, sonetos . . . *Paulo Gonçalves* . . . 130
- VARIANTE CARIOCA DE UM
SUBDIALECTO BRASILEIRO . . . *Antenor Nascentes* . . . 134
(do Collegio Pedro II)
- DOM PEDRO II E O ABOLICIONISMO *Pedro A. Pinto* . . . 139
(da Universidade do Rio)
- DOCUMENTOS INEDITOS SOBRE
A QUEDA DO GABINETE ITA-
BORAHY *J. W. de Araujo Pinho* . 146
(do Instit. Histor. da Bahia)
- EXCAVAÇÕES, versos *Raymundo Correia e Ma-
chado de Assis* . . . 153
- BIBLIOGRAPHIA *Brenno Ferraz* . . . 156
- DEBATES E PESQUIZAS: — O Regimen Universi-
tariô e a Educação nacional, *Afranio Peixoto*. — O
rejuvenescimento e o prolongamento da vida, *L.
Pereira Barretto*. — Quem foi Lord Cochrane,

(Continúa no verso)

S. PAULO.

1921.

RIO.

REVISTA DO BRASIL - RUA BOA VISTA, 52 - CAIXA, 2-B - S. PAULO
ASSIGNATURAS: ANNO - 20\$000 EXTRANJEIRO - 25\$000; - NUMERO AVULSO - 1\$800.

Lemos Brito. — Idéas do presidente Harding, *Oliveira Lima.*
— O "Paiz de Ouro e Esmeralda", *Augusto de Lima.* — Re-
citas de poesia, *Amadeu Amaral* 158

RESENHA DO MEZ: — Enfermidades da lingua, *Silvestre Silve-*
rio. — Academia Brasileira. — Assis Brasil. — Movimento edi-
torial. — Vida literaria. — "Vultos e livros". — Universidade
Feminina 177

NOTAS DO EXTERIOR: — Um plebiscito literario. — Autogra-
phos de Baudelaire. — A proposito do Bello. — A aristocracia
russa em Paris. — Os japonezes na California. — O vôo sem
asas. — Nosso corpo immortal. — Os Saint-Aulaire. — Trans-
missão experimental da febre amarella 183

CARICATURAS DO MEZ 190

GRAVURAS (fôra do texto): — Retrato de Paulo Setubal — Paisagens
de C. Amazonas.

Ver a ultima pagina da capa.

SEIOS

DESENVOLVIDOS, FORTIFICADOS e AFORMOSEADOS, com A PASTA
RUSSA do Doutor G. Ricabal.

O unico REMEDIO que em menos de dois mezes assegura o DESENVOLVI-
MENTO e a FIRMEZA dos SEIOS sem causar damno algum á saude da MU-
LHER. — "Vide os attestados e prospectos que acompanham cada Caixa.
Encontra-se á venda nas principaes PHARMACIAS, DROGARIAS e CASAS
DE PERFUMARIAS DO BRASIL.

AVISO — Preço de uma Caixa 8\$000, pelo Correio mais 2\$000. Pedidos ao
Agente Geral,

J. DE CARVALHO Caixa Postal, 1724 — Rio de Janeiro.
Deposito: Rua General Camara, 225 (sob.)

GRAVIDEZ

Evita-se usando os *Pessarios Americanos*; são inoffensivos,
comodos, de effeito seguro e antisepticos. — Encontam-
se á venda nas principaes DROGARIAS DE S. PAULO.

AVISO — Remette-se registrado pelo Correio, para qualquer parte do Brasil,
mediante a quantia de 8\$0000, enviada em carta com VALOR DECLA-
RADO, ao Agente Geral

J. DE CARVALHO — CAIXA POSTAL N.º 1.724
RIO DE JANEIRO

ASTHMA

O Especifico do Doutor Reyngate, notavel Medico e Cientista Inglez, para
a cura radical da Asthma, Dyspnéas, Influenza, Deffluxos, Bronchites Catar-
rhaes, Coqueluche, Tosses rebeldes, Cansaço, Suffocações, é um Medicamento
de valor, composto exclusivamente de vegetaes, não é xarope, nem contém
ioduretos, nem morphina e outras substancias nocivas á saude dos Astmaticos.

Vide os attestados e prospectos que acompanham cada frasco.

Encontra-se á venda nas Principaes Pharmacias e Drogarias de São Paulo.

DEPOSITO — Rua General Camara, 225. Sob. — Rio de Janeiro



BYINGTON & CIA.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERRO DE ENGOMMAR

LAMPADAS

ELECTRICAS 1/2 WATT

ISOLADORES

TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcção de Instalações Hydro-Electricas completas, Bondes Electricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & CO.

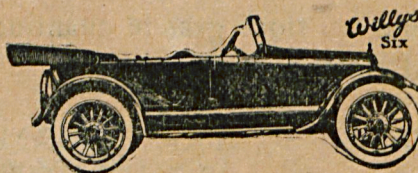
Telephone, 745-Central — S. PAULO

LARGO DA MISERICORDIA, 4



Officinas e Garage Modelo

DIAS CARNEIRO & C.



UNICOS IMPORTADORES DOS

**Automoveis OVERLAND e
WILLYS KNIGHT**

Grande stock de accessorios para
automoveis.

**DEPOSITO PERMANENTE DOS
PNEUMATICOS "FISK"**

**Mechanica — Pintura — Sellaria
Carrosserie — Vulcanisação —
Electricidade.**

**Executa-se qualquer encomenda com
rapidez**

TELEPHONES:

ESCRITORIO Ct. N. 3479

GARAGE Cd. 5411

CAIXA POSTAL N. 534

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: "ALDICAR"

RUA 7 DE ABRIL N. 38

AV. SÃO JOÃO Ns. 18 e 20

São Paulo

CANTO LIBERO BADARO'





PORCELLANAS

CRISTAES

ARTIGOS DE CHRISTOFLE

OBJECTOS DE ARTE

PERFUMARIAS

O melhor sortimento

Casa franceza de
L. GRUMBACH & CIA.

Rua de São Bento N.º 89 e 91
SÃO PAULO



UNESP - Biblioteca - Assis

Class.: 0X050

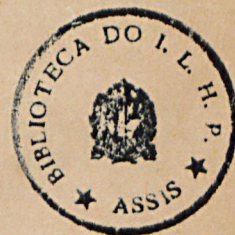
Tombo/Tit.: 1084

REVISTA DO BRASIL

VOLUME XVII

MAIO - AGOSTO DE 1921

ANNO VI

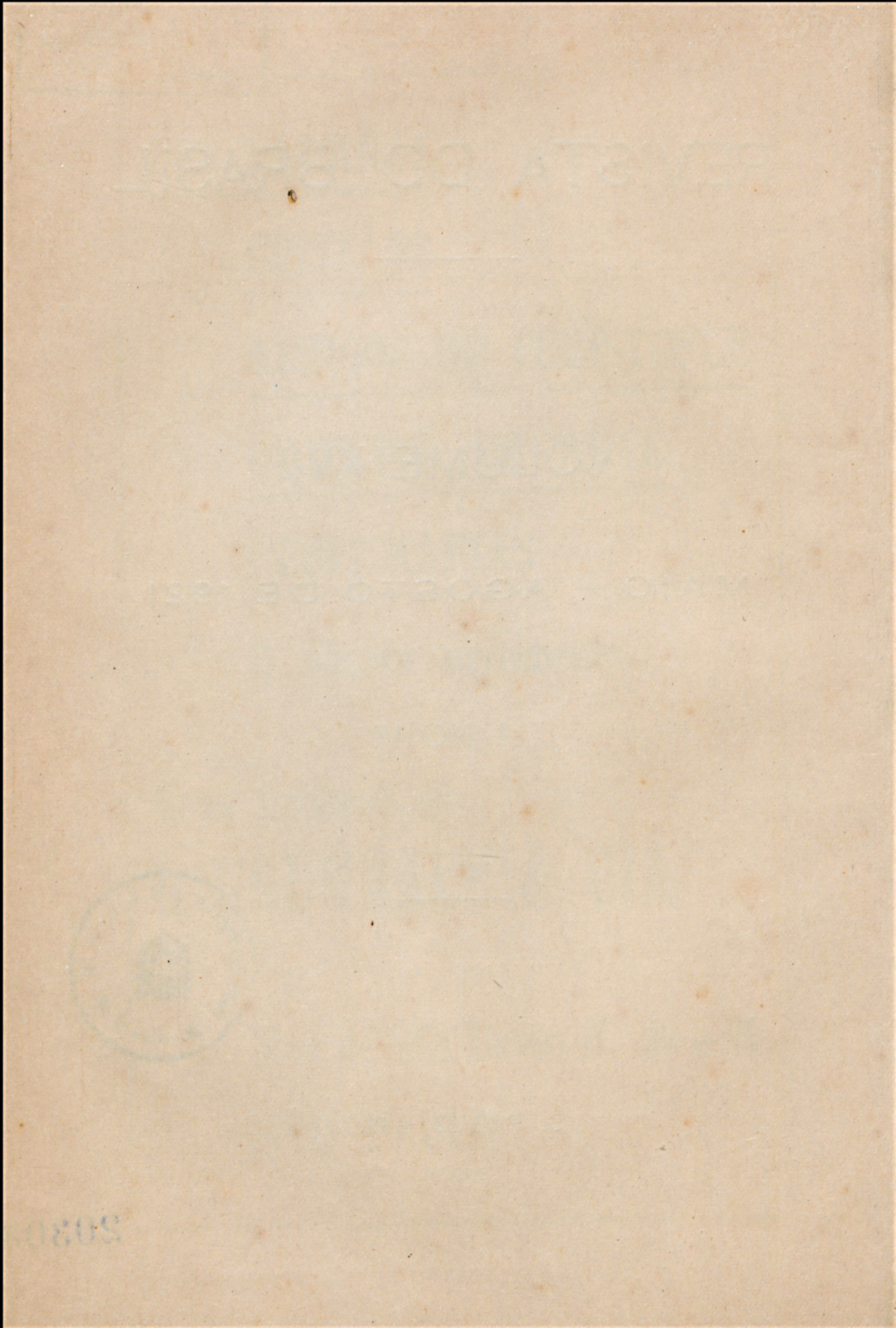


S. PAULO - RIO

BRASIL

20308





REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES:

AFRANIO PEIXOTO
AMADEU AMARAL

N. 65
MAIO
1921

EDITORES

MONTEIRO LOBATO
& COMP. — SÃO PAULO

UM EPILOGO

POR CARLOS MAGALHÃES DE AZEREDO

(da Academia Brasileira)

Têm aqui os leitores uma novella completa — uma novella de amor, penetrante e luminosa — a revelar mais uma faceta do talento do illustre homem de letras, tão brilhante no verso, como no discurso academico, na fantasia, na chronica ou no conto.

I

MARIO TELLES, pela terceira vez, tirou da gaveta da escrivaninha a carta que recebera na vespera. E releu-a:

“Prezado senhor doutor, preciso muito de lhe falar a propósito de uma recomendação, que desejo para o Ministerio da Indústria. Sei que o senhor consegue o que quer nessa repartição, e que posso contar com a sua bondade a meu favor. Se não lhe fôr demasiado incómodo vir visitar-me, eu o esperarei, qualquer destes dias, sem necessidade de aviso seu, pois, das cinco horas em diante, costumo ficar em casa. Agradeço-lhe desde já a gentileza, e peço-lhe que aceite minhas atenciosas saudações.”

Era isto, mais a assinatura: “Georgina de Menezes”; mais o endereço, em rua remota, uma das ultimas transversais á de São Clemente. Considerou a letra: idéntica! de hastes finas e altas, de curvas um pouco angulosas, de talhe miudinho. Aspirou o perfume, que se evolava da folha estreita e longa, de papel áspero, intonso, acizentado: o mesmo de outr’ora, o mesmo que se evolava, outr’ora, dos seus vestidos, das suas batistas e cambraias intimas, dos seus gestos langorosos — *Peau d’Espagne*, de Guerlain... Que fidelidade ao passado parecia indicar a persistencia no uso d’esse perfume, delicioso e nobre sem dúvida, mas fóra de moda desde tantos anos!



Muitos havia que Mario Telles não se encontrava com Georgina de Menezes. Quantos? vinte e quatro... não; vinte e tres, e mezes. Tal foi a conta, que ele executou rapidamente. Mas havia vinte, acaso, vinte, por certo, que não lhe acontecia pensar nela, se não de longe em longe, quando alguma circunstância exterior lhe reconduzia á memoria aquele nome, outr'ora proferido a cada instante, aquela imagem, tão presente e dominante outr'ora. Separados bruscamente, na iminencia de um escandalo, que só assim pudera evitar-se, nunca mais se tinham escrito sequer. Pouco depois, Mario partira para Pariz, e lá estabelecera residencia. Mais tarde, começara a dividir o seu tempo entre a Europa e o Rio, onde alguma vez se deixara ficar um ou dois anos seguidos. Mas Georgina, já então viuva, se retirara da sociedade, morava sempre em bairros afastados do centro; nem um encontro fortuito e momentaneo se déra, em tão dilatado periodo, quasi um quarto de século!

E agora, de repente, esta carta! A vida, na verdade, tem surpresas exquisitas. Que lhe queria Georgina? Não era ele tão ingenuo, que acreditasse na história da recomendação para o Ministério da Indústria, com quanto soubessem todos ser ele intimo amigo do ministro. Seria isso, naturalmente, mero pretexto. Por outro lado, não atinava... Oh! — concíui, entre preocupado e divertido — se atinasse, já não haveria surpresa! Como quer que fosse, andava muito intrigado, e, tambem, um pouquinho comovido com ela. O mistério da cousa, como sempre que houvesse mistério em assumtos de seu interesse, o excitava, o enervava, o punha num mal estar fisico, do qual sentia a necessidade de libertar-se o mais depressa possivel. Ao receber, na véspera, a extranha carta, uma especie de medo o colhera — um calefrio, o temer covarde de remergulhar assim nas ondas escuras e gélidas do passado, de um passado não sem remorsos. Tivera um momento de hesitação. Mas vencera-o logo. Havia de ir. E só não fôra imediatamente, porque a missiva lhe chegára já tarde, ás sete da noite.

Olhou o relógio pousado sobre a escrivaninha. Eram as tres e meia. Cedo ainda. Mesmo tomando o bonde, chegaria lá antes das cinco. Não devia chegar antes das cinco e um quarto. Nesse caso particular, a excessiva pontualidade não seria cortez. Poderia Georgina ter-se demorado fóra um pouco mais; e ficaria vexada...

Abriu um jornal, depois outro, e outro. Estavam inspidos os jornaes todos, naquele dia. Postou-se diante do espelho, a dar os últimos retoques na sua *toilette*. Eram inuteis. Muito bem alisados e lustrosos os cabellos; irrepreensivel o laço da gravata; tudo no seu lugar, tudo admiravelmente combinado, perfeito. E para que tanto esmero? para impressionar Georgina... vinte anos depois... como num capitulo de romance antigo? vinte e tres, e mezes, aliás... Não. Que idéa! Simplesmente por decôro proprio, porque assim vestia sempre, genuino *dandy* de nascença.

Apoiou-se á janella aberta. Era uma tarde de comêço de Dezembro, fresca, apesar da estação, e radiosa. Houvera toda a noite temporal com



grande chuva. Soprava agora do largo a aragem vespertina, encrespando de leve o mar glauco entre os morros muito verdes; trazia o seu ritmo alado e cantante até as arvores da Avenida, e as do pequeno jardim, e os convólulos floridos, que forravam o balaustre da janela. Mas a sua grande festa era com as palmeiras da rua Paisandú, e, lá, num extremo do quadro, com as do outeiro da Glória, como a grande festa do sol era, ahi perto, em o trechosinho de Atlântico — lapislazuli precioso — que fulgurava á base do Pão de Assucar, e, lá, defronte, com a esparsa casaria branca, ofuscante, de Icarahi. Pelas amplas e longas veredas deslizavam automoveis, aos tres, aos quatro, sem cessar, na direcção do Passeio Público, e na direcção de Botafogo; e outros, costeando o jardim, entravam na praia, vindo do Catete, das Lorangeiras. Rentes aos cais, grupos de basbaques paravam, ou estacionavam, mirando as proezas dos banhistas; de quando em quando, alguns saíam da agua, e outros chegavam, seminus, impávidos, caminhando pela Avenida, ostentando a musculatura brava aos olhos de damas e donzelas, como se estivessem *intra muros* de um parque privado. Um hidroplano ergueu-se do fundo da baía, subiu, subiu, e em bela curva, a grande altura, passou zumbindo, esguio e esbelto, como libélula enorme.

Mario sentiu com volupia a caricia da luz e da brisa, mas em vão tentou fixar a vista e a alma na magia daquele painel maravilhoso; em vão tentou refugiar-se nos detalhes mais proximos, nos aspectos dos predios vizinhos, e no movimento dos transeuntes pela Avenida. Afinal de contas, porque lutava assim com a enchente das recordações? Era um capricho lunático, uma verdadeira extravagancia, no seu temperamento, que tanto gostava dessas voltas ao passado.

Recostou-se na sua poltrona, acendeu um cigarro, e, entrecerrando as pálpebras, abandonou-o fremente, quase frenético, á evocação da sua adolescência, que desde a vespera se empenhara em esquivar por todos os meios.

Reviu-se, como diante de um espelho, naquela manhan dos seus quinze anos; naquela manhan que lhe abrira, mais cedo do que soe acontecer ao comum dos homens, as portas da sua vida de homem. Quinze annos; quinze annos apenas! Não fôra cedo de mais? Devia felicitar-se, ou lamentar-se, da precoce iniciação, e das suas consequencias pela vida além?

Quinze annos! Oh! era belo; sim, era belo, com o seu talhe fino, mas não franzino, com os gestos harmoniosos, com os cabelos pretos ondedados e opulentos, o rosto moreno mate, um pouco comprido, a fronte luminosa e perfeita, a boca san, um tanto larga, simpática, os grandes olhos castanhos, profundos, radiantes de inteligencia, mas, ao mesmo tempo, de bondade e candura. A candura... murchara num atomo, como camelia amarrotada por dedos grosseiros... e, *aqueles*, não eram grosseiros, eram delicados, deliciosos; mas não eram criminosos, juntamente? A bondade... não murchou, por que essa inheria ao proprio carácter, estava no sangue e na medula... mas contaminou-se ela mesma; divorciou-se da rectidão absoluta, pactuou com a impureza e a culpa, condescendeu com os cegos impulsos do temperamento, em vez de corrigil-os e disciplinal-os...

E fôra Georgina!... Desde quando a conhecera Mario? desde que a si proprio se conhecia. As duas familias eram tão amigas, como se consti-



tuissem uma só família. E morando em casas contiguas, na época em que Mario nascera, pode-se dizer que, da manhã á noite, não se separavam. Georgina tinha uns dez anos mais que ele; e, certo, o carregara ao collo, o acalentara em seus braços de menina já crescadinha. E dera-lhe brinquedos; de um lindo cavalo se lembrava ele ainda, cavalo de luxo, que parecia verdadeiro, e fôra o seu enlevo, o seu melhor tesouro, emquanto lhe durou a infancia. E dera-lhe um presente, mais tarde, em premio de exames brilhantes: presente já mais de homem, um *necessario* de escritório, tinteiro e porta-selos de cristal e prata, caneta, lapis, cortapapel e canivete de prata e marfim.

Georgina casou muito cedo, mudando, por isso, de residencia. Mas elle ia lá de continuo, duas, tres vezes, por semana; almoçava, jantava, passava dias inteiros. Ficava até tarde; e lembrava ainda as conversas compridas com ella, no seu belo quarto de casada; elle sentado numa cadeira baixa, ella recostada numa preguiçeira de brocado côr de morango, e, no berço, todo de rendas e fitas roseas, a filhinha que ressonava docemente. Mais de uma noite, até, porque chovia a cantaros, dormira lá, num quarto ao lado, com a porta aberta, para que não tivesse medo. E ainda lembrava as mãos alvas e puras de Georgina — as suas mãos maternas — a ageitar-lhe os travesseiros, a aconchegar-lhe a colcha em torno aos hombros; e a sua voz calma a dizer-lhe: “Dorme soçegado; eu fico acordada até tu dormires”.

Quem teria, pois, podido imaginar?...

Naquella manhã, Mario fôra cedo para lá. Terminara dias antes, com magnificas notas e aplausos no exame de filosofia, os estudos secundarios, e devia entrar em breve para a escola politécnica. Mas era ainda uma criança, agitada e exuberante, precisava de muita expansão ruidosa, e muito exercicio fisico. Com Alda, a filhinha de Georgina, menina de onze annos, mas desenvolvida para a idade, e com o filho, Pedrinho, um pouco menor, correrá pela chacara horas e horas, escalara mangueiras e goiabeiras, balançara-se no trapezio em volutas temerarias, atirara pedras ao alvo contra o muro dos fundos, pintara o diabo, em suma.

Escaldado, vermelho, sedento, entrara na copa em busca de uma moringa de agua bem fresca. Georgina, que da janela, baixa estivera observando as correrias dos pequenos pela chacara, voltou-se para elle, de chofre. Estava palida e séria, e nos seus olhos muito abertos ardia um incendio tenebroso. Tomou-lhe as mãos ardentes nas suas, geladas, trémulas, e disse, com voz extranha, de timbre metálico, um pouco rouca, voz que elle nunca lhe ouvira: “Mario, tenho ciumes de ti... com Alda!”

O rapaz ficou aturdido um momento, sem atinar; mas logo, reflectindo, interpretou as surprehendedes palavras no sentido da sua innocencia. Imaginou fossem ciumes de mãe, receosa de um arrefecimento na ternura da menina em favor de um amiguinho predileto. E, em harmonia com o seu pensamento, respondeu, rindo: “Ora, Georgina; que idéa! você será sempre a primeira no coração de Alda!”

“Não! não é isso!” — murmurou ella, com voz ainda mais surda; e puxou-o para si com ambos os braços, arqueando o peito e o ventre. Baixou as palpebras, e uma onda de pudor lhe irrigou a palidez do rosto, como se ella se envergonhara do que estava dizendo e fazendo.

Foi para Mario uma revelação fulgurante; foi uma radical metamorfose. A criança desapareceu num segundo; o homem surgiu. Vibrante, impetuoso, egoista, despótico, no delirio e na explosão dos instintos subitamente despertados. A cabeça de Georgina, curvada, se apoiara um pouco sobre o peito de Mario. Como se estivesse diante de uma mulher desconhecida, nunca vista, elle considerou num relance a pequenez mimosa dessa cabeça, que gentilmente acentuava a esbelteza natural da estatura; con-



siderou a finura sedosa e a abundancia e o lustre dos cabelos, castanhos com vagos reflexos louros. Extasiou-se no desenho puro da nuca e das espaduas, na alvura levemente nacarada da cutis, e apertou nos braços, como um tesouro, a moleza e o abandono do busto jovem, a rija redondez dos seios ofegantes. E investiu-o, envolveu-o, estonteou-o, com o aroma da feminilidade sadia e bem tratada, o da essencia preferida — *Peau d'Espagne*, de Guerlain. E exaltou-o, liricamente, dionisiacamente, a idéa de que era aquela uma presa magnifica, e que lhe pertencia... sim; cousa fantástica, nunca sonhada, incrível, mas real: lhe pertencia...

Como ele, tomando-lhe o rosto nas mãos, lhe buscasse ávido a boca, Georgina hesitou, retrocedeu, por um instante. Acaso a empolgara o pavor da voragem cavada a seus pés. "Mario! Mario! — gemeu — não me faça ficar mal!" — Mas a luxuria masculina, o orgulho masculino, temerariamente provocados, não entendiam escrupulos serodios. Mario abafou-lhe as palavras num tumulto de beijos famintos. Depois disse-lhe: "Vamos para cima... vamos para cima!" E, agarrando-a pela cintura, já domada a resistencia efêmera, levou-a para os seus aposentos.

Quando, uma hora depois, deixou a casa, e se achou na rua, em pleno sol, cambaleava, como um ebrio. Tinha uma sensação de vazio nas veias, no cérebro, e, acompanhado de profunda delicia fisica, um singular espanto de si proprio. Como a alma e a vida tinham mudado, ceus! em uma hora! E era ele, ele, o protagonista daquele drama? Ele, que ainda, naquela manhan mesma, despertara inocente, quanto o pode ser um rapaz de quinze anos, conhecedor, sim, do mal, e não puro de toda na sua carne, mas incapaz de tentar, de conceber sequer, uma aventura de tal gravidade? Pois, certo, não havia nem termos de confronto entre banaes, passageiros divertimentos com criadinhas, e aqueles amplexos chamejantes, devoradores, com uma senhora até então respeitada tanto como querida, e tão intima da sua familia, que agora o pungia quasi um remorso de um incesto moral... Mas a turbida torrente da luxuria reagia contra os reproches da consciencia, acendendo-lhe na imaginação promessas de futuros gosos infinitos, e as fanfarras do orgulho o estimulavam, como os clarins guerreiros estimulam cavalo novo e brioso. Tinha apenas quinze anos, e já uma senhora se apaixonava daquele modo por ele! E que senhora!

Com maravilhosa e soberana complacencia, enquanto ia andando, indifferente aos que por perto dele passavam, e a tudo o que via e ouvia ele para si proprio celebrava todos os dons, todos os dotes de Georgina. Desde pequenino a conhecia; mas na verdade só naquela manhan começara a conhecê-la bem. Soubera até então que era bonita, elegante, inteligente e amavel; mas nunca aprofundara o valor e o alcance excepcional d'essas qualidades, comuns, no seu criterio, a outras senhoras de suas relações. Agora, que a estreitara nos seus braços, que o deslumbrara a beleza da sua mudez sem veus, que o seu ser como o d'ela se fundira ra mais completa união, a amante inesperada lhe apparecia como a mulher por excelencia, a creatura sem par no mundo — um mundo ela mesma, um mundo até ali defeso e não suspeitado, d'ali em diante oferecido, com todos os seus encantos, e todos os seus segredos, ás explorações infatigáveis do desejo. E o mesmo nome da amante inesperada, o nome que ele tantas vezes ouvira e proferira desde a infancia, soava agora, pronunciado pelos seus labios nos estos da paixão, como musica nova, melodia extasiante: Georgina! Georgina!

Uma curiosidade, nesse lance, lhe surgiu do espirito. Fôra aquilo, nela, sublevação repentina dos sentidos, vertigem inopinada e diabólica, em que se desmoronara, como numa fantasmagoria, toda a situação anterior de mútuo recato, entre uma senhora casada, séria, que o tratara sempre como



um filho, ao menos como um irmão menor, e ele proprio, que lhe correspondia com o affecto mais reverente? Vieram-lhe, então, á memoria circumstancias dos ultimos mezes, que haviam passado despercebidas á sua incauta candura, mas que ele agora interpretava como indicios precusores d'aquela brusca explosão: olhares singularmente demorados, longos apoios do corpo d'ela sobre o seu, quando ambos estavam á janela, pressões ao parecer involuntarias dos joelhos sob a mesa, beijos mais repetidos que d'antes á chegada e á sahida.

Com taes detalhes, acudiu-lhe a visão de um passado mais remoto, de quando nada disso existia, tudo era pureza, paz, amizade sem nodoa, confiança reciproca e inteira. Tornou-lhe o remorso de peccado cometido; compenetrrou-o uma especie de medo da inaudita situação creada em uma hora. Mas a luxuria e o orgulho reagiram ainda, triumpharam: "Está feito — decretou ele — Não se pode voltar atraz!"

Enfrentava com o portão do seu jardim. Entrou, almoçou com forte appetite, e humor jovial. Não quizera almoçar em casa de Georgina, porque o teria vexado, logo depois do que houvera, a presença das crianças. Com o ultimo gole de café, levantou-se da mesa, refugiou-se no seu quarto; e a tarde inteira, sentado junto á janela aberta para o quintal, fumando charuto sobre charuto, repensou a sua extraordinaria aventura. Enquanto a sua carne jovem parecia dissolver-se num langor delicioso, olhava com olhar novo as arvores e os animaes familiares. Sentia-se vinculado a todos os seres vivos por uma fraternidade mais intima e terna, como se a sua iniciação na obra viril o tivesse tornado um elemento da natureza.

II

Assim principiou essa ligação, que devia durar cinco anos, acompanhando-o do termo da adolescência ao limiar da mocidade. As primeiras semanas foram, de parte a parte, um incendio de paixão, que não deixava logar a protesto algum da consciencia, a cautela alguma contra possíveis surpresas. Pouco a pouco, no espirito de Mario, os escrúpulos voltaram; chegou por momentosa aterral-o o espectáculo da sua posição naquela casa, onde fôra recebido sempre, mais que como amigo, como pessoa da familia. A vista de Alda e Pedrinho, seus companheiros de brincados, o acanhava. A do marido ultrajado lhe incutia um sentimento mixto de vergonha e pena; era ainda grande vantagem que o visse muito pouco, absorvido com ele estava, e estivera sempre, da manhan á noite, pelos negocios dos bancos e das sociedades industriaes, que dirigia.

Com essas causas de perturbação, entre o ardor dos prazeres, enlaçavam-se, de quando em quando, escrúpulos de indole religiosa. Porque ele, em toda aquela desordem sexual, se conservava cristão, católico; não osava proclamar o direito pagão ao maximo goso, e ao desenvolvimento, sem obstaculos, da sua individualidade soberana. A vida tinha agora para os seus labios um sabor maravilhoso e sublime, nunca antes provado; e ele não queria, certo, despegal-os da taça de ouro, onde a largos haustos bebia o nectar da volupia. Mas não se dissimulava que tal sabor era o do peccado, que ao vinho olimpico se mesclava o veneno de condenação eterna.

O salutar terror chegou varias vezes a triumphar, por mais ou menos tempo, dos delirios carnaes; sobre tudo, nos dias, em que Mario assistiu, consternado, por ele e por si mesmo, á agonia e á morte de um dos seus colegas da escola. Fitando e tornando a fitar o defunto, que uma semana antes, cheio de saude, de esperança, de alegria, feliz, ria, e falava, e cantarolava, Mario se via, constantemente, no logar do amigo, ali, no féretro



aberto, fechado depois, debaixo da terra, por fim... e onde mais? no inferno — não o pobre morto, que fôra honesto e bom, mas ele, ele, Mario — no inferno, para toda a eternidade. E, por muito que lutava contra a obsessão, não conseguia libertar-se.

Em taes crises, moralisava energeticamente junto a Georgina; demonstrava-lhe a necessidade absoluta de renunciar aos pecaminosos deleitos, de esquecer-os, de rebatisar na castidade do antigo affecto duas almas creadas por Deus para merecerem as supremas recompensas. E tinha a força moral de afastal-a de si, furtando o corpo aos seus abraços, e a bocca aos seus beijos, recalcando nas fibras palpitantes os demonios do desejo, que as torturavam. Georgina concordava, ou fingia concordar; contemporisava. Percebia, com o seu instinto seguro de mulher, a fragilidade e a fugacidade dos arrependimentos; espiava, paciente e sempre alerta, o momento em que lampejava a vitória fulminante da carne sobre o espirito; e, prompta, agil, como serpente que se atira ao pescoço da presa, nunca o deixava escapar. Tinha a intuição nitida de que lhe cumpria condescender, a principio, com os receios, e até com os caprichos, do amante inexperto, para conseguir o dominio completo e incondicional sobre ele, a que aspirava. E, entretanto, estava, tambem ela, na sua primeira aventura amorosa!

Não tardou muito a atingir a meta sonhada. O habito da culpa se consolidou rapidamente em Mario. Não havia de ser tão idiota, que se desterrasse daquele inefavel paraíso... tanto mais que não o tomara de assalto (Georgina, habilmente, sempre que se lhe deparava ensejo, assumia, sem hesitar, toda a responsabilidade da falta)... Pois que a religião o embaraçava, ele, sem romper com as crenças, mas evitando discutil-as no fóro intimo, afastou-se dos sacramentos. Adquiriu vigorosos nervos, que já não o traíam, e faces de bronze, que não empalideciam mais, nem coravam, diante de quem pudera lavar em sangue o adulterio, se o descobrisse. E quando, acaso, uma vez ou outra, os escrupulos, timidamente, tentavam abordal-o ele os reduzia ao silencio com um veredicto brutal: "Se a Georgina tudo isto não importa nada, porque me ha de importar a mim?"

Tacitada assim a consciencia, essa importuna, abriu-se para Mario uma era de felicidade inebriante. E não só dos sentidos. Georgina não era uma mulher vulgar. Entrar na maioridade efectiva pela sua régia mão nada tinda de comum com as desolantes e degradantes experiencias, por onde começava a viver a maioria dos rapazes. E havia esta primeira vantagem: evital-as. A figura fisica e moral da mulher, que primeira nos ensina a amar, se reflecte não raro para sempre na imaginação, influido sobre as que lhe succedem na posse da nossa existencia. A Georgina faltaria a auréola da virtude sem mácula, que, de resto, não era necessaria para o seu prestigio aos olhos do amante; mas ela não rebaixava o seu sexo, antes o enaltecia. Tinha qualidades reaes, mesmo de coração e character: era caridosa, generosa, justa, gentil, de trato e animo. A sua reputação pairava intemerata sobre as aliás tão faceis maledicencias mundanas; isso provava, pelo menos, não ser dama ligeira, nem *coquette*, e não era o menor dos motivos, que Mario contava para ufanar-se dela em segredo.

Mas, sobre tudo, valia, pela intelligencia, pelo tacto, pelo gosto, como admiravel iniciadora na vida. A morada, a alcova, a saleta particular, os moveis e *bibelots* predilectos, as flores e as cores preferidas, a *toilette*, nas suas preciosas minucias, de uma jovem senhora verdadeiramente elegante, não concretisam, para um amante ainda mais jovem que ela, preceitos e exemplos de distincção, que o enfadam para sempre das cousas grosseiras e banaes? E as suas maneiras na intimidade e na sociedade, os seus juizos mesmo sobre pessoas e cousas, quando imunes de todo azedume de ma-



levolencia, e as suas sugestões, os seus conselhos sempre discretos e delicados... não superam muitos cursos de teorias e práticas exclusivamente masculinas?

Estes eram alguns dos dotes e dons de Georgina; haveria, porém, ainda a sua cultura; tal não se encontraria com frequencia em uma senhora, especialmente brasileira, sul-americana, naquele tempo. Na musica ela deixava a imensa distancia, em outra categoria de gente, as mediocres amadoras, numerosas nos nossos paizes; possuia essa arte em todos os seus arcanos de técnica e de sentimento. E o piano, sob muitos outros dedos instrumento de suplicio das assembleas, se transformava, sob os seus, tão finos e tão lindos, em magico dispensador de inefaveis sonhos. Depois, lia mutio, e sabia ler. Nada de Perez Escrich, Xavier de Montépín, Georges Ohnet, e outras pestes. Na sua pequena e galante bibliotheca de pau rosa, Daudet e Maupassant e Flaubert se acotovelavam com Dickens e Thakeray; Lamartine, Hugo, Musset, com Byron e Thomas Moore; nem estavam ausentes — naquele tempo! — Sully-Prudhomme, Baude-laire e Verlaine. Os habitos intellectuaes contraidos no collegio de freiras, onde se educara, lhe restringiam a curiosidade quasi inteiramente aos livros francezes e inglezes. Mas ela não ignorava de todo os da nossa lingua; e nas mimosas estantes se achariam, com as “Folhas cahidas” de Garrett, e os “Maias” de Eça, o “Braz Cubas” e o “Quincas Borba”, de Machado de Assis, os “Sonetos e Rimas”, de Luiz Guimarães, as “Aleluias”, de Raymundo, e as “Poesias”, de Bilac, frescas ainda do prelo. Quanto a escrever, escrevia tambem — cartas, nada mais — que Mario, muitos anos depois, armando um auto-da-fé portentoso com reliquias de varios amores, não tivera a coragem de destruir as missivas que dela recebera durante as suas breves ausencias do Rio, os bilhetes garatujados ao correr da pena para combinar encontros, e para outros recados.

Mas a quasi ninguem falava Georgina das suas leituras, pois nada tinha de *bas-bleu*. A Mario, entretanto, falava muito. Emprestava-lhe e pedia-lhe livros. E prendia-o junto ao seu piano, horas e horas, tocando peças de Spontini, Bach, Haendel, Beethoven, Liszt, Saint-Saens, Brahms, pouco familiares a ouvidos fluminenses.

Não ficava, porém, o seu encanto no egoismo da convivencia a dois. Queria que Mario frequentasse a sociedade; queria-o, por ele, e por si mesma. D'esse modo o salvava dos contagios da boemia vulgar; e se proporcionava o ensejo de brilhar a seus olhos no esplendor da sua formosura, e do seu luxo de escol. Exaltava-o, entusiasmava-o (guiando-se ainda nisso pelo seu instinto seguro de mulher), com a sensação que mais preciosa devia ser para um mocinho da sua idade: ver admirada, requestada, por homens de grandes bigodes, uma mulher bela, deliciosamente vestida, infinitamente desejavel, e pensava: “Ela é minha, só minha!” Suscitaria em sua alma uma pontinha de ciume essa insistencia dos cortejadores? Tanto melhor; seria um incentivo mais para a paixão. E quanto á eventualidade de qualquer perigo, Mario possuia a tal ponto todos os meios de vigilancia sobre cada um dos seus passos, que não podia pôr em duvida a sua fidelidade.

Teria sido, pois, o ideal... Meu Deus! Mario não ignorava o que poderia objectar algum moralista intransigente: “O ideal consiste em não atravessar nenhuma d'essas historias de lascivia, e chegar ao casamento em estado de absoluta pureza!” Mas isso era para homens de caracter excepcional, como ele conhecera dois ou tres; o seu nada tinha de excepcional, nesse capitulo ao menos. Teria sido o ideal... mas amava ele realmente Georgina? Gostava dela, muito, muitissimo; votava-lhe gratidão ilimitada; uma especie de culto, mesmo; fazia das suas qualidades o mais



subido conceito; ralava-se de ciúme ás vezes pela minima cousa... Se em tudo isso, porém, e particularmente no fervor dos seus amplexos, havia não raro a aparência, e ainda a ilusão do amor, ele sentia, e confessava a si proprio com amargura, que não era o verdadeiro, o inconfundivel, o incomparavel amor! Afecto sincero, sim, entranhada atracção fisica, porventura, mas não amor! não á fusão completa, a identificação humana e divina da sua alma com a alma da amada! e aliás, quantos esforços, leaes, obstinados, heroicos esforços, para amal-a!

Qual o impedimento? não, por certo, o travo adulterino. Muitas vezes, depois, amara devéras apezar d'ele. Seria o sentimento, entre filial e fraterno, que precedra a culpa? Era possivel; mas, em suma, quem pode elucidar o mistério das afinidades? Vendo e conservando outras mulheres, naquele periodo de cinco annos, Mario percebia que seria capaz de amal-as, ou como amantes, ou como noivas. E era uma emoção diferente de tudo o que Georgina lhe inspirava. Em mais de um caso, até, cometeu infidelidades fisicas; ephemeras e sem relêvo, não tinham elas grande importancia em si mesmas; a tendencia as infidelidades mo-raes é que constituia indicio mais grave.

Por isso tambem, ao cabo de tres ou quatro anos, começou a manifestar-se na sociedade, e ele se espantava de que não tivesse vindo mais cedo. Retardaram-na a estima pessoal, a pena de abandonar uma tão suave creatura, e os sortilegios secretos da sua venustez cada dia mais viçosa e empolgante. Mas simultaneamente a consciencia amadurecia, e os antigos escrupulos voltavam a combater o bom combate. Em raros instantes de coragem suprema, ele ousava falar a Georgina de uma "transfiguração" d'aquelle amor (assim, naturalmente, o chamava), agora que Alda já estava uma mocinha, e podia surpreender, advinhar... "E' preciso que Alda te respeite, te adore sempre como a mais alta encarnação da virtude..." Homem que começa a venerar a amante... mau signal...

Mas ela nem admitia que se lhe tocasse nesse ponto. A' menor insinuação, ficava, ora uma furia, ora um rio de lagrimas. "Perde-te! perde-te! — soluçava — Não! cala-te, cala-te!" Ou rugia, como leão ferida: "Já sei. Procuras livrar-te de mim. Gostas de outra. Queres entregar-te a ela sem obstaculos. Mas eu... eu... arranco-lhe os olhos. Tu não me conheces, Mario. Eu sou mulher de atirar tudo pelos ares... reputação, fortuna, familia!"

Depois, abrandando-se, hcmilhando-se, deixava-se escorregar para o tapete, a seus pés, e abraçava-lhe os joelhos, cobria-lhe os dedos de beijos: "Não, meu bem, meu tesouro, meu unico amado. Não é possivel que tu penses em deixar-me. Eu te quero tanto; eu te adoro! Mais tarde, sim, quando eu fôr velha... tu és tanto mais moço que eu... terás o direito, mais tarde, de ser amado por mulheres moças como tu... Mas agora, ainda não. Não sou velha ainda. Achas-me velha? Ainda não tenho trinta anos... Já não sou bonita, para ti? Tu gabavas o meu rosto, o meu corpo, com tanto entúsiismo! Sabes? Muitos homens dizem que eu sou bonita. Mas que me importa, se tu achas que não sou? Ah! feia mesmo... envelhecida, se não velha... Mario! Mario! não me prives do teu carinho; não me arranques o teu affecto; que me arrancarias a vida com ele... Alda e Pedrinho ficariam sem mãe! Eu te quero tanto, tanto, tanto, meu amado!"

Como resistir ás palavras soluçadas, que se sentiam, em verdade, jor-rantes do coração dolorido? como resistir aos filtros d'aquella beleza essencialmente voluptuosa, tanto mais voluptuosa, quanto mais tocante? e aos gestos tacteantes, envolventes? e aos beijos longos, profundos? e á maciez floral da fronte, das faces, dos pulsos? e ao aroma primaveril de toda essa magnolia tropical, sumptuosa, soberba? Taes scenas de repro-



ches e súplicas acabavam todas em delírios carnaes como os das primeiras semanas da ligação; e Mario sahia deles no renovado engano de que, realmente, amava Georgina.

Mas, em breve, tornava a perceber que era um engano apenas; e, a despeito do reconhecimento, e da comiserção, e do desejo fisico, ardente ainda, e da ternura mesma, rebelava-se no íntimo, por momentos, contra aquele jugo. Havia de ficar toda a vida escravizado á culpa, e ao perigo? não poderia nunca escolher uma noiva, formar honestamente um lar cristão? E por dias, ás vezes, não aparecia a Georgina.

Pois que Alda crescia em estatura e intelligencia, tornava-se uma moçinha perspicaz e curiosa, Mario tremia, de facto, ao pensar no risco de que ela percebesse qualquer cousa. Desde que pudera contar com algum dinheiro seu, ganho em colaborações jornalisticas, tomara um lindo e poetico apartamentinho, numa especie de vila solitaria, para as bandas da Gavea; um verdadeiro ninho entre jardins e bosques, para as entrevistas amorosas. E não se cansava de recomendar prudencia a Georgina; prudencia nas idas, frequentissimas, ao "solar dos beijos", como ela dizia; prudencia, sobre tudo, em casa, pelos meninos, e pela criadagem. Mas Pedrinho foi posto num collegio de meio pensionista; Alda, pouco depois, entrou, nas mesmas condições, para um instituto de religiosas. Só vinham ao anoitecer. Restavam, entretanto, as mucamas, o copeiro, o jardineiro. "Prudencia! prudencia!" — era o estribilho de Mario.

Mas ela zombava, alegremente, dos seus temores. Tocava os trinta anos, idade em que a paixão se guinda ao paroxismo. Amava-o, ela, sim, que o amava devéras. Via-o no fulgor do talento e na gloria da juventude, já não menino, mas homem, e sentia-se no momento critico, em que outras lh'o poderiam disputar. Em casa, como no "solar dos beijos", por beijos e abraços e carícias loucas se marcavam os minutos e os segundos.

Era um milagre não terem sido nunca surpreendidos pela criadagem. Mas o milagre — de origem nada divina, seguramente — não podia durar sempre. Uma tarde de Setembro... a casa toda estava em grande silencio; chovia — chuva miuda, e silenciosa ela mesma, a que tenue brisa do Corcovado dava leveza e frescura muito agradaveis. Mario e Georgina, palestrando tranquilamente, á janela da salinha de costura, gosavam a meiguice do ar húmido que vinha do quintal; observavam ar arvores e as flores, que, bebendo sófregas a chuva, se retemperavam da apátia, em que as prostrara o calor dos dias precedentes.

As laranjeiras, que se copavam em frente á janela, pareciam abrir os poros da folhagem lustrosa para absorverem a linpha tonificante, e as dalias multicores, os rododendros, as peonias, que em densos massiços floreciam junto aos troncos, adquiririam, já lavadas e limpas da poeira as miudas volutas das suas pétalas, matizes ricos de setim, de veludo, de porcelana esmaltada. O grande cão irlandez girava entre os canteiros, lento e ondulado, farejando aservas novas, e refrescando o eplo naligeira húmidade; de quando em quando, erguia a cabeça simpática, e pousava os olhos bons no grupo daquelas duas formosas juventudes, enquadradas pela moldura de janela. Pombas aos pares desciam, a espaços, do pombal, adejando vagarosamente em espiraes, pousavam por instantes á beira do tanque para beber, e vagarosamente remontavam aos seus cubiculos sussurrantes de arrulhos. Libélulas ceruleas, uma borboleta amarela, erravam cá e lá sobre os carneiros, apareciam, desapareciam, entre as plantas gotejantes.

Tarde leniente, que inspirava anhelos de paz, de intimidade casta e terna... a leitura a dois de um livro calmo, um pouco otimista... o goso espirital e sem travo de uma valsa de Chopin...

Mas Georgina, de súbito, apertou o amante nos braços, colou-se-lhe toda,



labios com labios, peito com peito. Ele, apreensivo, investigou o quintal, afastou-a da janela aberta.

"Cuidado! — murmurou — o jardineiro póde estar por ahí..."

"Com esta chuva!"

"O copeiro..."

"Sahiu. Dia de licença. Não tenhas medo. Está tudo fechado."

"Vamos para cima; é melhor..."

Não acabava de dizer estas palavras, quando a porta da sala se abriu sem ruido, e entrou Dona Francisca. Dona Francisca era a madrinha de Georgina; senhora piedosa e respeitabilissima, exercia sobre ela autoridade de verdadeira mãe. Naturalmente, achara aberta a porta da rua (Georgina afirmara que tudo estava fechado!), e fôra entrando, com a sua franqueza tradicional na casa.

Os dois amantes de desataram num átomo, mas os penetrantes olhos da velha dama tinham já visto mais que bastante. De resto, o turbamento de ambos valia pela maior das confissões. Dona Francisca nada disse do caso; sentou-se, falou do mau tempo, e de outras cousas indiferentes. Na sua palidez, porém, no tremor da sua voz, e no modo insistente por que fitava Mario, este percebeu a tormenta prestes a rebentar; conhecia o caracter rude e impetuoso de Dona Francisca. Hesitou um instante. Devia ficar? devia receber a sua parte dos trovões e coriscos? Não. A sua presença só podia agravar a situação, já de si bem grave. Desde que o conflicto apparecia inevitavel, antes deixar frente a frente Dona Francisca e Georgina. Entre madrinha e afilhada, quasi entre mãe e filha, o drama seria menos penoso. Levantou-se, alegou um trabalho a concluir, e saiu.

III

Na manhan seguinte, pelas oito horas, estava ainda na cama, e cochilava, por fim, um pouco, depois de obstinada e muito explicavel insonia, quando a criada lhe entregou um bilhete imperioso de Dona Francisca: "Preciso de falar-lhe com urgencia. Venha já."

Sacudiu a modorra, vestiu-se ás pressas, e foi. Previa, naturalmente, cousas desagradaveis; mas já lhe tardava acabar com a incerteza, que o moia, sobre o desenlace do incidente desastroso da véspera.

A velha dama, com os seus cabelos muito brancos, em austeros bandos, a coroar-lhe o semblante magro e cavado, com o seu correto e severo vestido preto, de colarinhos e punhos de cambraia alvissima, estava sentada no sofá da sala, como costumava para receber visitas. Parecia um magistrado no seu tribunal; tanto mais que, da parede, sôbre a sua cabeça, pendia um grande Cristo de marfim em cruz de ébano. Os seus olhinhos de gerifalte fuzilavam. Nem estendeu a mão a Mario. Limitou-se a indicar-lhe uma cadeira.

"Mandei-o chamar — começou logo, com voz áspera — por que passei a noite em claro, e não quero passar, ainda, um dia de torturas, por dois desavergonhados, que não o merecem..."

"Fala de mim e de Georgina, Dona Francisca? por que nos viu abraçando-nos? Mas nos abraçamos sempre que eu entro em casa dela, e quando saio... A senhora bem sabe que somos como dois irmãos..."

"Deixe-se de cavalheirismos superfluos e inoportunos. Viriam ao caso com pessoas extranhas. Comigo não. Eu sou madrinha e como mãe de Georgina. E vi muito bem... o que vi. Com estes — insistiu fincando os dedos nodosos nos seus olhinhos de gerifalte — com estes, que a terra ha de comer. A confusão de ambos... então! E a confissão ampla da sua



cumplice, a mim! Estava emocionada de mais para poder fingir. E chorou; e pretendeu desculpar-se com o desvairamento do amor... Como se uma senhora casada tivesse o direito de amar outro homem além de seu marido! mas você não veio aqui para discutir comigo. Mande-o chamar para dizer-lhe que você não me põe mais os pés em casa de Georgina. Entendeu?"

"Mas, Dona Francisca, é impossível. Pense bem..."

"Impossível? Você ousa..."

"O escândalo, então, seria muito maior; seria terrível. Pois eu, que desde pequeno tenho vivido em casa de Georgina... desaparecer de lá, assim? Que diriam as nossas famílias? que diriam todos os conhecidos?..."

"Sim — concordou a velha dama, depois de reflectir um pouco — Tem razão. E eu, por meu lado, quero ser razoável; o que eu desejo é fazer bem, não mal. Você pode ir ainda uma vez, uma vez só, á casa dela... para despedir-se. Você vai partir do Rio... para Buenos Aires, para os Estados Unidos, para a Europa... Deixo-lhe a escolha. Dou-lhe uma semana para embarcar."

Diante dessa intimação despotica, Mario, sentiu que ruíam, como castelo de cartas, os subterfugios, as transigencias, as protelações hipocritas, com que ele presumia sopitar a colera e embair a perspicacia de Dona Francisca, voltando, em prazo mais ou menos largo, á posse e ao gôso da amante. Se cedia, era a renuncia forçosa, era o termo improrogavel do seu romance. Naquele momento, a saciedade que tanta vez o tomara, em quanto seguro de colher os beijos de Georgina quando e onde lhe apetecessem, subitamente e completamente se desvanecia. Ele só sentia como era bela, com era boa, com era deliciosa. Perdel-a! perdel-a para sempre?! Tentou protestar... afastar a data da viagem; agarrou-se a promessas vagas, a objecções praticas, a formulas condicionaes. Dona Francisca foi inflexível.

"Se você não quer partir por bem, partirá por mal. Ou me dá a sua palavra de que partirá no mais breve tempo possível, ou eu lhe dou a minha — poucas vezes a tenho dado, e cada vez a tenho cumprido — de que ponho o meu chapéu agora mesmo, e vou ao escritório de seu pae contar-lhe tudo. Você conhece o genio dele. No primeiro impeto, uma estralada é inevitavel. E como ficará você, e como ficará, pense nisso! Georgina? Eu não desejo recorrer a estes remedios extremos. Mas, se fór necessario, não recuarei diante de nada. Porque a minha consciencia de cristan, e de rsponsavel diante de Deus, como madrinha de Georgina, pelo seu procedimento, não se conforma, não se conformará jamais, com a continuação desse infame adulterio!"

Mario curvou a cabeça, vencido e calado. Dona Francisca, certa agora do triumpho, proseguiu, em tom um pouco mais brando:

"Você está formado, e uma viagem lhe será de grande vantagem, para completar os estudos, para tornar-se um homem. Com a herança de seu tio, você é independente, quasi rico; não terá de lutar com privações e dificuldades. Voltará — daqui a alguns anos — curado da sua vergonhosa doença, e preparado para um futuro brilhante. Olhe — acrescentou, pegando um jornal em cima da consola — o *Orénoque* sahe a 10; o *Clyde* a 12. Imagino que você preferirá a Europa."

"Sim, Dona Francisca; prefiro a Europa. Mas já que a senhora me impõe este sacrificio, vou pedir-lhe um favor."

"Qual?"

"O de ajudar-me. Esta resolução repentina vai, sem duvida, assombrar minha familia. Fale a senhora tambem com meu pae e minha mãe. Digalhes que é por pedido meu. Eles respeitam muito a sua opinião, a sua autoridade."



“Falarei hoje mesmo. Não ha tempo a perder. Ah! foi Deus, que me levou hontem a casa de Georgina! Deus, ainda assim, clemente e misericordioso, com duas almas tão culpadas... Podia ter levado lá outra pessoa: o marido dela, por exemplo... Deus se compadeceu daquelas pobres crianças, que teriam sido vitimas inocentes de uma tragedia! mas você não se apavora, Mario, do estado de pecado mortal, em que se acha? Vá-se confessar, já, já. Deus é bom, mas lá vem a hora, em que se cança de esperar...”

Ergueu-se do sofá, e, já apaziguada, apiedada talvez, deu-lhe a mão a beijar, maternalmente.

Dez dias depois, Mario partia, a bordo do *Clyde*, para Southampton. Pudera, na vespera, despedir-se de Georgina, abraçá-la estreitamente, beijá-la; mas sem uma palavra de explicação, porque o marido e os filhos estavam presentes. Achou-a palida, porém, serena e firme, na voz como no gesto. Admirou-se de tal dominio dela sobre si mesma. Devia ver depois, muitas vezes, senhoras da alta sociedade européa sorrir, e rir, e conversar animadamente, soberanas de altiva impassibilidade, nos mais atrozes transe moraes.

Poucos minutos antes que o *Clyde* levantasse as ancoras, Dona Francisca apareceu, no grupo dos parentes e amigos, que tinham ido acompanhá-lo a bordo. Chamou-o á parte.

“Não me queira mal — disse-lhe, comovida — Você vai, provavelmente, zangado comigo. Mas um dia me agradecerá. Eu lhe prestei, e a Georgina, o maior serviço, que creatura humana podia prestar. Ela é bôa; foi a paixão que a enlouqueceu. Ha de ser novamente esposa perfeita, mãe exemplar. E de você, meu filho, saiba, eu sempre gostei muito; e sempre puz imensas esperanças no seu talento. Quero que você seja um grande cidadão... mas para isso, a primeira condição é de ser homem de bem. Vá; coragem!”

Abraçou-o com carinho, e deu-lhe um livro: era o “Ensaio sobre a indiferença”, de Lamennais; deu-lhe ainda umas flores do seu proprio jardim, que já tinham estado, naquela manhan — disse ela — aos pés da Virgem, no seu oratorio. Ele correspondeu affectuosamente ao abraço. Compreendera a bondade profunda, que se escondia sob as apparencias rigorosas da velha dama. E chorou, encostado ao seu hombro.

“Dona Francisca — exclamou — não estou zangado, não! Entendo tudo. A senhora é uma santa. Só lhe peço uma cousa: trate bem de Georgina; procure consolá-la.”

“Fique tranquilo. Eu a consolarei; ela precisa de conforto. E a aconselharei, a guiarei... A Deus!”

Os primeiros dias da viagem foram muito tristes. A imagem de Georgina estava de continuo diante, dele, na vigilia e nos sonhos; formosa, oh! tao formosa! e sempre, com os grandes olhos rasos de lagrimas. Era um transunto da realidade, uma especie de fenomeno telepático?

Mas o *Clyde* cortara apenas a linha, que já Mario começava a resignar-se. Mais ainda. No limiar da Europa, na prespectiva, tão sedutora para um moço, das gentes peregrinas, dos espectaculos, dos prazeres, das mil novidades, que o aguardavam além do Atlantico, empolgava-o um sentimento de libertação, contra o qual em vão se rebelava, indignado... cada vez menos indignado. E os ocios da travessia o induziram, suavemente, a cortejar, mero passatempo, uma linda rapariga ingleza, miss Vera, filha; de um lord, que viajava com a governante, e o achara simpático...



IV

Todos esses acontecimentos, que ele repetidas vezes afastara da memória, até imergil-os quasi abaixo dos horizontes da consciencia, resurgiam agora, com vivacidade singular, e com esse acabado dos detalhes, com esse encadeamento lógico, que distinguem as recordações de fases decisivas da existencia.

Porque, tão austero e opiniático, os afastara da memoria até então? por que, homem formado, homem, já agora, maduro, sentia institivamente, e não gostava de confessar a si proprio, que não lhe faziam honra. Escrupulos, ainda? Na verdade!... Em algumas das suas multiplas aventuras sucessivas, não sabia afirmar se seduzia ou fôra seduzido, naquela primeira, porém, sem duvida possivel, a sedução partira da mulher. Devia ter resistido, fugido? aos quinze anos, com o seu temperamento? Não era para o seu talhe de adolescente voluptuoso o manto do casto José... No conjunto da historia, vista assim a distancia, parecia-lhe que sôbre o affecto predomina, de sua parte, com a lasciva, a vaidade masculina? Erro, talvez, de perspectiva... E, de resto, poderia um rapaz de quinze anos esquivar-se á ufanía natural de ter merecido a preferencia de tão maravilhosa e sublime senhora? Um dia, contando o seu caso, sem nomes, naturalmente, a um amigo hespanhol, em passeios pelos montes da Engadina, o vira empalidecer de inveja, porque, ele, só aos vinte e dois annos tivera uma boa fortuna semelhante...

Não. A razão profunda do seu constrangimento era outra: se a culpa de Georgina tivera a agravante do sexo, da idade, de maior experiencia, assaz a compensava a atenuante do amor — amor extranho, quase morbido, por um menino, mas sincero, violento, alucinante. Faltara-lhe, a ele, essa beleza moral do sentimento; e não importava fosse consequencia da inferioridade, por assim dizer, organica, do menino á mulher feita. Ama-se aos vinte e cinco anos; aos quinze, certamente, não. Mas ele, por uma dessas delicadezas de consciencia, paradoxaes em um parente proximo de Don Juan, teria desejado começar a vida de outro modo; amando ele mesmo.

Em taes cogitações, ainda uma vez, se alheara todo do ambiente. Estremunhou-o a subita preocupação do tempo. Puxou o relógio da algibeira: quatro e quarenta. Tomou o chapéu, as luvas, a bengala; desceu a escada, num minuto. Passava um bonde para São Clemente. Vinha quasi vasio.

E já dentro do bonde, no ultimo banco, emquanto a fresca e radiosa tarde de Dezembro despertava em todas as cousas, ao ar livre, jubilosas palpitações de luz, a imagem de Georgina, que ele ia tornar a ver dahi a meia hora apenas, dominou toda a atmosfera da sua consciencia, com a formosura inebriante, e ainda, com a bondade suvaissima de outr'ora. Era ela, tão real completa, tão proxima, como se a houvera deixado na vespera. Era a primeira mulher, que o amara! Podia duvidar? duvidara algumas vezes. Geitosamente, sempre que regressava ao Rio, se informara do procedimento e da reputação de Georgina. Por uma curiosidade maligna? não, de modo algum. Por um requinte daquela vaidade masculina, que ainda, de quando em quando, se reprochava? não era esse, tão pouco, o movel principal das suas pesquisas. Era, sentia-o devéras, e nesse momento mais que nunca, era a necessidade de elevar, num nimbo de estima e reverencia, a primeira mulher que o amara! Os resultados dos seus inqueirtos tinham sido, constantemente, honrosos para ela. Todos falavam de Georgina como de uma senhora séria, contra a qual não havia a minima insinuação a fazer. A propria Dona Francisca, um dia, inesperadamente, coroara a sua certeza triunfante: "Menino — disse-lhe a velha dama, a sorrir — têm-me contado que você continúa a ser pecador impenitente. Que diabo tem você, menino, para pôr assim doidas as mulheres? Até

Georgina... Olhe que se pode gabar! Foi Deus mesmo que me levou lá, aquela tarde. Você ia-me arrastando para o inferno uma alma feita para o céu. Nunca mais a perdi de vista, sabe? a minha vigilancia nunca afrouxou um instante... E posso-lhe garantir. O he, estou tão segura dela agora, que, se você quizesse ir vel-a, eu não teria medo de nada..."

Mario espantou-se de ouvir falar Dona Francisca, nesse tom ligeiro, de assumto ao qual outr'ora ela só aludiria com repugnancia indignada; ou porque, com o correr dos annos, se tivesse tornado mais indulgente, ou porque não se tratava já de perigo algum para a sua afillhada dilecta. Mas o testemunho era dos que fecham a boca ao mais desabusado scepticismo.

Nesse fundo luminoso e sereno se fixara definitivamente a figura moral de Georgina. Mas a imagem fisica? Mario ia, sem duvida, encontral-a muito mudada. Quasi um quarto de século! Teria de substituir por outro, mirado de relance, o fino retrato juvenil, que encabeçava a galeria, tão selecta como extensa, das suas amantes... O complicado e requintado esteta, que havia nele, chegava a sofrer, ante essa contingencia. E punha-se a conjecturar...

Mas era ocioso extraviar-se em conjecturas. A realidade estava perto. O bonde entrava já pela rua Marquez de Olinda, e logo depois, pela de São Clemente. A' brisa da praia, ampla, um pouco impregnada do cheiro da maresia, sucedida o ar saturado de perfumes vegetaes, que se exalava das antigas, profundas, poeticas e deliciosas chacaras, contiguas umas ás outras, por kilometros inteiros, de ambas as bandas das calçadas. Tambem essas lhe davam comovidas reminiscencias, da infancia, da juventude. Em algumas brincara pequeno, ou sonhara adolescente; em outras, tinham morado familias amigas, agora mudadas, algumas naufragadas na decadencia, na miseria, ou de todo desaparecidas. Nomes e vultos, longamente velados pelas brumas do olvido, ia Mario lembrando ao passar.

Desceu á esquina da rua indicada na carta. Era comprida, estreita, com tufos de capim entre as pedras mal tratadas do calçamento, e toda sombreada por velhas mangueiras, cujas copas, unindo-se, formavam uma especie de abóbada. Parecia uma estrada rural, tanto mais que, a certa distancia, se perdia em terrenos, vagos, num trecho de floresta. Ali, no silencio imenso, chilreavam colonias de passaros. Guaiava uma araponga, estridente e monotona, ao longe. Um preto octogenario, encostado ao tronco de uma das velhas mangueiras, adiantou-se, trôpego, estendendo a mão rugosa e encarquilhada, a pedir esmola; meio cego, tinha uma expressão idiota, e pelo aspecto e pela côr da pele dir-se-ia um galho que se destacara da arvore antiga.

A casa era das ultimas. Uma sebe de madeira, pintada de verde, d'onde se debruçavam para a rua as folhas e os cachos das glicinias, limitava o jardim. Dentro dele, duas acacias amarelas e dois bougainvilles, em p'eno viço, prodigavam os tons deslumbrantes, quasi violentos, das chuvas de ouro e das nuvens de ametista, sôbre os tons mais modestos, ainda que luzidos, da grama e da murta. Um fresco aroma de malva maçan se respirava com prazer, e ouvia-se a cantilena humilde de um fio de agua caindo perene num tanque.

Mario empurrou a cancela, e entrou. Uma breve ladeira, orlada de vasos com agaves e fucsias, guiava ao portal, coberto por pequeno alpendre. Ao som da campainha, que drindrinou longamente no interior da casa, acudiu uma criada ruiva, sardenta, muito decente no traje, e muito respeitosa nos modos. Falava com forte sotaque minhoto:

"Faça favor de sentar-se, senhor doutor. Vou já chamar a senhora."

Mario ficou á espera, emocionado e tremulo. Quasi se ia passar? A evocação do passado lhe seria penosa; o silencio proposital e absoluto sobre ele juntaria á pena a decepção. Olhou a saleta em tórno; simples, mas



elegante; paredes forradas de azul claro, cortinas de cretone branco com hortensias estampadas de matiz igual ao das paredes, mobília de vime inglesa, ampla, comoda, apropriada áquelle *cottage*, uma mesa ao centro, cheio de revistas e fotografias, uma secretaria a um canto, duas jarras transbordantes de flores, alguns quadros pequenos, de gravuras e telas. Levantou-se, e admirou num deles uma paisagem da Renania, de João Baptista da Costa; outro, ao lado, era um sombrio, mistéioso canal de Veneza, por Ettore Tito. O chilrear dos passaros entrava pela janela aberta, com o aroma da malva maaçan mesclado ao das flores; assim tambem, a espaços, o guaiar da araponga remota.

Mario ouviu passos. No mesmo instante uma figura de mulher appareceu no limiar da porta interior. Era alta, e ainda esbelta, mas tinha engordado um pouco, e os seus cabelos estavam completamente brancos. O rosto, mais palido que outr'ora, irradiava uma seriedade serena, e os olhos, francos tranquilos, pareciam maiores.

Georgina apertou a mão de Mario, sem affectação, sem demorar a sua, nem retirá-la demasiado depressa. Fel-o sentar-se, e sentou-se a seu lado. Perguntou-lhe pela saúde, pelas recentes viagens, e logo, com perfeita calma, explicou o motivo da carta. Evidentemente, não havia ali um mero pretexto. Seu filho, Pedrinho, engenheiro distinto, entrara em concurso para um excelente emprego dependente do Ministerio da Industria, e fôra classificado em primeiro lugar. Mas outro candidato, ainda que inferior nas aptidões, possuia a vantagem de alguns fortissimos empenhos; e ela, pensando no melhor meio de evitar uma injustiça, de assegurar ao filho o reconhecimento do seu merito, fôra aconselhada a pedir a intervenção de Mario, amigo notorio e influentissimo do ministro. Hesitara em importunar-o, mas estava persuadida de não o ter ousado em vão...

Tudo isso foi dito sem alusão alguma á antiga amizade das duas familias, nem á intimidade de outr'ora entre ambos; mas estava claro que a primeira, pelo menos, se subentendia. Em certo momento, ela dirigindo-se a Mario, disse: "o senhor". Ele valeu-se do primeiro ensejo para dizer "você, Georgina..." E Georgina, docilmente, passou a tratá-lo tambem por "você".

Mario não prometeu só interessar-se pelo pedido dela: prometeu conseguir a todo o custo a nomeação de Pedrinho, por que era justa, e por que ela a desejava. Agradeceu-lhe a ocasião, que lhe proporcionara a ele, de prestar-lhe um pequeno serviço.

Emquanto assim conversavam, disfarçadamente a ia observando. Georgina era ainda uma bela mulher, á qual ninguem daira mais de quarenta anos, nem tantos, mesmo, embora estivesse perto dos cincoenta. Como guardara a finura dos traços, o oval do rosto intacto, a cutis fresca e viçosa, sem uma ruga, os cabelos brancos não a envelheciam; antes, conferiam um encanto mais, o do contraste, á sua sadia formosura. Desse contraste nacia, sem duvida, a impressão, que surpreendia Mario, de serem maiores os seus olhos. Muito escuros, aveludados, de pestanas longas e curvas, harmonisavam-se plenamente com o o "sentimento" da boca, d'onde se desvanecera aquele riso facil e tilintante de outr'ora, deixando em seu lugar um sorriso pensativo e melancolico. Outr'ora, ela era sôbre tudo graciosa, nos gestos, como nas idéas e nos desejos; a graça nativa, com o tempo, e os sofrimentos talvez, se lhe aureolara de uma especie de magestade. Sentada, com as lindas, finas e alvas mãos cruzadas sobre os joelhos unidos, ou apenas acompanhando em sobrio movimento algum ponto mais animado da conversa, cada gesto seu era de rainha; até o do torso, que se inclinou, e dos braços, que se abriram, para acolher e acomodar no regaço o seu cachorrinho japonez, que entrara na saleta a procurá-la, sacudindo a cauda sedosa, e latindo alegremente.



“Você ainda lê muito, Georgina? e o piano?...”
 Leve rubor lhe tingiu as faces, áquele “ainda”, que evocava tantas cousas; mas foi um átomo. Respondeu que sim, com toda a naturalidade. Levantou-se.

“Quer ver a minha pequena biblioteca?”

Mario seguiu-a. E ela, correndo um dos reposteiros de cretone, que parecia dissimular uma porta, mostrou um placard aberto na parede mesma, e cheio de livros. Depois, folheou com ele algumas das revistas, que ocupavam a mesa do centro, algumas das peças de musica, dispostas numa estante, ao lado do piano. E pelo exame d'estas e d'aqueles, Mario pode ver como ela estava ao corrente das obras modernas.

“Toque alguma cousa, Georgina...”

“Não, Mario... — hesitou ela, com uma nuance de tristeza na voz — Você está acostumado a artistas de primeira ordem; vai rir-se de mim... e, peor, aborrecer-se...”

Mas, como ele insistisse, abriu o piano, e tocou uma breve romanza de Tchaikovsky: “*Ah! qui brûla d'amour...*” A letra não acompanhava as notas, no texto impresso; porém Mario a conhecia perfeitamente:

*Ah! qui brûla d'amour peut seul comprendre
 combien gémit mon coeur, lassé, d'attendre...*

A pianista era a mesma de outr'ora, mas completada, sublimada pela vida. Na técnica atingira o mais alto grau; e a alma, sobre tudo, a alma vibrava naqueles dedos como nunca.

Esquivando-se aos louvores de Mario, ela fechou o piano, e disse-lhe: “Vou-lhe mostrar a minha casa; é pequenina; vê-se em cinco minutos.”

A saleta dava para um corredor, com janelas sobre o jardim, de um lado; e do outro, com janelas sobre uma especie de latada de videiras, vinham o quarto de Georgina, o da criada, e o de trabalho, onde esta engomava e cozia. Depois, era a sala de jantar, construida em toda a largura do predio, com duas janelas á direita, e uma porta envidraçada á esquerda, da qual, por uma escada de pedra, quatro ou cinco degraus, se descia para o quintal, o lavadouro, e o coradouro. Nos fundos da casa, havia um vasto banheiro, o quarto da cozinheira, e a cozinha por fim.

“Moro aqui sósinha, com a minha criada, Gertrudes, uma portugueza de Braga, excelente mulher, de toda a minha confiança. Alda casou bem, com um advogado, filho de fazendeiros ricos, fazendeiro e rico ele mesmo actualmente; vivem em São Paulo. Pedrinho está casado ha menos tempo, com uma moça pobre, mas boa, e de boa familia; residem no Andarahi. Eu poucas visitas faço e receio. Ocupo-me da casa, que dá pouco trabalho, das flores, do pomar, e de uma colmeia, que puz aqui o anno passado; um pouco, ainda, de obras de caridade; ha muita miseria neste bairro. Já vê que me sobra tempo para ler muito, e distrair-me com o piano. Mas venha cá ver as minhas abelhas...”

Conduziu-o, por entre uma viela de salvias e mangeronas, para a colmeia, encostada a um alpendre da casa, protegida do sol e da chuva. Semelhava um pavilhãozinho rustico, de forma antiga; mas a instalação interna e todos os processos da cultura eram dos mais modernos.

“Elas já devem estar dormindo, ou preparando-se para dormir. Quero ver se ha alguma acordada ainda.”

Abriu uma portinhola; por baixo havia uma ampla vidraça, através da qual se podiam ver a scelas e os corredores, toda a portentosa architectura traçada e executada pelas geniaes operarias, minusculos pontos de ouro vivo. Cachos d'elas adheriam, imoveis, as paredes d'aquelle palacio-



oficina em miniatura; pareciam adormecidas. Mas outras subiam e deciam, trabalhando ainda. Georgina fez correr com cuidado, lentamente, a vidraça; um perfume denso de mel e cera se exalou da colmeia. Ela assobiou baixinho, e dez ou doze abelhas, reconhecendo-lhe a voz, voaram para fóra, voaram em roda dela, e mansas, confiantes, meigas, lhe pousaram nos ombros, nos cabelos, no rosto.

“Não se mexa — sussurrou a Mario — para não as espantar.”

Quando as abelhas voltaram para dentro, continuou, fechando a portinhola: “Não imagina quanto me divertem e instruem. São inteligentes, ativas, graciosas, interessantíssimas. E’ pena que, em certas ocasiões, sejam tão cruéis. A matança dos machos é um horror. O vôo nupcial é um poema, que termina em tragedia. Mas não ha nelas maldade conciente; é a natureza, que lhes impõe as suas leis. Tudo isso, entretanto, me faz sofrer. Sinto uma compaixão imensa pelos pobres animaes inocentes. Aqui, tenho uma quantidade de bichos; um grande viveiro de passaros, muitos peixinhos; e muitas galinhas, mas só para os ovos. Nesta casa não permito que se mate creatura alguma. Tornei-me, pouco a pouco, vegetariana, por pura piedade...”

Vinha de dentro, nesse instante, Gertrudes, com o seu avental branco de folhos, irrepreensivel, e nos braços a bandeja do café, muito bem arrumada. Via-se, no modo de andar e de olhar, no esmero da roupa, na lustrosa lisura do penteado simples, na expressão recolhida e affectuosa da ampla cara sardenta, que era uma creatura pontual no cumprimento das proprias obrigações, e dedicada á ama.

Georgina e Mario sentaram-se, então, lado a lado, num banco rustico, sob um jasmineiro todo branco de estrelinhas aromaes, em frente á mesa de pedra, onde Gertrudes colocara a bandeja. Georgina elogiou muito a boa mulher, honrada e devota como poucas se encontram, hoje sobre tudo; e assim, de outros detalhes domesticos passou naturalmente a falar da propria vida; fóra esta, desde que lhe falecera o marido, e era mais ainda, depois de casados e idos os filhos, monótona, sem imprevistos, nem incidentes dignos de nota; toda interior, em suma. Por seu turno, Mario contou a sua, muito mais vária e movimentada, um pouco *ad usum Delphini* no que se referia ás aventuras amorosas, que calou com esmero, por vezes com esforços de acrobacia intellectual, tão ligadas estavam a certos capitulos d’essa biographia.

Ela se interessou extraordinariamente pelas viagens de Mario, e não cessava de interrogar-o sobre cousas de navegação, aspectos de mares e terras, paisagens de campos e cidades, costumes e caracteres dos diversos povos, monumentos e pinturas e esculpturas. Vaguearam assim juntos da Escandinavia á Palestina, da Grecia á Irlanda, da Russia ao Egipto, de-tendo-se especialmente na peninsula iberica, na Italia, na Alemanha, e no reino unido. D’esses paises quasi todos, ela lera descrições; mas os livros não têm o relevo animado das palavras de quem os viu, e está presente para responder a perguntas precisas. Confessou que viajar fóra o sonho da sua vida, e já agora não o realisaria mais. Tel-o-ia realisado — declarou — com um companheiro como ele, observador sempre alerta, e verdadeiro guia. E explicou, acaso para atenuar o efeito da declaração, que o marido não tinha a curiosidade das cousas estrangeiras, exceptuadas as da bolsa, que achava nos jornaes, sem se levantar da sua cadeira de balanço; tivera ela, depois, de velar sósinha pela educação dos filhos, e no Brasil, porque não os queria estrangeirados...

“Mas agora, que está livre e tranquila, por que não ha de viajar, Georgina?”



"Agora... é tarde. Já não sinto vontade nem coragem de deixar o meu cantinho. *La mia giornata ormai volge alla sera*, como diz a rainha no *Dom Carlos* — concluiu, com sorriso melancólico."

Escurecia. Mario levantou-se, e puxando o relógio: "São as sete e meia! — exclamou — Como me tenho demorado!"

"Ha quantos anos, também..." — murmurou ela; e não terminou a frase.

Pelo quintal e pelo jardim, acompanhou-o até a cancela. O aroma de malva maçã impregnava a atmosfera. O silêncio era completo. Apenas um grilo ensaiava, entre as ervas, o seu tímido cri-cri.

"A Deus, Georgina."

"A Deus, Mario."

Ele tomou-lhe as mãos, e beijou-as. "Quando nos tornaremos a ver?"

Ela não respondeu; mas teve um ligeiro tremor nos lábios, e voltou o rosto.

Da calçada oposta. Mario olhou para traz, e viu-a ainda, imóvel, junto á cancela aberta. Os olhos d'ela tinham um brilho insólito, húmido, na penumbra crepuscular.

V

Mario foi andando, a pé. Necessitava de caminhar. Uma emoção inefável o possuía; não era emoção de amor, mas de algo acima do próprio amor. Como defini-la na sua complexidade? admiração profunda, reconhecimento humilde, piedade imensa, ternura sem travo ou incentivo de febre carnal, remorso de longo olvido, intuição fulgurante de um sentimento superior ás contingencias do tempo e do espaço, que da sua origem impura se purificára com a perseverante renúncia, e dominava uma existência inteira sem esperança nem desejo de premio.

Por entre essas impressões todas, ele louvava em si mesmo com assombro a arte infinita da mulher, e a sua infinita dignidade, na tarefa tão delicada, tão árdua, que se propuzera. Pois já agora ele não podia duvidar que o natural pensamento materno de assegurar o futuro do filho, não sendo embora um pretexto unicamente, fôra um meio, excogitado, por certo, desde muito, de conseguir uma visita sua.

Georgina não concebera a louca idéa de despertar os antigos anhelos, de reviver a aventura antiga. Quem se calara, podendo tão bem falar, durante mais de vinte annos, não iria agora abrir á lascívia turbida do homem uma porta escusa e falsa, no limiar da velhice. Toda a sua attitude naquelas horas de amizade familiar estava impregnada de castidade austera, e consciente respeito de si mesma. E Mario por seu turno, contemplando-lhe a madura beleza, não tivera um só momento de complacência voluptuosa. Contemplara-a, sobretudo, com o espirito; como contemplaria um retrato de grande pintor, uma estatua grega; ou ainda o ocaso magnificamente sereno de um dia cheio de sol, de azul e de tormentas...

Serena era também a noite, que já agora o envolvia; ela ia espargindo, penetrando de serenidade, o tumulto dos seus pensamentos. Fresco e leve soprava o terral, como soe acontecer quando o ar foi agitado, como na vespera, por uma forte tempestade. Nas velhas chacaras, rente ás quaes Mario passava, as arvores se murmuravam essas mil cousas que costumam, vagas, confusas, mas tão profundas, tão mysteriosas, tão suggestivas, que o nosso secreto instinto é conduzido invencivelmente a attribuir-lhes sentido semelhante ao das mais íntimas palavras humanas. As palavras delas vinham perfumadas pelo halito balsâmico das rosas, das magnolias, e das baunilhas. Dormiam já os ninhos; mas os grilos se multiplicavam nos



cantos mais solitarios daquelas estradas, e as luciolas despertavam por sua vez, vibrando por entre as moitas os seus finos harpejos de luz. Tudo isso era, como sempre fôra, como sempre seria; como as estrelas que já coalhavam o ceu divino, e lá as vira ele menino e adolescente, lá as tinham visto as gerações anteriores, e as veriam as futuras. Nada ahi mudava, ou só mudava no decurso de muitos milenios; e cá em baixo, no seio da natureza, se os seres efemerios desapareciam, quando a vida se lhes extinguiu, outros vinham substituí-los, repetir, de serie em serie, através das idades, os mesmos impulsos, os mesmos gestos. A monodia dos grilos dessa noite era identica á daqueles que davam a sua melancolica toada ás noites do continente deserto e desconhecido; e elas já tinham, gemas scintilantes nos seus mantos de trevas, legiões de luciolas identicas ás de hoje.

Só os homens mudavam de continuo, porque a vontade e a fantasia, com maior vigor, de continuo lhes forjam novos objectos de concupiscencia; e a razão, de que eles tanto se orgulham, raramente serve para reprimir as paixões que antes desenvolvendo os seus recursos inumeros em estudal-as, em analisal-as nos minimos detalhes, nos mais absconsos refulhos, assim lhes nutre, estimula, exaspera o poder. Através das arvores se divisavam janelas iluminadas de chalés e palacetes; passavam pelas calçadas casaes e grupos, deixando cada um nos ouvidos de Mario, por instantes, trechos de conversas em voz alta ou baixa, ecos de risos discretos ou grandes risadas; passavam bondes cheios de gente; passavam automoveis, sonoros do vibrar das buzinas. Quanta fugacidade de humor, quanto incoherencia de idéas e intuitos, em toda aquela multidão! quantos romances, e dramas, e comedias, de que o talento do mais proveto escritor não seria capaz de prever os desenlaces!

Do fundo do jardim lhe chegou o som de um piano;; era uma valsa banal. Mas, por uma transição facil,olveu-lhe, dolorosa e capitosa, a melodia de Tchaichowsky, tocada pouco antes por Georgina:

*Ah! qui brûla d'amour peut seul comprendre
combien gémit mon coeur, lassé d'attendre!*

Fôra proposital a escolha? talvez não. Mas não o fôra a do extrato de Guerlain, que impregnava a carta? Não era esse o perfume de que usava agora Georgina; era, bem o sentira, *Chypre*, de Coty. Esse detalhe não lhe ensinava, aliás, nada de novo. Ele sabia, com a sua consumada experiencia dos corações femininos, que as mulheres guardam, mesmo nos sentimentos mais puros, algum vislumbre de innocente *coquetterie*.

Ainda uma vez, nesse momento, lamentou, quasi com lagrimas, não a ter amado devéras outr'ora, não a ter amado sempre. Oh! fôra o obstaculo da idade, fôra isso apenas, não havia duvida. Um dialogo lhe resurgia do fundo da memoria: "Que pena — dissera ele a Georgina um dia — não podermos fugir juntos, para longe, muito longe!..." — "Pena — respondeu ela, com insólita gravidade — que tu não sejas meu marido!" — "Um marido de quinze anos! um marido de quinze anos! — exclamou ele, rindo, e batendo palmas. — Georgina quer que todos se convençam da minha precocidade!" — "Criança! — replicou a moça, um pouco vexada, e subitamente triste — o contrario é que eu queria: que tu tivesses vinte e cinco annos, e eu quinze..." E ficou calada muito tempo.

Agora ele sondava até o fundo a fatalidade que pesara sôbre ela. O "seu" homem nascera tarde de mais, e quando se lhe revelara, um menino ainda, na sua precocidade portentosa, já ela se unira, simples menina tambem, ignara da vida, e cedendo quasi automaticamente a conselhos e sugestões da familia, com um cavalheiro bom, excelente, mas incapaz de enten-



del-a e conquistal-a, incapaz até de perceber que de entendel-a e conquistal-a se tratasse. A culpa dela consistira em ter colhido os frutos da volupia e da felicidade, que estavam ao seu alcance, que vistos cada dia, a cada instante, numa intimidade perigosa, haviam de tental-a, por força, até lhe esgotarem a resistencia. O momento do delirio, do abandono, tinha de vir; e veio. Marcado no quadrante do destino, era impossivel revogal-o; impossivel tornar atraz... — Quem ousaria condenal-a?

“Ah! — reflectia ele — os desencontros das cousas humanas! se eu contasse então vinte e cinco annos, e ela quinze, eu a teria amado como ela me amou, e nos teriamos casado, e não teria havido pecado, nem remorso, nem dôr, mas uma existencia venturosa para ambos. Se fôramos grilos, entretanto, ou luciolas, nem esse fenomeno se teria dado, de uma ligação anormal entre seres de idades incompativeis...”

Entrava pela praia de Botafogo. Na claridade profusa dos lampeões electricas, alvejavam as estatuas entre as massas deseguaes do arvoredo; e mais longe, na zona da sombra, negrejavam, por intervalos, pares humanos, estreitamente juntos, arrimados ao beiral do caes, debruçados sobre o mar tenebroso.

“Eis ahi — pensou ele — os amores dos grilos e das luciolas; eis ahi as almas primitivas, aderentes ao seio da natureza!” Mas logo se reconsiderou: “Ahi tambem ha mudanças e contradicções, intrigas e violencias, farças e tragedias. Ilumina sempre temerosos abismos, ainda que minuscula e rudimentar a scintella da humnidade!”

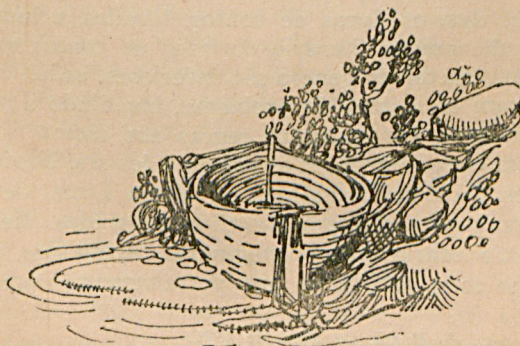
Nessa mesma noite, Mario foi procurar o ministro da Indústria. Advogou calorosamente a pretensão do jovem engenheiro; fez questão de amizade. Era o seu primeiro pedido, primeiro e unico, pois dentro de duas semanas regressava á Europa. Na manhan seguinte, estava lavrado o decreto. E tres dias mais tarde, ele recebia este bilhete:

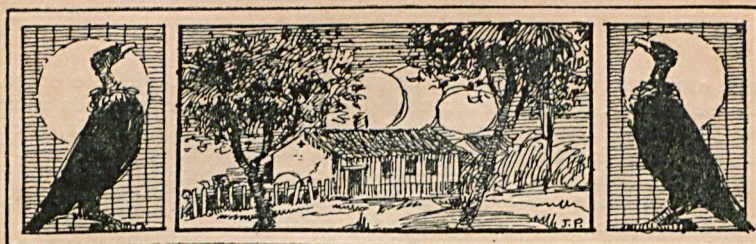
“Mario, meu amigo — Agradeço-te o favor grande feito a mim e a meu filho. Sinto-me venturosa de devel-o a ti, e mais ainda de dever a esta circumstancia a realisacão do meu maior desejo: o de ver-te ainda uma vez neste mundo. Parto amanha para Minas, onde me demorei alguns mezes. Já estarei longe do Rio, quando receberes estas linhas. Tu em breve partirás tambem, para longe da patria. Boa viagem! Deus te acompanhe, e te faça sempre feliz!

Georgina”.

(Dos “Casos da várias terras”)

Roma.





A LITERATURA EM 1920

POR TRISTÃO DE ATHAYDE (*)

IV

SE ha na poesia desse anno literario de 1920, que summariamente analysamos no numero passado, uma concentração individual que parece incompativel com as eras poeticas de grande repercussão, em outro genero literario podemos descobrir uma vitalidade francamente animadora. Tivemos, em 1920, livros de contos do melhor quilate, como foram os dos srs. Alberto Rangel, Gustavo Barroso, Gastão Cruis, Amadeu Amaral, Monteiro Lobato, Lima Barreto e Viriato Correia.

O genero como se sabe, é dos mais cultivados, e esse punhado de livros representa apenas a flor mais fina da grande messe do anno.

Mais do que o romance, deve, o conto reflectir a alma do artista, sendo um genero cuja essencia é partir da fantasia para a realidade e não desta para aquella, como no romance.

Pois bem, com os livros de contos, levados a lume em 1920, deu-se um phenomeno literario curioso: os contos que revestem o verdadeiro character do genero são inferiores, estheticamente, aos que inverteram os termos do problema, invadindo a seara do romance. Mais uma vez cedeu as regras aos factos.

Basta, para isso, confrontar os volumes dos srs. Xavier Marques, Oscar Lopes, Adelino Magalhães ou Veiga Lima, de valor aliás muito desigual entre si como os acima apontados. Nestes, predomina o feitio maravilhoso, imaginario, symbolico, ou de um subjectivismo todo arbitrario, que perfeitamente se esquadra na

(*) Vide a *Rev. do Brasil*, de Abril de 1921.



moldura do conto, com suas exigencias de fantasia, originalidade e mysterio. Nenhum delles, no entamto, se destaca, nem pela audacia da composição, nem pelo effeito das scenas, nem pelo imprevisto das idéas.

Para encontrarmos qualquer coisa de novo, qualquer coisa de forte, de vibrante, de commovente ou pittoresco, é mister reccorrer aos realistas, que trataram, o conto com os elementos do romance. Isso não exclue a imaginação antes a suppõe e dignifica, pois imaginam dentro de certos limites já fartamente percorridos pelos nossos sentidos, é mais arduo que se lançar na imaginação pura, sem limites de concepção nem de expressão. A arte póde ser tanto mais obscura para o publico quanto mais facil para o artista.

A belleza é naturalmente imperfeita, e a grandeza do artista não está propriamente em concebê-la, no que seria simples portavoz da natureza, mas em purificá-la sem prejuizo da sua força de naturalidade. E' o que se dá com a imaginação. Possui-a não significa coisa alguma: governa-a sim.

Nos melhores livros de contos de 1920, predominam a imaginação e a observação. Aquella, de preferencia nos dos srs. Alberto Rangel, Gustavo Barroso e Viriato Correia; esta nos dos srs. Gastão Cruls, Monteiro Lobato, Amadeu Amaral ou Lima Barreto. Não se trata, aliás, nem de uma observação naturalista nem de uma imaginação poetica. Uma e outra se adaptam ao genero e tanto se adorna a observação de fantasia moderada, como se domina a imaginação.

Assume, esta, aliás, nos tres livros em que predomina, o caracter peculiar de imaginação historica ou lendaria, o que naturalmente lhe marca os limites. São tres ensaios de ressurreição do passado, cada qual com sua individualidade propria e sobretudo poderosa, no sr. Alberto Rangel, colorida, no sr. Gustavo Barroso, pittoresca, no sr. Viriato Correia. Quando a imaginação cede o passo á observação, surge logo um caracter novo e que vamos encontrar em quasi todos os livros de prosa da epoca, como adeante veremos, — a satira. — Os livros dos srs. Monteiro Lobato, Lima Barreto e Gastão Cruls e mesmo a novella do sr. Amadeu Amaral, estão impregnados delle.

Ha em todos elles uma visão aguda da realidade, tragica ou satirica, conforme a posição do autor perante o espetaculo do mal.

Quer, porem, nos que assentam na imaginação o seu processo literario, quer nos que visam de preferencia a observação, ha nos melhores livros de contos do anno o mesmo calor de vida, a mesma paixão da verdade, o mesmo realismo inicial, embora sem prejuizo da fantasia necessaria. E perante a seiva forte que ali-



menta a todos elles, ainda contra as regras do genero, desmerecem os volumes dos que se fastam da vida pela miragem fallaz da illusão. Não pretendo, com esse cotejo, facil de ser feito e difficilmente contestavel creio eu, tirar conclusões contra o espiritualismo, pelo realismo. Sou decididamente contrario a esse genero de classificações, como criterio de valor. Não ha valores genericos, em arte, e sim valores individuaes. A concepção esthetica de um genio literario ou de alguns grandes espiritos irmanados pela mesma concepção de arte, o que já é mais raro, quando se converte em Escola, inicia a sua decadencia. Os grandes movimentos collectivos, que parecem á primeira vista os verdadeiros centros das creações e renovações literarias, não são mais do que a repercussão desses espiritos extraordinarios, que marcam nas letras os renascimentos e as orientações. E' mais uma vez, classica imagem das ondas concentricas de um lago em torno de uma pedra lançada em sua superficie tranquilla.

Quem quizer approximar-se em critica de concepção aliás pouco philosophica que della tinha Malthey Arnold, isto é, "encarar os objectos como são realmente em si", isto é, *sub specie æternitate*, não pode seriamente discutir sobre a morte do classicismo pelo advento do romantismo, ou sobre a superioridade do symbolismo sobre o naturalismo. Essa rotulagem é toda artificial e apenas cômoda. Como chamarão os marcianos a este miseravel grão de poesia que habitamos, com tanta impafia e tanto ruido?

Acontece, alem disso, que a tendencia dos filiados a uma escola é estender a sua concepção especial das coisas ao ponto de comprehender todo o campo das possibilidades, ao passo que os adversarios procuram justamente restringir esse campo a um alcance inadmissivel e até ridiculo pela interpretação restricta das formulas academicas. Como Brunetiére, por exemplo, escreveu uma vez que a função do critico era essencialmente analytica, logo todo o mundo lhe attribuiu a concepção da critica dos erros, critica mesquinha, demolidora, parasytaria, objecto de todos os sarcasmos dos artistas e de todo o desdem do publico.

Por que Moulton ou Taine escreveram, alguma vez que o louvor era a condição mesma da critica, logo todos lhes attribuem a critica apologista e etc. e etc., com todos os argumentos faceis contra uma concepção tão curta de um tão largo instrumento intellectual.

Não digo que não haja concepções mesquinhas de arte, e pode-se mesmo affirmar que pullulam nas epocas de decadencia ou de transição, como é o movimento europêo, ou de formação, como é o nosso.



Mas a nenhuma dessas concepções preside um espirito crítico com a melhor intenção de objectividade.

Realismo ou espiritualismo, em arte são formas legítimas do mesmo phenomeno millenar que vem desafiando as philosophias e as religiões, — é relação do espirito e da materia.

Literariamente, não ha possibilidade réal, entre elles, de privilegios ou superioridades. Só factores individuaes ou sociaes, pódem, num dado momento, fazer oscillar de um para outro extremo o fiel da balança. E' o que vemos em 1920, com um dado genero literario, que no caso é o conto. Opulento como é o genero em cultores, encontramos-los de toda especie. Quasi systematicamente, porém, se destacam estheticamente aquelles em quem o realismo sobreleva ao espiritualismo. E' o que aqui nos cabe averiguar; mais tarde tiraremos as conclusões, se as houver. Se as descobrirmos, pelo menos.

Um dos aspectos mais expressivos da nossa improvisação literaria é a abundancia do jornalismo nas letras. Ha, entre nós, a tendencia incoercivel para a produção fragmentaria, e ainda os melhores não escapam a essa pressão do temperamento. Em 1920, como em outro momento qualquer de nossa evolução literaria, abundaram os livros de chronicas, artigos ou fragmentos publicados em jornaes e reunidos em volume. Symptoma de vida difficil, de publico apressado, de gosto da publicidade, de impaciencia creadora e cultura atropelada, não é possivel desdenhal-o em qualquer estudo consciencioso do nosso phenomeno literario. A chronica é uma das formas preferidas desse jornalismo em via de livro. Póde bem espelhar algumas de nossas qualidades e defeitos: carinho pelas idéas novas, grande piedade humana, muita condescendencia, e uma certa hesitação nos commentarios, curiosidade de saber e superficialidade de estudos, brilho fugaz da forma ou dos paradoxos, extrema variedade de themes.

Dados esses caracteristicos, é facil comprehender como a qualidade talvez mais rara de nossos volumes literarios seja a unidade. Tem-se a impressão de que o livro não se forma na mente do autor, como um só corpo, de dentro do qual surjam lentamente os differentes membros. São parcelas que se aggregam, ás vezes arbitrariamente, e cuja unidade não passa, em tantos casos, de mero artificio do indice. E' frequente, por exemplo, encontrarmos a realidade ligada á ficção. Entre outros, é o caso dos srs. Fernandes Figueira e Alphonsus de Guimarães, dois temperamentos completamente oppostos, que reuniram contos e chronicas em seus volumes "Velatinas" e "Mendigos". Temperamentos



opostos, digo eu, pois tanto tem o primeiro de commoção simples, de exatidão de conceitos, de moderação de forma, quanto o segundo de mystico, de rhetorico, de tragico, de colorido. Um cientista e um poeta, emfim, mas duas almas.

Aos srs. Antonio Torres e João Pinto da Silva devemos, incontestavelmente, os melhores livros de chronicas do anno. Não se assemelham absolutamente. Se um abusa da literatura, della não usa bastante o outro, cahindo no personalismo esteril e arbitrario. Mas ambos sabem manejar magistralmente a penna de chronista, no commentario agudo ou subtil aos factos, no manejo do paradoxo, na satira ou na ironia.

Seja dito, aliás, que o sal dos nossos chronistas logo se transforma em pimenta. O mal é, aliás, menos nosso que da época.

Os aspectos que o chronista reflecte e as contribuições que recolhe, converte-os o romancista em materia de ficção. Tanto mais quanto a tendencia geral do nosso romance contemporaneo, e provam-no bem os exemplos de 1920, é fugir do romanesco approximando-se da vida. Não somos fecundos em romancistas, o que fôra de espantar dada a nossa apregoada imaginação. Confesso desde já que não creio nella, ou pelo menos, não lhe vejo a excepcional exuberancia. Se ha justamente uma observação a fazer sobre os nossos romancistas é a relativa exiguidade de entretrecho, perante a abundancia de episodios e pormenores. Nos nossos romances modernos, em geral, não se passa grande coisa.

E é um bom symptoma, ao menos por ora, pois a preocupação da aventura é que leva ao puro romanesco, geralmente dessaborido. Mais tarde conciliaremos as duas coisas, já que o progresso literario, se não é indefinido ou regular não deixa de ser uma realidade, dentro de certos limites de tempo e civilização.

Não é, porém, de ausencia ou pobreza de imaginação que, deriva a nossa carencia de romancistas e antes daquella nossa predilecção já apontada pela literatura improvisada. O romance exige, naturalmente, alem de qualidades estheticas que possuímos, acquisições technicas que ainda não nos são communs.

Foram, portanto, escassos os romances vindos a lume em 1920. Quatro, porem, de primeira qualidade: "O professor Jeremias" do sr. Léo Vaz, "Fruta do Mato", do sr. Afranio Peixoto, "Vida Ociosa", do sr. Godofredo Rangel e "Madame Pommery", do sr. Hilario Tacio. E dos quatro, tres estréas.

Alem dessas, outras tres tivemos esse anno: a do sr. Lucilo Varejão, com "O destino de Escolastica", muito imperfeito mas revelador de um temperamento propulsor de naturalista; a do



sr. Albertino Moreira com "O vôo nupcial", em que se mostra um bom observador de costumes e agenciador de figuras, e finalmente a do sr. Medeiros e Albuquerque com a historia romanesca de "Marta", interessante para o estudo da psychologia do autor, mas que provavelmente não o animará a renovar a aventura.

Seis estréas, pelo menos, em um anno, tres das quaes excellentes e duas estimaveis, devem constituir um symptoma francamente animador. Sim, mas pôdem significar tambem que o romance é um genero que cultivamos mais por impeto que por amor, o que não seria impossivel de provar com os varios "livros unicos", de facto ou de valor de nossa literatura: "Chanaan", "Memorias de um sargento de milicias", "O Atheneu", "A Carne" etc.

Nesses quatro romances de 1920, como em toda a nossa literatura, são flagrantes as diferenciações individuaes, o sinete do autor. Nenhum realisa a impessoalidade do realismo, ainda partindo todos da realidade. E isso já constitue um caracter distinctivo do nosso romance. Em todos predomina geralmente a observação, sem exclusivismo, sobre a imaginação, e a nenhum falta o elemento intellectual, mesmo quando absolvido ou equilibrado pelo emotivo, como por exemplo na "Fruta do Mato", onde a paixão é maior do que em nenhum outro, sem cessar a intensidade psychologica. Propriamente descriptivo, todo perfumado de aroma local, rico da mais rigorosa observação e cheio do pittoresco de typos ou casos curiosos, é a "Vida Ociosa" do sr. Godofredo Rangel.

Tambem retracha costumes a "Madame Pommery" do sr. Hilario Tacito, mas com outra intenção de satira aguda e causticante. Mais interior, todo intellectual, na plena tradição dos grandes humanistas, tivemos "O professor Jeremias" do sr. Léo Vaz, revelação que impoz um compromisso.

Foram poucos os bons romances, mas de quilate a consolar-nos dessa exiguidade.

Da parte propriamente esthetica do nosso movimento literario, passemos á que traduz mais directamente o movimento das idéas. Na vida mental dos individuos e por extensão, em parte, das nações, podemos encontrar tres phases distinctas na elaboração das idéas: a phase didactica, a phase critica e a phase philosophica.

A primeira é propriamente a phase de imitação, em que o espirito recebe as idéas alheias e com ellas eleva a sua construcção mental. Quando a mente reage sobre essas idéas, analysando-as e confrontando-as, surge a phase critica, na qual, ainda com materiaes alheios, procura o espirito levantar uma construcção propria. Quando finalmente a mentalidade, individual ou collectiva,



atinge a um grão superior de autonomia, pela assimilação completa dos elementos alheios começa propriamente a phase philosophica, em que o character de originalidade permite uma construcção de idéas proprias e novas, sobre um fundo solido de cultura.

A segunda phase parece a mais anarchica. Possui a primeira a regularidade das idéas apenas transpostas e repetidas com pouca alteração, e a terceira a ordem final das grandes construcções systematicas e profundas. A phase critica não pôde possuir nenhum desses dois caracteres, pois já se libertou do parasytismo absoluto ás idéas alheias e ainda não pode dominar, classificar, systematisar as idéas proprias. Se é a mais anarchica, essa phase critica, é tambem a mais agitada de uma vitalidade profunda. E' o momento das grandes libertações. E offerece, por isso, uma feição convenientemente individualista. O espirito começa a presentir a propria importancia, começa a avaliar da originalidade e a comprehender em certos dominios que mais vale uma pequena idéa nova e, portanto fecunda, que um systema apenas resumido e portanto esteril. E' a era, tambem, das grandes inquietações, essa da puberdade intellectual. O espirito só pôde alcançar a calma, com o dominio de si mesmo, com a solidez dos proprios conhecimentos, com a sensação ou o presentimento de ordem mental. E a phase critica, o é em todos os sentidos. Libertamo-nos dos esteios estranhos, mas guardamos a saudade immortal desses espiritos superiores que nos guiaram, dos systemas logicos e poderosos em que nos apoiavamos. Muitos abandonam, nesse momento agudo de transição a senda do espirito critico, redusidos definitivamente pelos encantos da simples absorpção intellectual e incapazes de um esforço inicial de renovação. E' o que acontece por vezes aos mais cultos, que habituados á transcendencia do pensamento alheio, não podem adaptar-se ás hesitações e incertezas do pensamento proprio. Esquecem-se de que todo inicio é ingrato e toda perfeição e superioridade, um fructo de capacidade alliada ao tempo e ao esforço.

Já comprehenderam todos, certamente, que o nosso pensamento moderno se encontra justamente na transição da phase didactica para a phase critica. O nosso IV seculo, que no movimento das idéas é por assim dizer, o primeiro que conta, foi um seculo essencialmente assimilador em materia de cultura. A maioria dos que pensaram, entre nós, fizeram-no de preferencia *com* idéas alheias.

O seculo V, o nosso seculo, já vae tentando fazel-o tambem *sobre* idéas alheias.



Póde-se dizer que será um seculo mixto de absorpção e critica, pois o nosso pensamento ainda está em plena assimilação de cultura e portanto não prescinde ainda de guias estranhos, na fixação de uma mentalidade nova.

Aliás, é bom desde logo advertir que, a indicada evolução no dominio das idéas — absorpção, elaboração e criação — que individualmente refere essa marcha bem determinada ou pára a meio caminho, não póde absolutamente reproduzir-se com a mesma regularidade na vida nacional. Mórmente com relação ao nosso caso, em que se produziu um desaccordo sensível entre a evolução das condições materiaes e das condições espirituas da nacionalidade. Todo o nosso desequilibrio provém, em grande parte, dessa adaptação imperfeita de um espirito enxarcado de idéas e escaudado de aspirações, a um corpo em elaboração ethnica imperfeita e numa terra ainda insufficientemente dourada. Em taes condições, não póde haver regularidade na successão das phases apontadas. De qualquer forma, porem, já se descobre em nosso seculo, e até de preferencia nas gerações que se levantam, um espirito critico cada vez mais accentuado.

Se esse espirito critico representa uma accentuada superioridade sobre o espirito didactico que o precede, é ainda sensivelmente inferior ao espirito philosophico que lhe succede. Este comprehende uma synthese final de conhecimentos, uma systematisação geral, uma penetração profunda e uma comprehensão extensa, uma collaboração original que o outro em grande parte desconhece. O espirito critico (como indica a sua etymologia *crinein* — separar e julgar) prende-se essencialmente á obra alheia, ás idéas existentes, aos methodos de observação, de introspecção e de comparação. A critica, como observamos de inicio, deve tender ás syntheses que a elevam acima do simples esforço de analyse, mas as syntheses que nunca se afastam de certos campos limitados e se erguem com materiaes já existentes. isso a menos que se faça a critica interior nos dominios da philosophia, o que não alteraria propriamente o problema, confundindo, apenas, as idéas ou mudando os termos da questão.

Esse esforço de analyse, de julgamento e de syntheses parciais é que me parece distinguir o nosso pensamento contemporaneo, dando-lhe uma feição eminentemente — *critica*. Creio portanto mais exato fallar em critica philosophica do que em philosophia, ao referir rapidamente o movimento literario das idéas em 1920. Mesmo porque nenhum livro de intenção puramente philosophica veio a lume no correr desse anno. As "Variações philosophicas" do sr. Moreira Guimarães, esforço aliás interessante por um pensamento proprio sobre as idéas alheias, e que portanto é bem ex-



pressivo do nosso momento intellectual, estão cheias de psychologia e até de politica. Em "A Religião do Amor" do sr. Mozart Monteiro, que tentã inutilmente ordenar um pouco o chaos de seus conhecimentos e pensamentos, ha um mixto de lyrisimo e satira.

Os "Estudos" da sra. Albertina Bertha são philosophicos e literarios, e todos essencialmente criticos, no que é possivel conciliar a isenção da critica com o individualismo absorvente da autora. As "Folhas que ficam" do sr. Nestor Victor são a historia de um espirito, atravez de quatro phases da existencia, numa marcha do optimismo á acceitação final, pela revelação dolorosa do mundo e pela negação eventual. Nas "Parabolas", finalmente, e com ellas termina a serie dos livros de critica philosophica em 1920, deu-nos o sr. Afranio Peixoto, alem de agudos fragmentos literarios, psychologicos ou outros, a sua attitude philosophica, que parece ser a convicção de um fatalismo que a tudo governa, dentro de cujos limites se expande o racionalismo humano.

O caracter individualista de todo o nosso movimento de idéas philosophicas em 1920, ainda quando de intenção anti-individualista, revela desde logo a feição critica do nosso pensamento, isto é, a segunda phase da assimilação cultural.

Se minguados foram os volumes de critica philosophica em 1920, em maior numero não foram os de critica literaria. Nos seus "Ensaio de Critica e Esthetica", obra de absoluto relevo na vida intellectual da provincia, deu-nos o sr. Alvaro de Carvalho alguns capitulos de critica objectiva, isenta e meditada, com independencia, gosto e cultura, ainda que desigual de interesse e merito.

Critica impressionista, mas de uma logica e lucidez admiraveis, tivemol-a com as "Paginas de Critica" do sr. Medeiros e Albuquerque. Sob o titulo de "Letras floridas" deu-nos o sr. Amadeu Amaral algumas de suas conferencias literarias, de pensamento agudo e senso critico, desmentindo o pensamento de Emerson de que todo critico é um poeta falhado! Se accrescentarmos a esses a pequena contribuição do sr. Mario de Lima, a "Historia da Literatura Mineira", separata do Diccionario que o Instituto Historico prepara para o Centenario, e as "Accendalbas" do sr. Alberto de Faria, obra preciosa se não arrena mas admiravelmente informada de um de nossos raros humanistas, teremos encerrado a secção de critica literaria. Esta continua a resumir-se de preferencia, no que acima chamei critica immediata. Falta-nos a critica geral, com espirito philosophico, cultura solida e personalidade de visão, em que o commentario se não revista de defeitos oriundos da primeira impressão e de exiguidade de trabalho do sub-cons-



GALERIA DOS EDITADOS PELA "REVISTA DO BRASIL"



PAULO SETUBAL

Autor da *Alma Cabocla*



Estudo de paisagem

Clodomiro Amazonas

ciente essencial na actividade critica. Em uma palavra: precisamos de revistas, em que o nosso pensamento possa fixar-se, antes de perder-se, como acontece- ou no aleatorio dos jornaes ou no desanimado e nas difficuldades do livro a fazer. As revistas são os orgãos capitaes do pensamento moderno, mormente do criticismo, que será cada vez mais o nosso. E aqui teremos de inverter, embora com esforço, os termos do problema: venham os orgãos para estimulo da funcção.

Na actividade de critica literaria desse anno de 1920, é mister aliás mencionar o apparecimento de um volume de conferencias e estudos sobre Euclides da Cunha, editado pelo Gremio Euclides da Cunha, que mantem o culto do mestre do nosso verdadeiro nacionalismo, bem como o primeiro exemplar da Anthologia Brasileira, organizada pelos srs. Afranio Peixoto e Constancio Alves, com paginas dos dois José Bonifacios e que pretende revelar muita preciosidade idéita ou esquecida de nossa literatura.

Foram tambem reunidas em volume as *Poesias* completas de Augusto dos Anjos, esse curioso poeta, que, seguindo a senda que outros tantos dos nossos lhe indicavam, morreu moço, deixando uma obra cortada de relampagos e uma grande esperança mal-sinada.

Uma fórmula de estudos que, em nosso movimento de idéas, devera ter mais larga repercussão, é a sociologia. Não é infelizmente o que se dá, e por isso nos faltam tantos documentos e informações sobre a nossa vida nacional. Ou então, investigações se fazem, mas parcelladas e sem verdadeiro espirito scientifico, pelo prazer das syntheses faceis e seductoras.

Tivemos, por excepção, esse anno de 1920, na materia, um grande livro que annuncia uma grande obra. Trata-se desse longo estudo sobre as "Populações Meridionaes do Brasil", pelo sr. Oliveira Vianna, que é, sem duvida, um dos estudos de mais follego, de mais methodo, de mais honestidade de observação e originalidade de generalisação, que a observação da nossa gente e da nossa historia tem inspirado. Oxalá, possa elle despertar em espiritos graves e cultos, dispersos por outras investigações, o gosto por esses estudos sociaes, que nos irão dando, com o tempo, maior consciencia da nossa *vitalidade* nacional.

Especialidade a que não faltam adeptos entre nós, a juizo dos proprios escriptores de alem-mar, é o estudo da nossa lingua. A tres especies se reduzem os que a elle se dedicam ou com ella trabalham: conservadores, renovadores, innovadores.



Conservadores são, em geral, os grammaticos, fieis á indole tradicional da lingua, legado precioso de que o "generoso Amazonas" é apenas depositario e deve transmittir á posteridade intacto. Renovadores são o povo e em geral a massa dos escriptores. Aquelle, porque vae sentindo necessidades novas de expressão. E embora preso ao velho tronco da lingua, pelo respeito aos preceitos aprendidos na adolescencia como inatacaveis, e conservados pela vida em fóra, crea uma terminologia propria e apenas para o commercio familiar da palavra, terminologia clandestina que se vae lentamente infiltrando no corpo da lingua. Renovadora da lingua é ainda a grande massa de escriptores, que, embora inconscientemente, vae recolhendo em suas obras palavras e torneios, que aberram da indole castiça do idioma.

Propriamente innovadores, emfim, são certos nucleos ruraes, mais segregados do commercio da civilisação, e em via de deperecimento, como bem notou o sr. Amadeu Amaral, e sobretudo os escriptores ditos regionalistas, que trabalham com a intenção confessada de recolher e divulgar as formas novas de linguagem desses grupos da população.

As duas correntes extremas tiveram, esse anno de 1920, a sua obra de relevo: "Trechos Selectos" do sr. Souza da Silveira e "O Dialecto Caipira" do sr. Amadeu Amaral. Jovem estreante, revelou o sr. Souza da Silveira o mais solido conhecimento do idioma e a mais severa dedicação a estudos philologicos .

Se ao sr. Amadeu Amaral falta a mesma solidez de estudos e conhecimentos, sobra-lhe a qualidade mais rara de se encontrar nesse ramo — a originalidade. Póde-se dizer que a sua obra é a primeira tentativa seria de systematisação do nosso falar caipira.

Restringio-se deliberadamente a uma especialisação do assumpto, mas parece que a vae completar, estudando a materia da "nossa lingua" em toda a sua complexidade nacional.

O livro do sr. Oliveira Vianna sobre as "Populações Meridionaes do Brasil" e este do sr. Amadeu Amaral sobre "O Dialecto Caipira" foram, no nosso movimento de idéas em 1920, duas obras de absoluto valor, inspiradas na nossa realidade e reveladoras ambas de vastos e fecundos horizontes de estudos e conclusões.

Ainda algumas obras de certo relevo vieram a lume em 1920, em generos diversos. Tivemos a publicação posthumas dos ultimos ensaios de Souza Bandeira, que tentou adoçar o amargor do seu fim de vida, com "Evocações" commovidas da sua infancia, do "seu tempo", da sua provincia natal. Tivemos as memorias, tambem porthumas, do Visconde de Taunay, sobre a sua primeira campanha durante a guerra do Paraguay, e que poderão servir de introducção á classica "Retirada da Laguna".

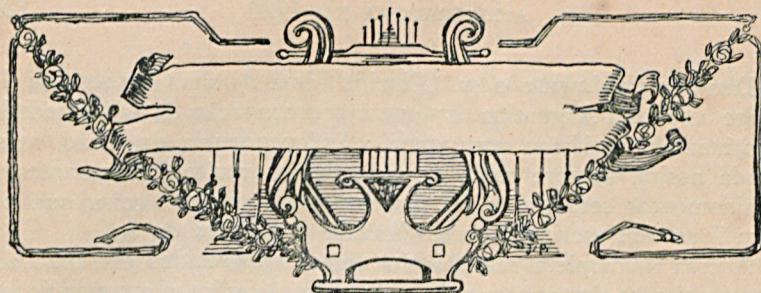


Deu-nos finalmente o sr. Oliveira Lima as suas impressões de viagem sobre a Argentina, em que a preocupação da solidariedade continental sacrificou um pouco a independência da visão, mas, ainda assim, sempre ricas de observações muito interessantes e ensinamentos sem conta. E', em summa, a melhor coisa que no Brasil se tem escripto sobre a grande Republica do sul.

A essa incompleta rezenha dos livros apparecidos em 1920 alguma coisa ha-de ter escapado, a despeito do esforço em mencionar tudo quanto de si tenha deixado um rasto menos passageiro. Será o caso de pedir para as omissões a classica e impossivel tolerancia dos omittidos... Consolem-se com a incompetencia da critica e a justiça da posteridade.

Rio.





MARILIA E DIRCEU

POR PAULO GONÇALVES

O ENCONTRO

A nossa terra, então, inda é colonia lusa.
Villa Rica. Manhã esplendente e sonora.
De anquinhas e bandós, tal a moda que se usa,
Dorothea demanda a capella de outrora.

Gonzaga é nesse tempo um trovador sem musa.
Vae passando, talvez a sonhal-a, nessa hora.
No milagre do encontro, ella pára, confusa,
Elle sorri, doneando; ella, sorrindo, córa.

Começa nesse instante, inspiradora e pura,
Essa historia de amor tão linda, mas tão triste,
Em que ha pouca ventura e muita desventura.

Não lamentos, Marilia, as angustias passadas,
Nem maldigas, Dirceu, o momento em que a viste:
A Gloria immortaliza as paixões desgraçadas.



O PEDIDO

*O segredo: o ouvidor da Villa está na sala...
Amor anda a esfolhar flores na noite fria...
Dorothéa, de roca e fuso, espera e fia.
Fia, e, anciosa e indiscreta, escuta o que elle fala.*

*Ella já idealiza o venturoso dia,
Em que, proxicamente, elle irá desposal-a:
A Villa ha de sorrir nesse dia de gala...
E, fiando o sonho della, o fuso rodopia.*

*Quando o cortejo fôr para a igreja da praça,
Ella, toda a alvejar nas vestes vaporosas,
Elle, a suster-lhe a mão, todo nobreza e graça,*

*Muita gente, esquecendo os nomes de familia,
Ha de pedir ao ceo um futuro de rosas
Para o Senhor Dirceu e a senhora Marilia.*

O PRESENTE

*A velha Villa Rica oireja, á luz do occaso.
Um sino, a badalar, melancoliza o poente...
De lá, da solidão do valle extenso e raso,
Vem subindo o cendal da nevoa, lentamente...*

*Na velha solitaria, toda a gente
Anda agora a falar do novo e extranho caso:
E' que o senhor juiz, tão severo e prudente,
Deixou cahir na rua um dedal, por acaso.*

*E enquanto não termina a hora suave da prece,
Com mais amor talvez, talvez mais commovido
Do que se um madrigal florejando estivesse,*

*Dirceu, no ouro do sol, na varanda, acurvado,
Borda, com fios de ouro, o virginal vestido,
Que Marilia usará no dia de noivado.*



A INCONFIDENCIA

*Ingenua tecelã, amorosa fiandeira,
Sem nunca haver cuidado em seu premio vindouro,
Marilia, em derredor da tragedia mineira,
Involuntariamente, urde uma trama de ouro.*

*Ella é a prece entre o sangue, a piedade entre o choro.
O Destino a envolveu no drama, de maneira
Que, á feição de uma flor, seu vulto immorredouro
Perfumasse a manhã da patria brasileira.*

*Assim, entre os paineis que a epopéa recorda:
— Tiradentes na forca, e Dirceu no degredo,
E Claudio, na prisão, a oscillar numa corda,*

*E a colonia abalada ao tremendo improviso,
E a Villa em crepe, e o Reino em ira, e o povo em medo —
O nome espiritual de Marilia — é um sorriso.*

A PARTIDA

*Se Dirceu vae partir para sempre, sê forte!
Dize-lhe sem tristeza o adeus da despedida.
Ha, para teu consolo, a infinita cohorte
Das mulheres que o amor martyrizou na vida.*

*Toda essa procissão chorosa e dolorida,
Que hoje passa a esplendor pelos jardins da Morte,
Sentiu no coração essa mesma ferida,
Arrastou, como tu, na terra, a mesma sorte.*

*Oh! não para pedir allivio ás tuas dores,
Mas sim para noivar, sonhavas ir á igreja!
Vae e reza por elle! Olvida os teus amores!*

*Pede a Nosso Senhor que o acompanhe e proteja.
Olha, eu rezo contigo... eu amo os soffredores...
"Padre nosso, que estaes no ceo, bemdito seja"...*



A' LYRA DE DIRCEU

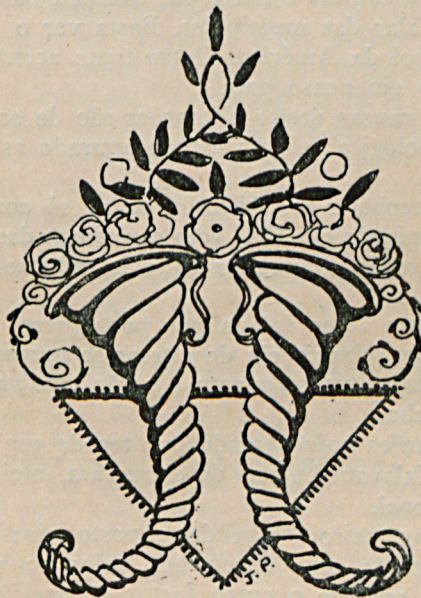
*Deram-te a solidão dos confins africanos,
Abafaram-te a voz, lyra nobre e singela!
Mas o teu canto atravessava dois oceanos
E vinha consolar tua "Marilia bella".*

*Sim! Marilia escutou, durante muitos annos,
Já quasi a se extinguir, mas ainda cheia della,
Como um echo de amor sobre os seus desenganos,
A sentida canção da tua pastorela.*

*Rota e esquecida embora, inda resoas, quando
O crepusculo de ouro e perola declina,
A velha e silenciosa Ouro Preto dourando.*

*Pela paz, pelo ceo, por um sino que toca,
Pela sombra que desce, a tristeza, a neblina,
A alma de todo poeta, ajoelhada, te evoca.*

Santos.





VARIANTE CARIOCA DE UM SUBDIALECTO BRASILEIRO

POR ANTENOR NASCENTES

(do Collegio Pedro II)

E' factó por demais sabido que, mesmo dentro do proprio *habitat*, por diversas causas, entre as quais sobresaem a lei do menor esforço e a necessidade de clareza na expressão, as línguas tendem a alterar-se.

Maiores alterações sofrem ainda quando são transplantadas de uma para outra região. Assim, o latim se transformou nas actuais línguas românicas e estas, por sua vez, nas colonias muito diferem já do falar das metrópoles. Basta ver o francês do Canadá e o espanhol da América. Outro tanto aconteceu ao português implantado em nosso país.

As principaes causas destas alterações são de ordem etnológica e de ordem mesológica; só um estudo apurado as pode fixar de modo preciso.

Apesar de descoberto em 1500, o Brasil só começou propriamente a ser colonizado em 1534 com o regimen das capitánias hereditárias; pode-se dizer que data daí a introdução da língua portuguesa.

Nem que apenas fosse falada por portuguezes e seus decendentes puros, não deixaria ela de alterar-se graças a causas que actúan tão insensivelmente quanto a acção erosiva das águas ao destruir uma rocha.

Maiores alterações sofreu ainda por ter de ser aprendida por duas raças que falavam línguas de estructura inteiramente diversa do tipo flexional.

O índio foi o primeiro a aprender o português; é natural, pois foi o povo autóctone, aqui encontrado pelos portuguezes.

Só mais tarde aparece o outro factor etnográfico, o negro.



No Brasil, o escravo negro foi introduzido ao tempo dos primeiros estabelecimentos. A escravidão vermelha precedeu de certo a negra; e daquela já se fala em 1531, quando Martim Afonso concedeu a Pero de Goes permissão de levar para a Europa dezeseite escravos índios; mas desde cedo na capitania de S. Vicente são escravos negros que trabalham na agricultura da cana. Deve datar pelo menos do anno de 1532. (João Ribeiro — Historia do Brasil).

Os colonos portuguezes, os índios, os africanos, seus descendentes puros ou mestiçados, começaram cada qual a seu modo, a modificar a língua portuguesa e mais tarde todas estas modificações vieram constituir a variante brasileira.

Essa variante constitui um dialecto? A resposta depende do conceito que se fizer de dialecto.

Querem uns que as variantes só se considerem dialectos quando houver difficuldade de compreensão mútua entre os que as falam; dão outros, como Leite de Vasconcelos, o nome de dialecto às differenças locais de uma língua, admitindo dentro dos dialectos os subdialectos e dentro destes as variedades.

Aceitemos o ponto de vista do mestre da dialectologia portuguesa.

Haja ou não haja dialecto brasileiro, questão que desde a célebre polémica entre Alencar e Castilho se discute, o que não se pode contestar é a existência de variação entre a língua do Brasil e a de sua antiga metrópole e é isso principalmente o que nos interessa e o que nos cumpre estudar.

Leite de Vasconcelos, no "Esquisse d'une dialectologie portugaise" nos mostra nosso dever de estudar o português do Brasil.

O grande Meyer Lübke, na "Introdução ao estudo da filologia românica", só se refere ao chileno porque o castelhano do Chile é a *única* variante românica que até hoje recebeu um estudo científico e lamenta a escassez do material no tocante à evolução do românico nas colônias.

São do mais alto valor os casos de patologia glotológica apresentados pelos dialectos; são mais importantes do que as questões fúteis sobre colocações de pronomes e outras.

Les anciens grammairiens, et encore aujourd'hui la plupart des personnes, considèrent le parler du peuple comme un jargon dépendant du caprice individuel, quoiqu'il n'y ait rien de plus faux que cette idée. Sans doute, je ne demande pas que les personnes instruites parlent et écrivent le langage du vulgaire. Chaque chose a sa place. Quand je soutiens que la langue populaire ne mérite aucun discrédit, je veux dire par là que tous les phénomènes qu'on y observe sont du même ordre que ceux de toutes les autres langues; et il ne peut pas en être autrement, car l'esprit humain est un.

Quel que soit le point de vue auquel nous considérons la dialectologie, elle a une grande importance. En premier lieu, elle sert à la glottologie générale, parce que, comme les dialectes ont un developpe-



pement plus libre et plus spontané que la langue des lettrés, qui est en partie très soumise à la tradition littéraire, et dans le lexique, dans le style, et même dans la syntaxe, aux goûts et aux caprices des écrivains en renom, on y peut plus facilement surprendre l'action des forces vives du langage.

Si de la glottologie générale nous passons à la glottologie romane, personne ne révoquera en doute combien intéressant est d'observer quel degré de différenciation a éprouvé le latin à l'extrémité occidentale de la Romanie, dans la bouche d'un petit peuple, qui, non content de le parler en Europe, l'a porté et propagé depuis les rocs du "Promontorium Sacrum", jusqu'aux rivages des Amazones, et jusqu'à Timor, dans l'archipel asiatique.

En descendant à l'examen des détails, nous trouvons que les dialectes portugais enrichissent la glottologie romane.

Dans le domaine spécial de la langue portugaise l'étude des dialectes facilite celle de la langue générale.

L'importance de la dialectologie portugaise peut encore être appréciée sous d'autres aspects. De même que la flore, la faune, le climat caractérisent physiquement une région, de même les dialectes, aussi bien que les coutumes, le type anatomique, les aptitudes esthétiques, intellectuelles et morales, les tendances morbides, caractérisent dans une certaine manière les populations qui s'en servent. Ainsi la dialectologie sert à l'anthropologie et à l'ethnologie.

Melhor do que fez o mestre nestes trechos, não poderíamos nós mostrar o valor dos estudos dialectológicos.

Convencido disso, nos entregávamos a tais estudos quando recebemos de Meyer Lübke um escrito em que o ilustre filólogo dizia:

Vous êtes au courant de la philologie romane et je crois bien que vous seriez en état de contribuer au développement de nos études. Nous n'avons pas encore une étude sur le dialecte du Brésil, sur les différences phonétiques et morphologiques du langage populaire, qui pourtant doivent exister. Comme je ne connais pas de textes (en a-t-il?), c'est aux brésiliens de combler cette lacune. Peut-être que vous le ferez?

Diante de tal convite, não hesitámos em dar mais desenvolvimento aos nossos estudos para poder fornecer ao mestre os dados de que êle precisa.

Felizmente nestes últimos tempos temos ido no assunto além das meras investigações sobre o léxico. Estudiosos como Mario Barreto, Sousa da Silveira e outros, teem-se ocupado com a fonética, a morfologia e a sintaxe do dialecto e Amadeu Amaral acaba de nos dar o primeiro estudo científico de uma variante brasileira.

Em que consistem as diferenças entre o português do Brasil e o de Portugal?

A diferença mais notável (da lingua das colônias e ex-colônias) relativamente aos romanicos europeus dá-se naturalmente no vocabulário, por isso que a peculiar cultura destes países quase os obriga a receber muitas palavras estranhas.



A evolução fonética e a constituição das formas revelam, pelo contrário, tendências que não se diferenciam essencialmente das que se observam nos dialectos da língua mãe; e, ás vezes, apresentam também um grande senso conservador (Meyer Lübke).

Podemos acrescentar que a acentuação nacional (sotaque) difere muito e que a sintaxe apresenta variações importantes. Mesmo assim, o português do Brasil não é o que se chama em filologia românica um dialecto crioulo.

Dialecto crioulo é uma linguagem formada por palavras europeas com gramática de povo selvagem ou bárbaro. Dialectos crioulos do português são o indo-português, o cingalês, o macaista, o timorense, o caboverdiano, o guineense, o falar do golfo da Guiné e o das costas d'Africa. Nestes dialectos, "a estrutura morfológica, sobretudo, tem um aspecto muito distinto da do ramânico, como tôsca adaptação desta a um pensar linguístico de indole muito diferente." (Meyer Lübke).

Um espécimen de tais dialectos tínhamos na linguagem dos pretos minas, hoje quase desaparecida.

As causas de alteração atrás apontadas cumpre adicionar os que começaram a actuar no século XIX; a imigração italiana em S. Paulo, a polaca no Paraná e a alemã em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

Não podemos também prescindir do castelhano sul-americano das fronteiras, principalmente do Rio Grande do Sul.

Ao lado das tendências destrutivas cumpre assinalar as de reacção, constituídas pela conservação de arcaísmos (o que também se dá no espanhol hispano-americano, segundo Bello), pela avultada e constante imigração portuguesa, pelo combate ao analfabetismo, pelo estudo dos clássicos portugueses, o qual cada vez é feito com mais carinho.

Graças à grande extensão do nosso territorio e a outras causas, criaram-se dentro do dialecto brasileiro subdialectos que apesar de não estarem ainda bem caracterizados, mesmo assim não se confundem. Quem não distingue do falar *cantado* do nortista a fala *descansada* do homem do Sul ou a fala *apressada* do carioca?

O dialecto brasileiro podetalvez ser dividido em quatro subdialectos: o nortista (Amazonas, Pará, litoral dos estados desde o Maranhão até a Baía), o fluminense (Espírito Santo, Rio de Janeiro, Distrito Federal, parte de Minas), o sertanejo (Mato Grosso, Goiás, norte de Minas, sertão dos estados litorâneos desde o Maranhão à Baía) e o sulista (S. Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, triângulo mineiro).

Cada um dêsses dialectos apresenta variedades que aliás não são de mui grande importância.



As bases do edifício da dialectologia brasileira devem partir das variedades. Estudadas estas por pessoas que estejam alheias à influencia de outras variedades, poder-se-há fazer uma synthese dos subdialectos. Caracterizados êstes, só então, por nova synthese, poderemos chegar a conclusões seguras a respeito do dialecto brasileiro.

Tudo isto é trabalho para longo tempo, trabalho que exige pacientes e demorados estudos; é preciso auscultar o coração do povo, sentir a psicologia popular, estudar os costumes, os hábitos, etc; não é só um trabalho de linguistica: nêle entra muito do folclore.

Desejando fixar o falar do Rio de Janeiro no primeiro centenário da nossa Independencia, estudámos sob todos os aspectos o que chamamos a variedade carioca do subdialecto fluminense.

Carioca, sabem todos, é o natural do Districto Federal. Este nome se originou de um rio que desemboca na praia do Flamengo.

Carioca é o que bebe a água do rio Carioca; isto nos lembra o *Rhodanique potor* daquela ode de Horácio no livro II.

Diversas etimologias tem sido propostas para esta palavra: casa da água corrente, água corrente de pedra, mãe d'água, casa da fonte, casa dos carijós, casa do branco.

Batista Caetano, com sua grande autoridade, acha forçada a etimologia *kaa-ri-og*, corrente saída do mato ou do monte e julga mais plausivel *kaa-ry-og*, casa da corrente do mato.

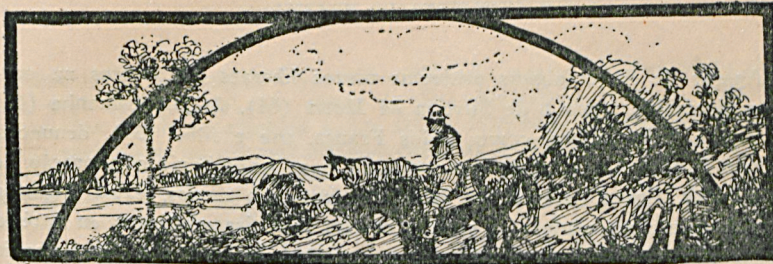
Seja como fôr, foi esta a denominação que achámos adequada á variedade do subdialecto falado na capital da Republica. Sendo cariocas nossos progenitores, havendo nós nacido no Districto Federal onde nos criámos e donde nunca nos retirámos por prazo superior a um mês, achamo-nos por consequinte alheios á influêncie de qualquer subdialecto estranho e julgamo-nos legitimo representante da fala genuinamente carioca.

E' esta a condição primordial para quem quer que se proponha a estudar uma variante. Quem não a preencher, por maior estudo e talento que empregue em suas pesquisas, terá sempre uma falta irremediável.

Vamos dividir nosso estudo em quatro partes: fonética, morfologia, syntaxe e lexicologia, adoptando, para imprimir a uniformidade indispensavel em trabalhos deste gênero, a orientação seguida por Amadeu Amaral no "Dialecto caipira", o que mais tarde facilitará extraordinariamente a tarefa da coordenação dos dados característicos dos subdialectos e do dialecto.

Rio.





DOM PEDRO II E O ABOLICIONISMO

POR PEDRO A. PINTO

(da Universidade do Rio de Janeiro)

A Historia não se escreve apenas com afirmações emphaticas, senão principalmente, com factos e documentos: sem posição no debate, folgamos em acolher esta pagina erudita de critica historica.

N UM discurso pronunciado na Faculdade de Medicina, tive ocasião de dizer que não acreditava no abolicionismo do Sr. D. Pedro II e que não via, lendo a historia do Brasil, a noticia de actos que demonstrassem ter o imperador auxiliado os que, com ardor ou sem êle, apostolizaram a redenção dos cativos. Asseverei que as manifestações abolicionistas do imperante não passaram de meras frases, elaboradas com o intuito de iludir a Europa e que surgiram depois de agosto de 1866, quando aqui chegou a mensagem da Junta franceza de emancipação. Neste ponto, fui contestado, de modo veemente, por um colega, o qual me citou factos e datas que, no momento, abalaram as minhas idéas. Saí da reunião mais ou menos convencido de que andava errado, quando supunha ter sido o monarca indifferente á sorte dos escravos.

Proclamou o meu contraditor que fôra o Snr. D. Pedro II quem levara Pimenta Bueno a organizar os seus conhecidos projectos de abolição. Assim sendo, não procedia eu com justiça quando afirmava que o abolicionismo imperial não era sincero, nem espontaneo e sim solicitado pela representação firmada pelo duque e pelo principe de Broglie, por Guizot, por Laboulaye, por Mont' Alembert...

Era o senador Pimenta Bueno amigo muito chegado de D. Pedro II, pelo que não me pareceu absurdo tivesse dêle recebido a incumbencia de estudar o assunto, com luzes subministradas pelo proprio monarca.

Apesar de serem alguns projectos menos liberaes que outros na occasião discutidos, como o de Silveira da Motta (64), de Jequitinhonha (65) e alguns mais antigos, como o dos França, pae e filho (31), denunciavam o intento de extinguir a escravatura e, se nêles havia colaboração do imperador, ficava patente que êste, uma vez pelo menos, havia cogitado maduramente no assunto, e seria grosseira injustiça continuar eu a tê-lo como escravagista e a repetir que o seu abolicionismo era "monomania de iludir a Europa", modo de dizer que colhi nas obras de um dos apóstolos da grande missão.

Eduquei-me na escola de Robertson, onde se ensina a quem fala ou escreve a proposito de historia, que o faça como testemunha que depõe sob juramento, e senti-me obrigado a retratar-me e dizer em publico que havia errado ao asseverar que nada existia, alem de frases feitas, que evidenciasse algum interesse tomado por D. Pedro II, no destino dos infelizes escravos.

Iniciei a redacção de um escrito que tencionava publicar e, para acentuar a tendencia liberal dos planos de Pimenta Bueno, atribuidos ao Imperador, em 23 de Janeiro de 1866, mostra que este não o havia insfessor de nossa Escola de Medicina se havia iludido e me enganado, quando afirmou que os projectos de S. Vicente (Pimenta Bueno) eram do Imperador. A leitura do memorial que Pimenta Bueno entregou ao Imperador, em 23 de aneiro de 1866, mostra que este não o havia inspirado, nem tivera noticia previa dos estudos, feitos por S. Vicente em completo segredo. Copio, do memorial a que aludi, as seguintes palavras:

Na falta de outros trabalhos, e mais competentes, que não me constam que estejam modelando, servirá o systema constante dos projectos juntos de uma primeira base para o estudo ou invenção de melhores ideas.

A materia é tão grave que eu não teria animo de tomar a iniciativa como senador, sem subordinal-a á sabedoria de Vossa Magestade Imperial: temeria com razão contrariar as vistas do governo, ou crear novas dificuldades.

Mostra esse lanço que não foi do imperador a iniciativa.

Num parecer, lido na Camara aos 15 de ju'ho de 1871, escreveu Christiano Ottoni:

Havia tido a idéa o Sr. Visconde de S. Vicente, que reservadamente oferecera seus projectos á consideração de Sua Magestade Imperial, em data de 23 de Janeiro de 1866. Nenhum seguimento teve esta iniciativa, parece que nem o ministerio de então entrou na confidencia, não se pediu conselho, a fala do trono desse anno nada disse ao parlamento. Era lembrança de um brasileiro; não foi tomada em consideração...

Em Agosto seguinte, porém, chega ás imperiaes mãos uma carta da Junta Francêsa de Emancipação, com assignaturas de Broglie, Guizot, Labouaye, Mont'Alembert, etc.; que horizonte de gloria para o monarca, que resolvesse o delicado problema! que aureola de ovações, de louvores, de consideração! Logo, sem estudo a'gum, sem ao menos ouvir sobre a



proposta do Sr. S. Vicente, o Conselho d'Estado, que só foi convocado em 1867, uma carta official, em nome de Sua Majestade Imperial, escrita poucos dias depois de recebida a dos sábios francezes, prometeu-lhes que *apenas melhoradas as penosas circumstancias de então (a guerra do Paraguay) o Governo Imperial consideraria como objecto de importancia a emancipação dos escravos, que não passa de questão de forma e de oportunidade.* (Parecer Pag. 21).

O Conselho de Estado só teve noticia dos planos de S. Vicente 13 meses depois de apresentados ao Imperador e não foi convocado para discuti-los. Em nota confidencial, expedida aos membros do Conselho, em 2 de Fevereiro de 67, formulavam-se estes quesitos:

- 1.º) Convem abolir directamente a escravidão? No caso de affirmativa:
- 2.º) Quando deve ter logar a abolição?
- 3.º) Como, com que cautelas e providencias cumpre realizar essa medida?

Foi a confidencial acompanhada de um impresso que continha os projectos. Nas sessões, que se realizaram em abril, foi muito discutido o assunto mas, propriamente, não se discutiram os planos de S. Vicente, como pode vêr-se pelo exame das actas e pareceres publicados em 1868 e 1870.

Ainda mesmo que não houvesse a declaração de S. Vicente para provar era exclusivamente sua a autoria dos projectos, o modo pouco atencioso como foram eles tratados demonstrava a falta de interesse e, por isso, de colaboração imperial.

Christiano Ottoni, homem de exagerada boa fé, creu que a mensagem franceza houvesse convertido o imperador ao sublime credo abolicionista. Eu hoje, porém, revendo o assunto e apoiando-me no testemunho de evangelizadores da abolição, como Joaquim Nabuco, Ruy Barbosa, José do Patrocínio e outros, continuo a pensar que o Sr. D. Pedro II colocou os interesses da dinastia acima dos interesses da humanidade e que, se dele dependesse, não se teria extinto a escravidão. Seu abolicionismo, a meu vêr, foi teorico, puramente verbal e não seguido de acção.

Para quem, como eu, não duvide de que a campanha da abolição foi a obra verdadeiramente nobre da historia brasileira, gratissimo seria poder afirmar, alto e de bom som, que até o chefe do Estado por ela se entusiasmou e foi empolgado. Infelizmente, porém quer-me parecer que seria afirmação não veridica, sem apoio nos factos e, por isso, insubsistente. Não é crível que homens que consagraram a vida á causa da abolição, como Nabuco, Ruy, Patrocínio, não conhecessem o seu historico e fossem capazes de negar ao Imperador o titulo de abolicionista, se este o merecesse.

Transcrevo palavras de Joaquim Nabuco:

Quem escreve estas linhas não é inimigo partidario nem desafecto pessoal do Imperador, muito pelo contrario, e, assim como sempre fala respeitosa e ao chefe do Estado, deseja poder ocupar-se da politica do país sem envolver a alta personalidade que a Constituição neutralizou, tornando-a irresponsavel. Mas, seria evidente hypocrisia comentar os



grandes factos, a architectura do reinado, sem considerar a acção do Imperador, que se não é tudo em nossa politica, é quasi tudo. O presente opusculo é pequeno demais para conter o desenvolvimento da seguinte ideia, mas do que eu acuso o Imperador quando me refiro ao governo pessoal, não é de exercer o governo pessoal, é de não servir-se dele para grandes fins nacionaes. A accusação que eu faço a esse despota constitucional, é de não ser ele um despota civilisador; é de não ter resolução ou vontade de romper as ficções de um Parlamentarismo fraudulento, como *ele sabe* que é o nosso, para procurar o povo nas suas senzalas ou nos seus mocambos, e visitar a nação no seu leito pe paralia. (O erro do Imperador. Pag. 13. 1886).

A historia ha de difficilmente conciliar a intelligencia esclarecida, a vasta sciencia do homem com a indifferença moral do chefe do Estado pela condição dos escravos no seu país. (Ib. Pags. 14).

...o indifferentismo do Imperador pela escravidão não podia ser maior. Ele habituou-se a ela; perdeu de vista o ideal de uma nação livre. (Ib. Pags. 14).

Esse problema, que é de dignidade para a nação mas de vergonha para o trono — essa tarefa divina e humana, que os dois grandes Libertadores, o do Absolutismo e o da Republica, Alexandre e Lincoln, resolveram em 24 horas, o Imperador do Brasil não lhe deu um minuto de suas preocupações, não correu por ela o menor risco e passou 45 anos sem pronunciar sequer do trono uma palavra em que a historia pudesse ver uma condenação formal da escravidão pela monarquia, um sacrificio da dinastia pela liberdade, um apelo do monarca ao povo a favor dos escravos. (Ib. Pags. 15).

O Brasil voltou a ser um mercado de escravos em alta; os cativos perderam o começo de apoio que iam encontrando na magistratura...

...Pois bem, o culpado de tudo isso é principalmente o Imperador, porque quando era preciso caminhar resolutamente para deante, ele voltou para trás; quando o país ansiava por ideias novas e um espirito de governo novo, ele só pensou em dar arras à escravidão e em reconciliar-se publicamente com ela...

Quem reflecte que o trono do Brasil descança, como todas as instituições do país, sobre camadas de gerações inteiras de cativos, custa a compreender que o homem de bem que nele se assenta não tenha a impressão de tristeza ou de misericórdia, pensando que a nossa escravidão continuará a ser por muito tempo ainda — "*somente por que ele o quiz.*" Em 1885 um acto, uma palavra do Imperador teria vencido a resistencia enfraquecida do esclavagismo, que se extenuou derribando o ministerio Dantas. Em vez desse acto ou dessa palavra S. Magestade fez exactamente o contrario: dissolveu a Camara com a resolução formada de entregar o país à reacção escravista, sacrificando assim a honra do seu reinado. (Ib. Pags. 18).

Ao acto majestatico de 19 de Agosto de 1885, ao Testamento Imperiai que, deserdando os escravos, fez do partido conservador o fidei-comissario da Monarquia, ao golpe de Estado que resituiu ao espirito escravista a posse da geração contemporanea, que se havia libertado dele, eu chamo — o Erro do Imperador. E' possível, porém, que a historia, contemplando a soma *incalculavel* de injustiças, sofrimentos, opressões e martirios, que hão de assinalar á sombra da Nova Lei esta fase da recrudescencia da es-



cm

1

2

3

4

5

6

7

unesp

10

11

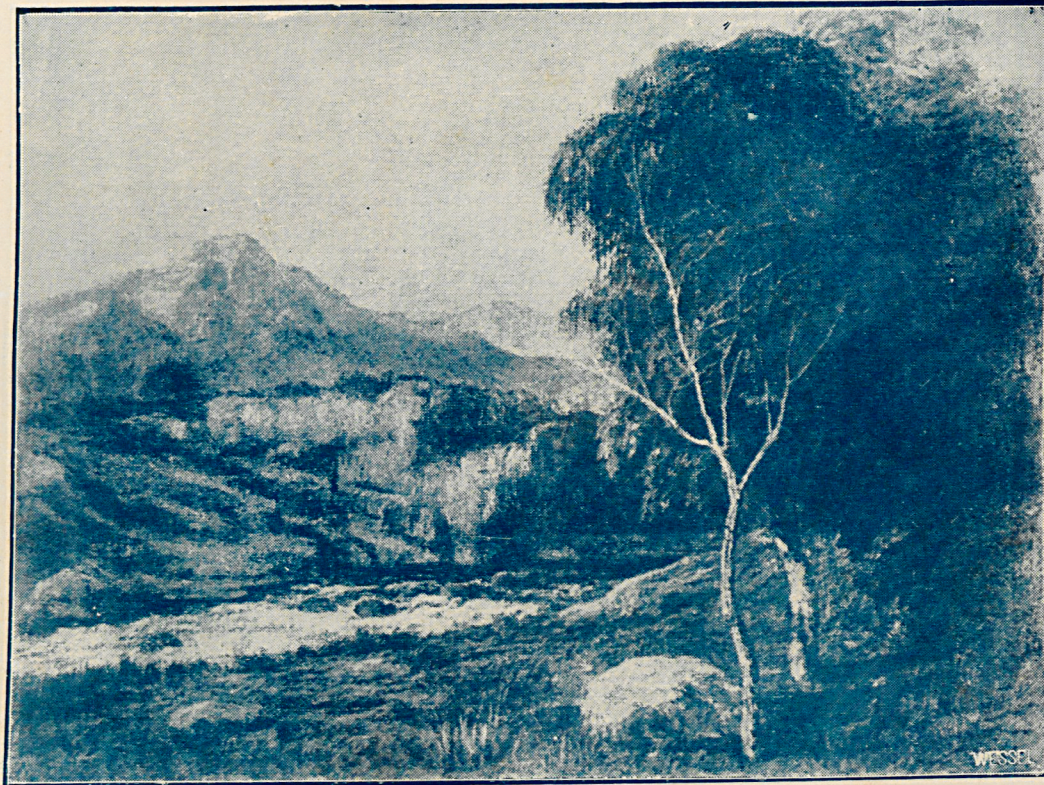
12

13

14

15

ARTE NACIONAL



Estudo de paisagem

Clodomiro Amazonas

ARTE NACIONAL



Estudo de paisagem

Clodomiro Amazonas



cravidão, e observando deante desse espectáculo enlouquecedor a tranquillidade olimpica de quem preside a ele diariamente, pense que o erro politico, quando envolve uma infinidade de crimes dessa ordem, é o maior de todos eles. (Ib. Pags. 19).

Em toda a parte os abolicionistas sentem que a opinião está sendo resfriada por uma forte corrente glacial que desce do polo de S. Cristovam. (Ib. O eclipse do abolicionismo. Pag. 32).

Não se me acuse de otimismo incuravel por eu ainda me dirigir ao Imperador, pedindo-lhe que ponha termo à barbarie do seu reinado. O Poderé ele... (Ib. Pags. 40).

Vai longo este escripto, pelo que interrompo o depoimento de Nabuco, para que se tome o de Ruy Barbosa:

... o trono, ambicioso de colher as glorias da grande ideia, mas incapaz de assumir-lhe magnanimamente a responsabilidade, traçou protelar indefinidamente a reforma real! (Ruy. Discurso no dia 2—8—1874).

As influencias que nos governam, compõe uma lagôa estagnada. De cima nada temos que esperar. Mas a palavra semeada pelos que lutam acabará por vencer; e, se as alturas são inacessiveis á acção da intelligencia, da moralidade e da justiça, o abolicionismo revolverá o povo. (Ib. Oração pronunciada aos 2 de agosto de 85. "Discursos e Conferencias", pags. 184).

... Aliás a abolição se fará a despeito da corôa. O chefe do Estado ha de comparecer á presença da Civilisação, da Humanidade e da Historia; mas, antes que esse tribunal sentencie, o paiz terá feito a sua justiça, e possuirá a obolição como um triumpho contra a dimasia reinante. (Ib. Pags. 186).

Para que a historia não cometa contra o principe reinante a injustiça amarga irreparavel de escrever que o Brasil, nos dias do segundo imperador, foi governado pela pedantaria purpurada, por uma cruel impostura de humanidade, absorta na ideia monomaniaca de iludir a Europa, é mister que Sua Majestade se descubra francamente, perante o mundo, como o protector da escravidão, ou que retire à escravidão o apoio do trono, a cuja sombra exclusivamente ella vive, em dsafio à vontade manifestissima do paiz. (Ib Discurso em 28—887. Op. cit. Pags. 242).

Mas essa mutação politica que abolicionistas eminentes, não sei por que justiça, ou por que logica, têm agradecido á munificencia da realeza, é simples acto da vontade nacional, alumada pela propaganda abolicionista; é obra da attitude da raça escrava rebelada contra os feudos pela invasão do evangelho abolicionista na região tenebrosa das senzalas...

... A verdade, neste quinquenio, que data a agonia do elemento servil, é que o paiz andou sempre diante do trono e que o throno atrasou, quanto lhe coube nas forças, o advento da redenção... (Aos 29—4—88. Op. cit. Pags. 276).

Podemos erguer a cabeça, orgulhosos de que a abolição não foi uma carta outorgada ao paiz, mas um decreto imposto por ele ás instituições que o cativo sustentava, e que principiaram a definhar extinto o cativo. (Ruy. "Diario de Noticias". 13 de Maio de 89).



“... a historia reivindicará o merecimento exclusivo deste triunfo da moral humana para a nação que o operou, lutando contra o país legal organizado em proteção das conveniências que esteiavam a soberania do poder civil. (Ib.).

Houve, entretanto, ainda uma potencia, neste paiz, a maior de todas enquanto durou a escravidão, que não soube ver nesse protesto da raça escravizada o ultimo termo do dominio do homem algoz sobre o homem-coisa. Foi o trono, que convocou a postos o exercito, para abrir nas serranias de S. Paulo a caçada dos cativos foragidos no seio protector das matas... (Ib.)

Repitamos, pois: a abolição é uma victoria popular, cujos instrumentos foram o escravo e o exercito brasileiro. (Ib. “Diario de Noticias” de 3—4—89).

D’áí a treze dias a abolição estava consumada. Não por obra da caridade imperial. Não! O consorcio do imperio com a escravidão, indignadamente denunciado pelo Sr. Joaquim Nabuco ainda na derradeira fase da propriedade servil, nunca se dissolveu, senão quando a dinastia sentiu roçarem-lhe o peito as baionetas da tropa, e a escravaria em massa tomou a liberdade por suas mãos nos serros livres de S. Paulo. A rehumanação da raça negra no Brasil não é um acto de munificencia da *esposa do conde d’Eu*. É, pelo contrario, uma conquista materialmente extorquida aos principes pela rigidez dessa opinião batalhadora e irreductivel, que se viu ameaçada nos actos mais cristãos da beneficencia abolicionista, por uma ignobil lei dos ultimos dias da realeza, com a calceta de ladra...

... A epopéa da redenção não ha de passar à posterioridade, escripta pela nostalgia dos creados do paço, nas rapsodias dictadas pela contricção da covardia aos pusilanimes, que inutilmente pretendem servir hoje ao rei com a mentira, não tendo ousado servil-o em tempo com a vida. A tradição viva da verdade militante é que hade ser o Homero dessas glorias, tão cedo maculadas pela má fé dos interessados, e coroar a *verdadeira redentora*: a vontade impessoal da patria, apoiada na organização inexpugnável do abolicionismo, na cooperação geral da familia brasileira, no êxodo caudaloso dos cativos, na galharda nobreza deste exercito, que recusou suas armas á caçada de creaturas humanas prescrita pelos ministros do imperador... (Aos 7—2—92. Op. cit. Pags. 297 e 298).

Remato com o seguinte lanço de um artigo de José do Patrocinio, publicado no mesmo dia em que o “Diario Oficial” estampou a lei de 28 de setembro de 1885, lei cara ao trono, lei *ignobil*, no falar de Ruy, lei *monstro*, na voz do povo, *codigo negro* no dizer de Patrocinio:

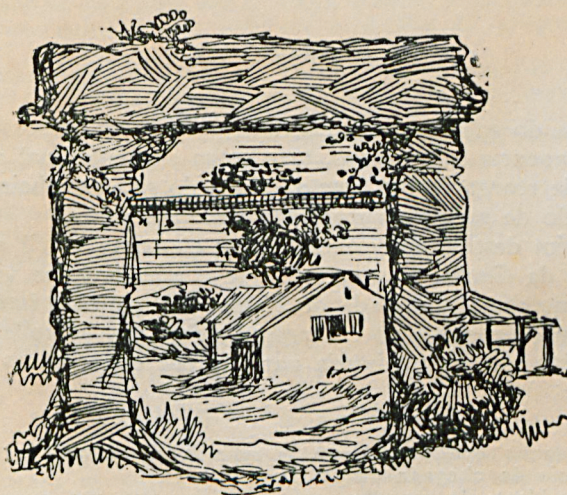
...Seremos como Jesus diante do Pretorio, e, altivos como ele encaramos, hoje como ontem, o Imperador e os executores dos seus caprichos, para repetir-lhes que não tememos a perseguição, que proseguiremos na propaganda, como a temos feito, protestando contra todos os actos que emanem do poder, não pela força do direito, mas pelo direito da força. Sobre a cabeça branca do Imperador, sobre os destinos de sua familia, lançamos todas as lagrimas e todo o sangue que os escravos e os propagandistas vão derramar: aqueles, surrados pelos senhores, que, no entusiasmo da victoria, restauram pela barbaridade o prestigio e dominio



enfraquecidos pelos propagandistas; estes nos carceres, nas perturbações da sua vida domestica e sob os punhaes dos capangas.

Que essas lagrimas e esse sangue, preço do reinado perpetuo do Sr. D. Pedro II, unidos á lista civil de carne humana, paga em impostos, escurram e gotejem constantemente na memoria de S. Majestade, na fria impassibilidade com que o sangue do parricidio avermelhava a consciencia do rei Canuto, nas estrofes augustas de Victor Hugo. E como Sua Majestade está velho; como não se pode occultar da morte por detraz do trono, do codigo, do cacete do agente secreta, do sabre do policia, permita Deus — a unica esperança dos que sofrem — que na hora extrema a ultima visão de Sua Majestade seja um escravo com as costas retalhadas, as chagas escorrendo sangue apodrecido; e, que, expirando, tambem o acompanhe, para servir de testemunha do seu julgamento perante aquele tribunal que não se corrompe com dinheiro dos fazendeiros, nem com o empenho de cortezãos. (Da "Gazeta da Tarde" de 2-10-85).

Rio.





DOCUMENTOS INEDITOS SOBRE A QUEDA DO GABINETE ITABORAHY

ANNOTADOS E PUBLICADOS POR JOSE' WANDERLEY DE
ARAUJO PINHO

(Conclusão) (*)

A sahida do gabinete já deliberada, porque era impossivel a sua permanencia no governo, teve como espoleta final a impossibilidade de reorganisação com a sahida do sr. conselheiro Nebias, cujo estado de saude o obrigava a deixar a pasta.

Mas além destes motivos maximos: elemento servil e falta de confiança da Corôa — acontecia que o ministerio se via perturbado na necessaria unidade de vistas por questões internas que lhe solapavam o prestigio e comprometiam a vida collectiva.

Tudo isto está com minucia narrado por estas outrás notas de Cotegeipe:

Circumstancias que precederam a retirada do ministerio de 16 de Julho depois da chegada do sr. Paranhos.

O sr. presidente do conselho por mais de uma vez expoz-nos, que suppunha havermos perdido a confiança da corôa, sendo a principal causa a nossa opinião á respeito do elemento servil, e por mais de uma vez citou como prova o "trabalho" para a substituição do ministerio, e o silencio de s. m. em relação a sua projectada viagem á Europa, da qual todos sabiam, menos o ministerio.

(*) Vêr a Revista de Março e Abril de 1921.

Eu e alguns collegas especialmente o sr. Paulino dissémos, que a nossa retirada devia nascer de uma questão qualquer entre nós e a coroa, ou entre nós e as camaras, mas não pretextada por difficuldades e divergencias:—que tambem eu estava persuadido de que s. m. não estava satisfeito comnosco, mas que fugiria sempre de tomar a si a responsabilidade da queda do ministerio, e por isso convinha, que nesse terreno fosse collocada a questão. Antes porém de provocar-se qualquer solução era mister assentarmos, se podíamos continuar, quaes as nossas vistas, especialmente a respeito do elemento servil, questão que ia subindo de gravidade todos os dias.

Assentou-se que procurariamos em Maio dar uma solução a essa questão: o sr. Muritiba — fazendo algumas reservas — não se oppoz — a que assim procedessemos.

O sr. presidente do conselho entendeu-se com s. m. e do resultado da conferencia deu-nos conta. Referiu que dissera a s. m. que o ministerio continuaria, se não suppozesse que havia perdido a confiança de s. m. e assim acreditava — 1.º pelo silencio de s. m. a respeito de sua viagem, 2.º de se andar organisando gabinete sem sabermos de nada; que s. m. não respondeu sobre estes dois pontos, limitando-se a declarar, que não tinha falta de confiança no gabinete, e que tambem sobre — elemento servil “já não fallava nisto”. O sr. presidente do conselho mostrava-se resentido pelo silencio de s. m., e insistia na sua idéa para dissolver o gabinete.

Ainda lhe observamos, que ao menos na “forma” s. m. estava acoberto e nós podíamos allegar uma razão constitucional de nossa retirada, e que o facto do silencio sobre pontos capitaes era motivo para pôr-se a questão de confiança.

S. exa. voltou mais uma vez ao Paço, e então s. m. deu-lhe explicações, que não deixavam ao gabinete o direito de allegar falta de confiança.

Então assentamos de fazer nas Camaras as declarações que fizeram os ministros a respeito da questão do elemento, e provocar um voto da Camara dos Deputados, que fortificasse o gabinete; e assim se fez.

Como dias depois o ministerio julgou não poder recompor-se, e dissolveu-se por mutuo accordo?—Eis o que procurarei explicar com os elementos que colhi antes e depois da nossa demissão.

Antes parece conveniente citar alguns factos, que na minha opinião tiveram influencia mais ou menos remota no resultado.

- 1.º — Negocios de Santa Catharina;
- 2.º — Ds. do Rio Grande do Sul;
- 3.º — Diversos despachos;
- 4.º — Tentativa de reorganisação — sem mª audiencia;
- 5.º — O que se passou ao chegar o sr. Paranhos em relação ao 4.º ponto.

NEGOCIOS DE SANTA CATHARINA

Desde a organisação do Ministerio, que a politica do gabinete viu se subordinada ou peada pela influencia que nos negocios da Provincia queria ter o filho do ministro da Guerra; esse moço de accôrdo com o seu cunhado (Silva Nunes) pretendeu fazer deputado a um dr. Valle — juiz de direito de S. Matheus, e amigo de Silva Nunes; não o pôde conseguir, ficando por isso despeitado com o vice-presidente, Carlos de Cerqueira e com os que se oppuzeram a essa pretensão.

Tendo de nomear-se presidente para a dita Provincia no fim da 1.ª sessão legislativa — foi em conselho proposto e approvedo o deputa-



do Affonso de Carvalho: mas com grande admiração — foi essa nomeação impugnada pelo ministro da Guerra, porque não tinha conhecimento della, e havia dito a alguns deputados que tal nomeação não era exacta. A impugnação foi a ponto de declarar que por essa causa se retiraria do Ministerio. A causa (soube-o eu depois) foi a impugnação do filho, a quem não convinha presidente em quem não influísse ou dominasse. Foi por isso passado para o Paraná o deputado Affonso de Carvalho.

Foi nomeado chefe de policia effectivo o dr. Tosta apesar de minha opposição assumindo o cargo sempre dirigiu as coisas no sentido de seu de peito ou plano combinado para dominação da Provincia, que teve em pouco tempo diversos presidentes.

Vagando o logar de 2.º vice-presidente foi nomeado o dr. Galvão, moço habil e de esperanças, deputado pela mesma provincia; exerceu por dois mezes a presidencia com muita moderação e habilidade. Dando-se a vaga de primeiro vice-presidente, empenhou-se o ministro da Guerra com o do Imperio para ser nomeado seu filho: o ministro do Imperio falou-nos em particular; oppuz-me com maioria de razão, porém, fez-se a nomeação.

A influencia do sr. Tosta foi tão patente que nomeado um presidente (Oliveira Lisboa) recusou por não querer conflictos provaveis. Assumiu a presidencia e exerceu-a de accordo com suas idéas de combater uns e proteger outros conservadores (assim chamava-os; apenas foi ministro de Justiça o ministro da Guerra, que as nomeações da magistratura fizeram-se no sentido dos mesmos interesses; enfim dominou completamente e fez-se uma rêde contra os deputados que apoiavam o governo. Sempre contrariei semelhante politica, falei em conselho, entendi-me com o ministro do Imperio; mas nada colhi, senão a desconfiança do ministro da Guerra e dos seus, o que estes não occultavam — como se sabe. Supportei primeiro, porque procurava occasião de fazer despachar para o Rio o dr. Tosta; segundo, para não provocar por mim uma dissolução, cuja explicação não ficaria bem ao meu collega; mas estes negocios complicaram-se com os do

RIO GRANDE DO SUL

Nesta Provincia a politica do Ministerio, se não foi falta de lealdade — teve todos os visos.

Fraccionamento do partido “conservador”. Ordem do governo para que o presidente não protegesse um contra o outro.

Afinal o presidente decidiu-se por um dos grupos a quem protegia — o dr. Sá Nunes; nomeação de G. N. 8 foram feitas nesse sentido.

Queixas dos deputados que apoiavam o governo; promessas destes.

O presidente pede demissão em Maio de 70; é-lhe negada, e o ministro do Imperio exige que elle “vá a Setembro”. — Antes dessa época e “sabendo” que se retirava em Setembro marcou a eleição provincial e a de um deputado geral.—Pronunciou-se completamente.

Intelligencia minha com o ministro do Imperio; este escreve que adie a eleição; o presidente representa ganhando tempo; é-lhe repetida a recommendação, recusa-se e pede demissão; é-lhe dada; mas ao mesmo tempo ao 1.º vice-presidente é nomeado “outro” com ordem de sobre estar na eleição, o que não praticou por ser homem de lado do presidente e porque na carta do ministro “ia a condição de poder a ordem de suspensão chegar a toda a Provincia, o que era impossivel”. Fez-se a eleição, ficando o governo visivelmente



mystificado, ou antes "eu", que era quem me importava com esse negocio.

Convite do conselheiro Pinto Lima para o Rio Grande do Sul pelo sr. Sá Nunes; minhas explicações com o ministro do Imperio sobre este ponto, o que elle respondeu-me:

Nomeação de magistrados no interesse do mesmo lado; completa protecção ao grupo Sá Nunes. A minha opposição chegou-lhes aos ouvidos, novo motivo de "desconfiança" e queixas. Proposta do deputado Affonso para o Rio Grande. Estes negocios estavam em seu auge, quando dissolveu-se o gabinete.

Como e por quem soube Sá Nunes, que se havia falado ao Pinto Lima? O ministro do Imperio contestou que nada dissera; mas não ha "adivinhos"?

Para a Provincia do Espirito Santo, tambem nada se fazia sem consento do mesmo sr. deputado.

Eram 3 Provincias sujeitas á politica de "um individuo".

DIVERSOS DESPACHOS

Desde que se assentou em que o ministro interino da Justiça fizesse os despachos, que o mesmo deputado Silva Nunes, servindo de official de gabinete do ministro, dirigia os despachos da pasta. Os ministros na Camara dos Deputados já não eram procurados, e alguns até se prevaleciam desse canal para conseguir deferimento de certos negocios.

A maior parte dos despachos não ia á conferencia, e só sabiamos delles em conselho! A maior parte explica-se por esse interesse de fazer roda. Os ministros estavam amesquinados. Parecia uma "despedida" de arranjos.

Comecei a ser atacado nas palestras pela roda que lucrava com este estado de coisas.

Previam todos que o Ministerio não continuaria como estava, em consequencia da molestia do ministro da Justiça; eis o que se dava antes da deliberação para

TENTATIVA DE ORGANISAÇÃO DO MINISTERIO

Quando se tratou da reorganisação do gabinete pela sahida do sr. conselheiro Alencar, houve quem lembrasse a conveniencia de que eu occupasse a pasta da Justiça; declinei, porque não podia deixar a dos Estrangeiros — estando em andamento os negocios do Rio da Prata. Fui de opinião que passasse para ella o sr. Paulino; mas o sr. Nebias não entraria senão para essa pasta, conforme declarou. Depois da chegada do sr. Paranhos, não se dava o mesmo inconveniente, e então começaram a apparecer opiniões (sobre o que guardei a maior reserva) de que eu deveria passar para ella e ser admittido na da marinha o deputado Alfredo.

A "Reforma" começou a falar neste assumpto, para prevenir e desviar — quem levava as noticias era o dr. Sousa Carvalho — amigo intimo e até socio em advocacia de Silva Nunes e outros. Duque Estrada, mais indiscreto, começou a combater a idéa em suas conversações. No gabinete — completo silencio! Sempre mostrei o maior desinteresse no gabinete, mas, neste caso, a força do ministerio ganharia com a minha entrada para a pasta; e minha dignidade pedia que eu não recebesse a exclusão decretada pelo sub-ministerio. Contudo, nunca disse palavra, aguardando a occasião de pronunciar-me



Communicou-me o sr. Paranhos que fôra appellado para dar sua opinião a respeito da entrada do deputado Moreira (de Minas) para a pasta de Justiça — pelo sr. Paulino, e que falando em mim não tivera “resposta”: communicou-me tambem que soubera de combinação S. Vicente com o sr. Itaborahy por communicação deste.

Tudo isto me indicava que eu já não tinha alli a confiança ante- (ignoro o motivo), e assentei de aproveitar a primeira occasião de retirar-me.

Foi por isso que na Conferencia de 23 dei logo minha opinião para dissolver-se o ministerio, e esta foi unanimemente acceita pelo sr. Diogo — que se via peado em seus projectos de melhoramento e co-nhecia que s. m. desejava mudança.

Sr. Muritiba — que deixava a pasta de Justiça e seu genro, e tam-bem se considerava não bem acceito pelos militares.

Sr. Paranhos — que conhecia a pouca confiança mutua e desejava voltar ao Rio da Prata.

Sr. Itaborahy — pelos motivos expostos.

Sr. Paulino — que devia estar de accordo com este e nas suas confidencias.

Todos emfim, porque nada esperavam da corôa.

Os motivos internos, isto é — divergencia — não foram allegados, senão por alto, declarando eu — que questões importantes nos separariam amanhã senão hoje”.

Estes dissidios intimos no partido conservador tomavam em certos animos immensa gravidade. Ferreira Vianna sentia-se apavorado com essa “politica mesquinha de melhoramentos pessoases de envolta com ciumes e vinganças incompreensíveis”.

Numa carta notavel elle denuncia um ajuste clandestino, installado no gabinete.

Era opr certo o “subministerio” Muritiba-Silva Nunes a que se refere Cotegipe, pois num topico adiante, lá diz:

E’ minha opinião, fundada em factos muito eloquentes, que se preparam grandes desgostos para v. ex.^a e todos os seus amigos. A politica de afilhadagem em vez de reconhecer sua importancia, tenta os derradeiros esforços para levar de vencida a opposição que ainda apparece. V. ex.^a será a ultima victima votada ao sacrificio desde o convenio do Senado.

Ainda outro trecho mostra bem e claramente a situação de Cotegipe no ministerio.

Era elle alvo de desconfiança, contrariado sempre em seu labor pela unidade do partido e pela abolição da politica de preferencias pessoases e aquelle a quem talvez Muritiba, com o assentimento de Paulino e Itaborahy, pretendesse alijar.

Segundo Ferreira Vianna a situação era de modo a obrigar Cotegipe a uma solução energica:

Estude bem a situação e resolva com energia e rectidão. Muito desejo vêr desmentidas as minhas previsões, porém o que desde já posso asseverar a v. exa. é que todos os corações pendem para o seu



lado; uns confiam como sempre, outros começam a inquietar-se e outros já murmuram.

Seu admirador e companheiro na adversidade, eu lhe digo, é preferível voltar á luta a acompanhar destinos votados a merecida desgraça.

E' clara a insinuação a Cotegipe a que deixe o ministerio, resolução, aliás, como já vimos, firmada no espirito daquelle estadista:

Tudo isto me indicava que eu já não tinha alli a confiança anterior (ignoro o motivo), e assentei de aproveitar a occasião de retirar-me. Foi por isso que na conferencia de 23 dei logo minha opinião para dissolver o Ministerio... (*)

(*) E' esta, na sua integra, a eloquente carta de Ferreira Vianna:

"Exmo. sr. barão:

Remettendo-lhe a inclusa carta, consinta v. exa. que lhe exponha em franca linguagem as preocupações e temores que agitam o meu espirito senão a minha consciencia de amigo dedicado e patriota sincero. Não ousou dar conselhos a quem delles não carece e antes tem o direito de dal-os com proveito para aquelle que os receber, mas não devo occultar o meu aviso. Entrei na politica contra a vontade e só arrastado pelo entusiasmo de servir a uma causa nobre e elevada porque se afigurava ser a do paiz opprimido por todos os lados. Os factos me desilludiram; á mais generosa esperanza succedeu a mais triste decepção. Em vez da grande politica que comprehenderia todos os votos e sacrificios do partido conservador, promove-se com caprichosa actividade a politica mesquinha de melhramentos pessoases de envolta com ciumes e vinganças incompreensíveis. Esta politica, se tal nome merece um ajuste clandestino, installada no gabinete desenvolveu-se em todo o paiz. Entre nós, afugentada a confiança appareceu a divisão, que já não é uma ameaça e sim uma cruel realidade. Grande parte do partido, senão a mais importante pelo menos a mais dedicada, não tem sido só desprezada como até opprimida. Ha conservadores proscriptos e elles se agitam em todas as provincias do Imperio. A divisão do partido conservador deve ser muito fatal á manutenção das instituições.

V. exa. deve ter sentido a exaltação do espirito publico — a idéa democratica, a "republica", vae crescendo. Só vejo um meio de resistir a esta calamidade: a rehabilitação completa da opinião conservadora com o intuito de oppôr á revolução reformas largas e reflectidas. Estas reformas são impossiveis com a politica de caprichos, rancores e obstinações. A situação estremecida por profundos desgostos dos amigos não pode affrontar a actividade dos adversarios animados pelas discussões que nos enfraquecem. Adiar a solução da difficuldade seria um duplo perigo, porque viria fora de occasião de recompôr as coisas, e impossibilitaria a reconciliação de quem não podemos prescindir. Em politica a protelação tem feito mais mal do que bem. A indecisão compromette os homens e complica os negocios, e quando chega o momento supremo falta o tempo para fugir, e se se resiste é com o conselho do desespero, que ainda não salvou nenhuma causa e antes tem arruinado todas, ainda as mais legitimas e nobres.

O paiz não pode esperar e nem viver de expedientes. A paz ahi vem, e ella deve abrir uma época de trabalho e de reconciliação. A paz não deve ser só a cessação da guerra, porém principalmente a reorganisação da administração e o restabelecimento da politica constitucional do governo do paiz pelo paiz. Quando nem os conservadores escapam aos caprichos de uma politica de clientelas e de padroados, qual não será a sorte dos adversarios?!

Sou insuspeito, nada quero nem pretendo da politica, senão fazer o mais nobre esforço por defender as nossas instituições dos excessos do espirito de novidade e das inundações da anarchia. O descontentamento do partido conservador será a porta por onde entrará o archote da revolução. Repare v. exa. para o descomedimento da imprensa, e o echo que encontrarão as utopias preconizadas como salvatorios. Os conservadores estão calados, e a revolução proclama ás massas. Os combustiveis são muitos: os impostos aggravados, os guerreiros que regressam cheios de pretensões, o scepticismo que lavra como lepra, o egoismo que tudo avilta. Em uma época de sacrificios para todos, o espirito de lucro não conhece regra e tudo affronta. O amor de familia absorve o da patria. Se não é um funeral este a que assistimos, pelo menos é uma desgraçada agonia das grandes virtudes do cidadão.

V. exa. não está no caso de acompanhar a procissão dos destroços. O seu talento perpiscaz, a independencia em que vive, a influencia de que dispõem, a confiança que

Com a publicidade destes documentos ganha a historia a rectificação de enganos grandes que corriam autorisados por não mesquinhos autores e juntam-se achegas de chamma alta para o julgamento ponderado dos grandes homens daquella grandissima época. Bem dissera Cotegipe num desses papeis:

Como objecto de "estudos futuros" da historia politica do Brasil — não serão perdidas estas "notas".

Ellas estão sendo objecto de meditação dos amadores da historia que as acabaram de lêr; ellas, serão, no crysol de uma critica acurada, com o lustre de uma forma cuidada, objecto de ponderado estudo quando tivermos preparado a obra em que vimos trabalhando — "A vida do barão de Cotegipe ou a Historia do Partido Conservador".

E' empreitada de folego e de duros annos de trabalho.

A só abundancia do material — o riquissimo archivo de Cotegipe — perturba; todavia, a estima de suas memorias não deixa desanimar e a belleza e patriotismo do assumpto incutem estimulos que não cedem.

E foi assim que caiu o ministerio Itaborahy.

inspira e a sua propria dignidade devem movel-o a resolver com energia e abnegação esta cruel crise, que afflige os seus amigos e fortalece os inimigos das instituições.

Talvez v. exma. na posição em que está não veja como eu a situação; entretanto em boa fé penso que não estou longe da verdade. Quando escrevo a um amigo e a respeito dos negocios publicos, faço timbre em nada occultar. E' minha opinião, fundada em factos muito eloquentes, que se preparam grandes desgostos para v. exa, e todos os seus amigos. A politica da afilhadagem em vez de reconhecer sua importancia, tenta os derradeiros esforços para levar de vencida a opposição que ainda apparece. V. exa. será a ultima victima, votada ao sacrificio desde o convenio do Senado. Todos os seus amigos soffrem muito e chegarão ao desespero no dia em que cahir a mascara dos hypocritas. Se v. exa. não tomar providencias promptas talvez venha a ser surprehendido. Todos os agentes da pequena politica annunciam proxima reconstituição e mostram-se ufanos do resultado. Bem sei que de pouco servirá a elles tão falsa victoria, entretanto o paiz perderia muito.

Não sou pessimista e menos terrorista, porém, não posso descansar sob a pressão de tantas conjecturas senão vehementes presumpções. A demissão do Antão mostra disposição para resoluções imprevistas e inexplicaveis.

Na politica o talento deve contar com a guerra das mediocridades sempre preparadas a se libertarem da ascendencia dos homens superiores que ellas consideram como os mais insupportaveis dos tyrannos.

Ha occasiões em que a lucta politica é a fogueira, faz martyres gloriosos, outras porém, é a mesa do jogo em que perdem os que tem boa fé. Para estes o povo não tem palmas, mas risadas. Eu ando muito inquieto com o que ouço e observo. V. exa. é uma esperanza para o paiz e um apoio para todos os seus amigos.

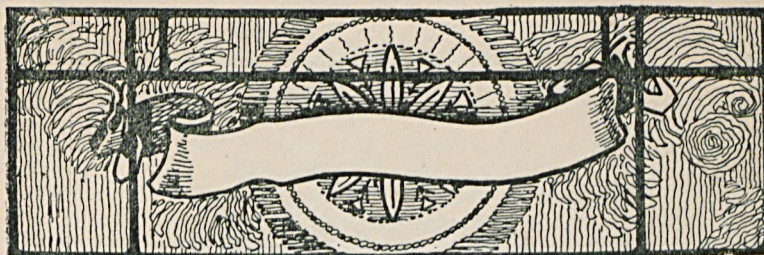
Estude a situação, e resolva como costuma com energia e rectidão. Muito desejo vêr desmentidas as minhas previsões, porém o que desde já posso asseverar a v. exa. é que todos os olhos estão fitos em v. exa. e que todos os corações pendem para o seu lado; uns confiam como sempre, outros começam a inquietar-se, e outros já murmuram.

Seu admirador e companheiro na adversidade, eu lhe digo é preferivel voltar á luta a acompanhar destinos votados a merecida desgraça. Já é muito tarde e estou muito afflicto. V. exa. conte com a minha dedicação na fortuna para louval-o e no infortunio para servil-o. Se alguma coisa desejo é a minha baixa a vêr se posso retirar-me da scena sem ser presentido e não ferido pelas pedradas dos moleques, que não acreditam no desinteresse e boa fé de ninguém.

Seu amo, mto. obro. e cro. — FERREIRA VIANNA.

P. C. 17 de Dezembro; 69.





EXCAVAÇÕES

VERSOS DE RAYMUNDO E MACHADO DE ASSIS

O illustre poeta Alberto de Oliveira leu, numa das sessões literarias publicas que a Academia Brasileira instituiu, bellos versos de Raymundo Correia e de Machado de Assis, — os daquelle, ineditos; os deste, “quasi ineditos”, pois foram publicados ha muitos annos, em 1859, e nem figuram na obra de Machado, nem na de qualquer outro autor. Folgamos em poder hoje reproduzir esses versos, que hão de ser acolhidos com viva satisfação pelos numerosos admiradores dos dois illustres artistas mortos.

PEROLAS...

(No album de d. Amelia Marianno de Oliveira)

*Não nascem no rio as perolas:
— A agua do rio é tão doce,
Que, para as poder gerar,
Mister seria que a perola
Uma lagrima não fosse
E esta expressão de um pezar.*

*Vem do oceano amargo a perola:
— Na agua do rio ha doçuras,
Amarguras na do mar.
Sinceras lagrimas — perolas
Verdadeiras — que amarguras
Preciso é para as chorar!*

20 Junho 1897.

RAYMUNDO CORRÊA.



OPHELIA

A' J.,...

*Meu destino é um rio no deserto
A murmurar-me aos pés;
— Veia nascida em uma noite amarga,
As bordas são de areia, a onda é larga
E loucas as marés.*

*Tem as aguas azues, — mas são profundas
Naquelle murmurar;
Correm aqui como a fallar segredos
Sobre o leito de lodo e de rochedos
A um ignoto mar!*

*Pallidas flôres que uma vaga incerta
Alli suspensas traz,
Vicejam aos borrifos de meu pranto;
Oh! essas flôres que te prendem tanto,
Deixa-as, Ophelia, em paz!*

*Não te curves á borda dessas aguas
De superficie anil;
Ebria de amores, — do teu sonho casto
Não acharás alli o mundo vasto,
Nem o rosado abril.*

*Deixa essas flores; uma onda as leva
Onde? Nem mesmo eu sei!
Deixa-as correr, — festões do meu destino;
Passa cantando, meu amor, teu hymno,
Que eu te abençoarei.*

*Atado á pedra que me leva, um dia
A quéda suspendi.
Vi-te á margem das aguas debruçada,
A paixão de meus sonhos, — tão sonhada,
Vi-a, encontrei-a em ti.*

*Maga estrella pendente do horizonte
E curva sobre o mar,
Vieste á noite conversar comigo;
Mas a aurora chegou — ao leito antigo
Vai, é mister voltar.*

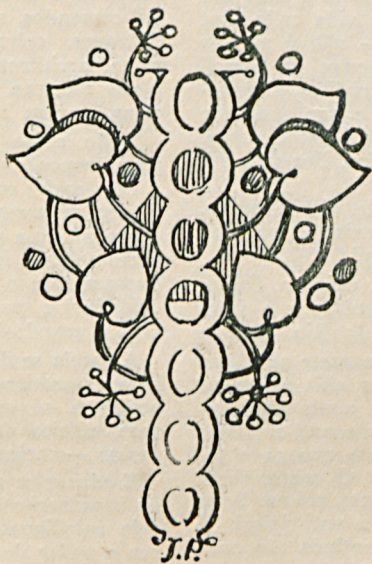


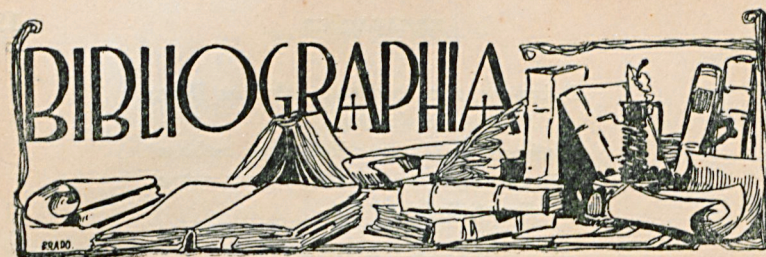
*Deixa-me, não te curves sobre as flôres
Deste leito de azul;
Molhaste os teus vestidos, fuge embora!
Não te despenhes, — vem o mar agora
Encapellado ao sul.*

*Enxuga agora ao sol as tuas roupas
E deixa-me seguir;
Não sei qual a torrente que me espera;
Vai, não prendas a tua primavera,
Onde é fundo o porvir.*

(“Mercantil” de 21 de Outubro de 1859.)

MACHADO DE ASSIS.





Monteiro Lobato: NARIZINHO ARREBITADO — Ed. Monteiro Lobato & Cia., S. Paulo, 1920.

Até onde chega a influencia das ideias que formam o nosso ambiente? E' incrível, de tão largo, o seu circulo de expansão. Uma ou duas ideias geraes, consagradas por alguns factos historicos, regem ainda a nossa vida, tão estreita e directamente como se particular e immediatamente se referissem a cada um dos factos da nossa vida collectiva. Ha muitos annos — não é preciso dizer quantos — houve no Brasil um movimento materialista, anti-clerical, positivista ou o que quer que seja, com melhor ou peor nome. Encampou-o a politica. Fez-se a revolução.

Hoje, ninguem de algum senso, pensa nisso. Ainda existem materialistas e anti-clericaes?

Positivistas, certo, existem. Quando menos, a constituição e a interessante Republica do Rio Grande.

Mas, se em toda a parte as ideias passaram, entre nós ahi estão em pleno vigor. Somos ainda materialistas á velha moda e anti-clericaes a valer... Verdade é que os objectivos se perderam. O materialista de hoje, provavelmente, crê em Deus e vae á missa; e o anti-clerical, si não visa o clero, continúa tão exactamente caracterizado como outróra, quando em acção franca. São duas mumias vivas, automatós que a inercia deixa agirem com desembaraço e perfeita insignificação.

Essas especies extinctas, cujos ultimos abencerragens curiosa e pit-

torescamente se adaptam assim aos novos tempos, em parte alguma fizeram sentir o insignificativo de sua acção já sem norte e sem ideal, como na instrucção publica de São Paulo. Toda uma pedagogia, muito estudada com figurinhas, calculos e apparatus apavorantes, todos os nossos modernissimos methodos do ensino não bastaram para a derrocada do velho espirito. O velho arcabouço, cavado e corroído em todos os seus meandros, resistia inabalavel. Por dentro, o vazio. Por fóra, mil remendos, sobre as traves e architraves, columnas e cupolas da velha architectura: duas ou tres ideias mestras, desfiguradas, esquecidas, e nem sequer suspeitadas...

Sinão, como comprehender certos phenomenos?

Por mais que o desejassem os nossos próceres do ensino, jamais conseguiram a preeminencia da educação sobre a instrucção; nunca obtiveram para o sentimento o devido cuidado; e para a imaginação... Oh! o grande horror!

A escola se destina á formação de homens praticos. Imaginação é para poetas e só aproveita aos padres, para effeito do inferno... E' um perigo — raciocinavam.

E educar se pretendia, sem influir na imaginação do educando. Educar pela intelligencia. Tornear caracteres a poder de ideias, de logica, de noções scientificas... Uma tortura, nada menos. E tortura improficua, inutil.

Um pae educa o filho mostrando-lhe factos e coisas impressionantes, despertando-lhe os sentimentos e a emotividade. As mães só têm, para

a educação, as fabulas da religião e da lenda, historias de magos, lobis-homens, e sacys. E assim, só assim, educam.

Coisa diversa só a encontramos em romance e romance da epoca bravia do "scientificismo" da segunda metade do seculo passado. Quando Zola dramatisou o caso Dreyfus, terminou vaticinando a reconstituição moral e psychica do homem por artes da instrucção...

Ora, tanto vale curar um doente, medicando-se o pae ou o irmão.

Agir pelo maravilhoso sobre a massa mental inconsciente seria monstruoso e, quando menos, tolo e ingenuo. Porque? Porque o maravilhoso ou, simplesmente, o phantasiado repugna ao nosso seculo...

Pois, ainda ha no mundo segredos e mysterios que, por mera analogia, desculpem a phantasia como instrumento decente da acção pedagogica?

Pois, o mundo e a vida não estão geometricamente analysados? E a electricidade e o aeroplano não sobrepõem qualquer phantasia?...

Demais, quaes os elementos da imaginação? Crendices, fabulas, preconceitos, — coisas indignas do espirito positivo e do character democratico.

Essa ideia nos tem feito mais mal que nos faria toda uma antiquada organização escolar. Que valem formulas, quando a ideia inspiradora é falha? E inspiração e espirito nos têm faltado, a ponto que a nossa literatura escolar é o que todos sabemos — um monumento de aridez e insipidez, caricatura de "realismo", contrafacção da literatura de gente grande. Nem arte, nem intelligencia. Os capitulos de um livro de

leitura para as escolas são como as peiores, as mais inexpressivas paginas de um diario, em que se registrassem notas para ulterior desenvolvimento da chronica de uma vida. A insignificancia, a banalidade, a mediocridade é o seu estalão.

Aliás, a taes factores só mesmo taes productos. Dada a ideia geral, decorre a natural particularisação.

Nesse ambiente cahiu uma bomba. Publicou-se um livro escolar absolutamente original, em completo, inteiro desaccordo com todas as nossas "tradições" didacticas. Em vez de afugentar o leitor, prende-o. Em vez de ser a tarefa, que a criança decifra por necessidade, é a leitura agradável, que lhe dá a mostra do que podem os livros.

Esse livrinho-revolução, por muita gente recebido com o nariz torcido, é o *Narizinho arrebitado*, de Monteiro Lobato. Contando historias de bichos que são principes e princezas, e de meninas, que são fadas, arremette a obrinha contra todo o grave, pesado edificio dos nossos preconceitos escolares.

Com o seu apparecimento, marca-se a epoca em que a educação passará a ser uma realidade nas escolas paulistas. De facto, a historieta phantasiada por Monteiro Lobato, falando á imaginação, interessando e commovendo o pequeno leitor, faz o que não fazem as mais sabias lições moraes e instructivas: — des envolve-lhe a personalidade, libertando-a e animando-a para cabal eclosão, fim natural da escola. Nesses moldes ha uma grande bibliotheca a constituir-se.

Mas, será mesmo exacto que entre nós tenha havido um pequeno renovamento de ideias?...

BRENNO FERRAZ.





DEBATES E PESQUIZAS

QUESTÕES DE CULTURA

O REGIMEN UNIVERSITARIO E A EDUCAÇÃO NACIONAL

Ao abrirem-se os cursos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1.º do mez passado, o lente dr. AFRANIO PEIXOTO (um dos directores desta revista) pronunciou o seguinte discurso, em que aborda altas questões de interesse cultural para o nosso paiz e que vai tendo a larga repercussão de que é merecedor nos meios esclarecidos.

UMA vez, por anno, penitencia ou exemplo, não sei bem, os professores desta faculdade, em vez de darem, ouvem uma aula. Tiram nesse dia os alumnos a sua desforra: desta feita, sou eu quem os tem de vingar.

Por espirito de justiça, depois de o conseguir dos mais festejados, o nosso eminente director não quiz esquecer a representação das minorias, e impõe agora ao mais humilde da communitade que seja o docente, e aos outros, por humildade, que o aturem pacientemente.

Por mim, não vos serei pesado. Não falarei de meu interesse didactico, o que seria talvez contrariar os interesses dos outros; procurarei attenuar a vossa provação, conversando de coisas communs, pondo apenas de meu um pouco daquella franqueza que me conheceis, e me tendes relevado de outras occasiões: tambem, uma vez por anno, não será desperdicio de sinceridade...

A Universidade

Que assumpto poderia ser mais do nosso interesse commum, senão este, que occorre, alterando a nossa vida didactica e administrativa, não na apparencia, mas de facto, como nenhuma outra reforma, desde 1832, isto é, desde que começamos a ser nós, Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro? Somos hoje, meus senhores, a Universidade do Rio de Janeiro...

Facto tão grave, passou entretanto sem emoção, e sem clamores. Pela primeira vez, uma reforma, — e radical no espirito do ensino publico, — realisou-se sem nomeações. Por isso, ninguém quiz nella ver-

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 10 11 12 13 14 15



ARTE NACIONAL



Estudo de paisagem

Clodomiro Amazonas

ARTE NACIONAL



Estudo de paisagem

Clodomiro Amazonas



uma "reforma", porque "reformas de ensino" — o regime republicano nos concede uma de quatro em quatro annos — não se fazem senão para nomeações. Obrigado a justificar a malograda Caixa de Conversão, que um governo novo ia adoptar e a que se incumbia resolver a crise permanente das finanças nacionaes, dizia David Campista de uma sorte paradoxal: tinham os outros premissas, para tirar conclusões; a elle davam-lhe conclusões, para inventar as premissas. Os nossos reformadores de ensino tinham por principio tambem as nomeações a fazer: a ellas se adaptariam, fosse como fosse, os principios pedagogicos das reformas...

Outra extranheza, menor, uma vez que o governo abria mão dos favores pessoais, foi que os termos mesmos do acto executivo eram enxutos de considerações didacticas, justificativas do novo endereço a que nos dirigia... Dispositivo de lei permittia que, agrupados uns tantos estabelecimentos de ensino, constituissem a Universidade do Rio de Janeiro: o governo com tal permissão grupou os taes estabelecimentos, e constituiu a Universidade do Rio de Janeiro. Não é tudo, porque mais não podia fazer, mas é alguma coisa, da qual certamente sahirá tudo o mais que devemos e queremos esperar que faça.

Venceu este primeiro passo um grande obstaculo. Era a idéa de Universidade no Brasil quasi contemporanea da nacionalidade. Por ignorancia talvez, se não foi por modestia, achamos sempre demasiada sumptuosidade nella e fomos protelando a sua execução. Pouco importa tivesse-a o mundo inteiro adoptado, que Portugal não fosse indifferente á gloria de Coimbra, nem nos albores do descobrimento que se inaugurasse, aqui mesmo na America do Sul, a de S. Marcos de Lima. Nós, é que não eramos dignos de tanto.

O regime parlamentar, fadado á formação de uma opinião publica pelo debate, nunca no Brasil se alçou a discutil-a; ao regime presidencia, que dispensa a opinião publica, e que se contenta com a dos dirigentes ou seus informantes de perto, não occorreu nunca, como novidade digna de ser ponderada. Se boas vontades nas corporações docentes, e até isoladas vozes no Parlamento se ergueram ao immediato silencio, o que abafa neste paiz todas as iniciativas que não partem do Poder.

A verdade é que a Universidade era ignorada na sua essencia, e por instituição, havia espiritos envergonhados, assim como pobres humildes, que acceitavam talvez a idéa, mas não ousavam receber o nome. Foi por isso, á revelia desses brasileiros modestos e desambiciosos, que aquisições da indoe universitaria passaram nos costumes e nas leis, subrepticamente, de sorte que, ao chegar hoje a palavra, já não tem mais novidade, e apenas vem consagrar, com a voz verdadeira e propria, aquisições de facto, a que já nos habituaramos. Como aquelle personagem de MOLIÈRE, que falava prosa sem o saber, nós tinhamos algo do regime universitario, sem desconfiarmos disso, e até contra a vontade expressa dos nossos governos e parlamentos.

A difficuldade dessa comprehensão é obvia, si se entende que o nome vem tendo accepções variadas no tempo e no espaço, e não é, hoje em dia, a mesma por toda a parte.

Da origem etymologica, e desenvolvimento historico, vem que significa o conjuncto dos corpos docentes, reunidos em corporação, com uma lei uniforme, um systema pedagogico, monopolio didactico, privilegios reconhecidos dos seus productos, os nella formados, licenciados e doutores.

Mas, na mesma França, entre a Universidade de Paris, a mais velha das instituições do genero, com as suas quatro faculdades — medicina, direito, artes e sciencias, e theologia — e a napoleonica universidade de



França, que comprehendia as tres variedades de ensino publico — primario, secundario e superior, vê-se ligado a differença essencial de sentido do vocabulo. Universidades medievas continuam, ainda hoje em dia, com o seu vetusto programma, Oxford ou Salamanca, por exemplo, em que os estudos classicos e religiosos dominam os mais, sem transigencias com o espirito moderno; estes se permeiam com o outro, num vasto complexo que constitue a universidade completa do nosso tempo, taes Paris ou Berlim, onde todos os conhecimentos humanos têm uma possibilidade de estudo e de ensino; a maior parte não logra conseguir a universalidade do conhecimento, e então adopta, escolhidos, os mais modernos e mais praticos, e são as quasi todas universidades da Europa, da America, em que as possibilidades locais feçoaram a organização de ensino ás necessidades a servir. Por uma transição insensivel, as disciplinas meramente especulativas foram deixando margem ás tendencias utilitarias de nossa época. De sorte que, deu primitivo e rigido significado, veio o termo, de transigencia em transigencia, até uma accepção pratica ou pragmatica, que reflecte o mesmo caracter do povo, e indica, precisamente, os endereços que elle quer attingir pelo seu ensino publico. Na America do Norte, em que o maior numero dessas opulentas instituições é de origem privada, sem intervenção do Estado, as variedades de typo são enormes segundo a concepção que os seus organizadores e reitores tiveram, ou não tendo, do termo universidade: não é, pois, uma palavra morta, senão um nome vivo, plastico, movel, amplo, elastico, que pôde conter dentro de si e adaptar-se perfeitamente a elles, os ideaes mais diversos de todos os differentes povos da terra. Agora mesmo, reúnem na Belgica todos os officios manuaes systematizados para um ensino conjuncto, que formará operarios mestres de seu officio, e o appellido que lhe deram, de accôrdo com essas idéas, foi Universidade de Trabalho, de Charleroi.

Umás são catholicas e protestantes outras; ha universidades metropolitanas e as ha coloniaes. Agora mesmo funda-se uma na Indo-China, em Hanoi, cuja composição nos dá modelo das necessidades regionaes a que se adaptou; compõe-se de escolas ou faculdades, de medecina e pharmacia; de veterinaria; de agricultura e sylvicultura; de pesca e navegação; de direito e administração; de trabalhos publicos ou engenharia; de commercio; de pedagogia ou escola normal; de sciencias applicadas. Que lhe falta? Tem tudo o necessario, o imprescindivel, para a Indo-China; falta-lhe apenas o superfluo, que poderá lograr um dia, mas que, por agora, conhecimentos especulativos e transcendentales, se estudam melhor talvez em Cambridge, ou em Paris; tem o que existe por toda a parte onde ha uma universidade digna desse nome — uma organização de ensino destinada a formar ou completar a educação nacional tornando possiveis todas as satisfações da vida de espirito, tornando praticas todas as utilidades da vida real.

A Universidade ensina e ensina a ensinar

Uma Universidade tem, pois, a vantagem de poder conter tudo, de poder faltar-lhe alguma coisa; exige, porém, que lhe não escasseie nada do que é indispensavel no meio a que serve. E ahi está a primeira vantagem da Universidade: na criação dispersiva de orgãos de ensino publico, não ha como ella para coordenar os esforços para um systema de ensino, em que as necessidades imprescindiveis sejam representadas: a universidade é uma criação continua, dessas utilidades dentro da ordem, que lhe

facilita existirem, e um systema em que a harmonia preexistente lhe assegura sobreviver.

As faculdades dispersas, antagonicas ás vezes, contrariam os seus esforços assim perdidos, com prejuizo para o ensino: a universidade os coordena, para a maior vantagem delle. Aqui mesmo poderemos dar exemplo disso: tinhamos duas escolas de direito que se contrapunham, e não tardaria a hora em que, na lucta pela sobrevivencia, com a attracção pelas matriculas, não se vissem coagidas ás concessões que logram adherentes, em prejuizo da disciplina e da moralidade: a Universidade conseguiu dar-lhes uma só norma, em que a falta de concorrência dispensará as transigências obrigadas da vida.

Podemos juntar outro exemplo: dentro em pouco, perceberá a Universidade do Rio de Janeiro que lhe falta uma faculdade de Sciencias, outra de Letras, se não as fundirmos numa só, para as quaes até no seu proprio seio já possui os elementos idoneos: estes, ou este novo instituto não existe, e é entretanto indispensavel. Porque a Universidade não só prepara para certas profissões, as chamadas profissões liberaes, como prepara para a carreira do ensino. Ora essa carreira, tão essencial em qualquer parte, porque para ensinar é preciso primeiro ter aprendido, e aprendido a ensinar, devendo ser culto e sabendo cultivar — não tem no Brasil, até agora, o minimo vestigio de orgão, pelo qual tão alta e nobre função se exercite.

Os nossos mestres de ensino secundario e superior são auto-didatas, quando muito auto-pedagogos. A gente aqui é professor de linguas e sciencias, sem as ter aprendido talvez, muitas vezes "docendo docetur", com a pratica do mesmo ensino, com as difficuldades, as incertezas, e, não raro, o irremovivel mau exito que está em cada um inventar por si um methodo de ensino que existe feito, e um material de ensino que poderá ter sido adquirido facilmente, se houvesse quem l'ho devesse ministrar. Admittimos facilmente que para ensinar na aula primaria é preciso cursar na escola normal, mas não attentamos que para ensinar no collegio ou no gymnasio não basta uma nomeação a um medico, bacharel ou engenheiro, como se não fosse ainda mais difficil ensinar a ensinar, do que ensinar simplesmente: não póde haver absurdo maior. E é a Universidade que será chamada ao eliminar.

A Universidade cultiva a sciencia e collabora no progresso scientifico

Mais ainda, se prepara profissionaes para as diversas carreiras, não esquecendo a primordial, do ensino, á Universidade cumpre-lhe trabalhar pelo progresso scientifico, mobilizando as suas capacidades technicas disponiveis, organizando-as para as pesquisas scientificas originaes. Não é mais possivel a um grande povo viver a expensas dos outros, mesmo espiritualmente. Ha uma abdicação de independência, nessa servidão intellectual. Hoje em dia o "mot d'ordre" geral do mundo é se bastar cada nação a si mesma, tanto quanto seja isso possivel.

O patriotismo é uma forma elevada, porque collectiva, do egoismo individual. Egoismo que não se oppõe aqui a altruismo, quando ha sobras e excessos disponiveis, mas que se oppõe nobremente, e dignamente, a parasitismo ou exploração não retribuida dos bens alheios. Ora, se não queremos viver do pão a heio, nem do trabalho alheio, porque havemos de aceitar as idéas, as descobertas, as invenções, que nos dão todos, sem contribuirmos tambem para essa commum generosidade espiritual?



Está a Grã-Bretanha, outr'ora só extractiva, marítima, commercial, industrial, roteando os seus campos para prescindir o mais possível do sustento estrangeiro: por lhe ter faltado isso, houve um momento tragico da guerra submarina em que o seu destino vacillou. A's restricções á exportação e á importação determinam por toda a parte as necessidades nacionaes do abastecimento interno e de cambio exterior, para o equilibrio do mercado entre a producção e o consumo, e a balança financeira entre as compras e vendas que se trocam por valores. A lucta das tarifas na America e na Europa, para protecção das industrias necessitadas em summa na dispensa ao estrangeiro que manufacture a nossa materia prima, dando que fazer á mão de obra nacional.

Pareceria que sómente no campo espirital tal egoismo não devendo prevaecer, seria inutil organização semelhante a esta, do commercio ou da industria: resalta logo a immoralidade que haveria em nos aproveitar do trabalho e do genio alheios, sem, em troca, lhe darmos nada do nosso esforço e da nossa capacidade espirital. Além de que, a nossa capacidade em outros ramos de actividade humana será consequencia dessa nossa capacidade espirital, que assim cumpre deseenvolver e tornar productiva.

Mas, ha mais, ha conhecimentos scientificos, noções indispensaveis de nossa natureza e de nossa vida, que ninguem fará por nós; nem nos aproveitará em nada a sciencia que houverem feito lá comsigo, e de si, Francez, Britanicos, Tedescos ou Americanos.

As coisas proprias do Brazil, sua geologia, sua geographia, sua cimatologia, flora, fauna, ethnographia, parasitologia, medicina, hygiene, sociologia... quem as ha de estudar, senão, principalmente, os Brasileiros? De mais ainda, para interessar ao estrangeiro, não o conseguiremos nunca imitando-o nas suas artes e sciencias, que certo, exercerão com maior originalidade e proveito, porém nos tornando interessantes a elles, pelo contingente de observações e experiencias nossas, com que havemos de enriquecer a sciencia universal. Andando o tempo, devassados os problemas nacionaes, a nossa contribuição alcançará os problemas geraes, a que não faltarão nem genio de invenção, nem tendencias de altruismo.

Ora, essa cooperação no progresso scientifico, essa organização da sciencia, nacional a principio, depois universal, será função das Universidades, que se não contentam com o seu papel docente, como um exercito não são apenas as armas de combate, peões, artilheiros, aviadores e cavalleiros, mas o equipamento, a intendencia, os arsenaes e, principalmente, o estado maior. Tal cooperação faz-se pelos institutos variadissimos, de Chimica, de Serologia, de Pathologia, de Hygiene, de Physiologia, de Genetica applicada á agricultura e á criação..., de quantas especialidades necessarias de desenvolvimento acertado e rapido reclamam as riquezas naturaes do paiz, ou exijam as urgencias de protecção humana e animal, contra o clima, o parasitismo, as devastações evitaveis da saude ou da vida. E ao lado, dentro das faculdades respectivas, é que taes institutos vingarão, servindo a um e outro escôpo, dos dois endereços que vamos delineando do regime universitario.

A Universidade vulgariza a sciencia, ao alcance daquelles a quem deve aproveitar

Um terceiro, decorre destes dois fitos, ou tendencias, e cumpre não esque-l-o a Universidade: é a vulgarização scientifica, do aprendido de estranhos, de pesquisas proprias, fazendo aproveitado de toda a gente o esforço conseguido dos institutos scientificos ou apenas, até ahi propagado



no circulo estreito dos cursos systematizados. Afóra as carreiras de programma definido, que terão os seus cursos normaes na Universidade, tantos quantos forem necessarios, ella abrirá á divulgação dos conhecimentos necessarios á nossa nacionalidade, numa eventualidade possivel, cursos especializados, cursos de aperfeiçoamento ou divulgação, em conferencias, em revistas, livros, jornaes, de tudo quanto carecer a educação nacional.

A Norte-America improvisou em dois annos um immenso exercito para correr a salvar a Civilização, que perigava na Europa; algumas dezenas de milhares de medicos, sem nenhuma especialização foram chamados ás fileiras: as Universidades americanas tomaram a si tornal-os especialistas, em alguns mezes de cursos especializados, de cursos de aperfeiçoamento, diagnostico de urgencia, promptos soccorros, pequena e grande cirurgia... com o que esteve a Universidade a altura das outras nobres e varonis virtudes da Nação.

Não nos esqueça pois, e portanto,—e até com a convicção que lhe attribuiu NAPOLEÃO,—um que sabia persuadir e considerava unica figura de retorica a repetição—repitamos, para não esquecer: á Universidade cumpre preparar para o exercicio das carreiras liberaes e preparar para a mais nobre dellas, que é a do ensino; cumpre-lhe promover o progresso scientifico, organisando as pesquisas nos seus institutos de investigação original, collateraes á instrucção didactica; cumpre-lhe, finalmente, vulgarizar a sciencia, além do publico escolar, ou no publico post-escolar, nos cursos variados e profusos de aperfeiçoamento, conferencias, revistas, jornaes, de modo a fazer aproveitar a todo o paiz dos esforços de riqueza dependida e de talento aproveitado pela nação, na sua grande officina espirital, que é a Universidade.

Até aqui, é o que a Universidade pôde e deve fazer, e que ninguem ou nenhuma outra organização differente poderia ou deverá fazer melhor que ella. Dir-se-á que isto ou parte disso será, ou foi, realizado sem ella.. Talvez; mal, com esforços dobrados, penas perdidas, discordancias, choques, inconveniencias, desanimos, desperdicios, imperfeições. Para usar de uma expressão, em voga no momento, só ella realiza essa adaptação ao fim almejado, esse menor esforço para o maximo de rendimento, cuja consciencia em technica se chama, hoje em dia, na industria, o "tylorismo": a Universidade é a hierarchia, a disciplina, a ordem, o sensorio commum das forças e dos engenhos espirituaes, tão necessarios e indispensaveis á producção collectiva, da vida material, como da vida do espirito. O anarchista que protesta e o genio que innova serão julgados e talvez attendidos; mas a obra social não se fará com a violencia de um, ou a originalidade do outro, senão apenas assimilada a critica que corrigiu ou a invenção que modificou, pelo consenso universal dos doutos e capazes dessa acção connexa, e, por isso, formidavel e omnipotente acção social.

Influencia nefasta da politica no ensino publico corrigida pela Universidade

Vemos ahi o que pôde e deve a Universidade nos outros povos, e que será proxima realidade dentro de nós; vejamos o que ella vai evitar de maus peccados que vimos até agora commettendo, e o que lhe será ainda preciso obter para fugir a este passado ominoso, e attingir aquelle ideal procurado.

A Universidade é uma palavra vã, ou não será o que deve ser, se não se substituir, sciente e consciente de seus deveres, ao arbitrio ignorante, interesseiro e criminoso com que se tem vindo no Brasil, até agora desor-

ganizando o mofino e escasso ensino nacional. Relevai-me a franqueza da verdade, que talvez mova á penitencia; alludirei a algumas provas para não parecer injurioso. Não creio que haja culpa em citar o erro, o que póde ser traga a contricção: a vergonha está em tel-o commettido.

Mais de meio seculo de monarchia, menos de meio seculo de regime republicano foram, em cem annos, incapazes de remover a maior miseria nacional depois da escravidão, que é o analphabetismo. Por ter conseguido eliminar o primeiro mal, o regime monarchico foi suppresso; dada a proporção do crescimento de nossa população nestes ultimos quarenta annos, a culpa da republica é mais avultada que a do governo precedente, na ignorancia em que mantem a maior parte dos Brasileiros. Calculam-se em 80 % os nossos patricios analphabetos; o numero parece ainda pequeno, pois que um recenseamento recente de S. Paulo, o Estado *leader* da federação e o que mais despende com a instrucção primaria, são exactamente, contadamente, 80 % das crianças em idade escolar inteiramente incultas: e os actuaes dirigentes de S. Paulo puderam concluir, além disto, que o muito dinheiro gasto tem sido mal gastado, disseminando indevidamente, distribuindo peor, as escolas existentes, pelos focos de ignorancia popular. Isto no mais prospero Estado do paiz; ha outros pelo Brasil, onde se não cuida mesmo da instrucção popular, onde se fecham as poucas escolas existentes, onde os professores publicos esmolam, para não morrer de fome, depois de exausto o credito dos emprestimos a exploradores onzeneiros. A União assiste a isso tudo, de braços cruzados, e despertada pelo clamor publico, lembra apenas, como excusa, certo artigo da Constituição, que dá a prerogativa do ensino primario ás municipalidades.

Para burlar aos que nos impõe o jury, diante da incapacidade criminosa desse tribunal popular, certos crimes foram attribuidos a julgamento singular; apezar da imposição decennal, o censo da Republica, indispensavel á consciencia nacional, foi apenas executado duas vezes, nestes quarenta annos, e de uma, tão imperfeitamente, que teve condemnação; a capital do paiz ainda não está no planalto central, nem para lá vae... Como estes, tantos outros artigos da Constituição, nem sequer lembrados, outros muitos violados todos os dias: o que diz respeito á instrucção primaria, esse é o tabú dos nossos legisladores; esse ha de ser cumprido para opprobrio do Brasil...

O ensino secundario... haveis de estar lembrados do que foram as successivas reformas que vem soffrendo... o escandalo inominavel dos equiparados... o adiamento successivo da madureza, todos os annos, no fim das legislaturas—ha uma cauda do orçamento para a delapidação das rendas publicas... havia essa cauda da ignorancia, para a vergonha nacional...—finalmente, *horresco referens*... os exames por decreto, daquella lei n.º 3603, de 11 de Dezembro de 1918, que ha-de ser a mais ridicula miseria dos nossos factos parlamentares... Por que a gripe se abatera sobre a nossa população, e os escolares não lograram saber tudo o que era preciso para exame, não se lhes deu tempo de completarem este saber: supprimiu-se-lhes o exame, dando como sabido o que se não podia provar saber. Como se o saber fosse apenas exigencia burocratica e não uma necessidade de cultura... como se a finalidade do exame não fosse apenas a verificação dessa cultura... Além de immoralidade, ignorancia... e esses legisladores ainda obrigaram á mocidade de nossa terra ao espectáculo degradante das levas de rapazes, nas galerias da Camara e do Senado, pedinchando a senadores e deputados reca'citrantes, a que não cumprissem, com os outros, e com elles, o seu dever civico.

A gripe teve no Brasil um symptoma não manifesto em nenhum outro povo: atacou tambem o character nacional.



Neste Districto Federal mandou o prefeito passar para o anno immediatamente superior os alumnos matriculados em todas as escolas primarias: o ensino era para elle não uma necessidade publica, mas um arrolamento de promoções. Pôde um jornal commentar com ironia que assim passaram á classe do "b—a ba" alumnos que não sabiam ainda o "a—b—c": a go'pes de decretos, numa hora, poderia ter promovido a doutores graduados todos os analfabetos do paiz... Os estudantes de preparatorios tiveram direito a quatro exames, á escolha; depois de escolhidos, houve trocas e baldrocas: a quem não convinha mais algebra ou historia natural, mudou-os em latim e historia do Brasil; houve quem aprendesse a desenhar o proprio nome, para requerer certificado de conhecimento em linguas vivas e sciencias transcendentis; paes, amorosos de suas criaturas, pretenderam o favor para os filhos de dez annos, negado como se fôra escandaloso, como se não tivera sido o mais caricato escandalo toda essa coisa inacreditavel, e que ha de ser o labéo da instrucção publica no Brasil.

Da instrucção profissional, nem é bom dizer; não erro: neste immenso paiz, neste seculo, depois desta guerra e deste espirito moderno que parecem dizer não deve mais existir um homem ou uma mulher validos, sem uma profissão, neste Brasil de hoje, repito, é maior a frequencia nas faculdades de direito do que nas escolas profissionaes elementares... O numero destas desaproveitadas escolas é exiguo. Onde ellas existem e começaram a existir se vão fechando, a começar pelas do Districto Federal. E o poder publico é indifferente a isto, si não é cump'lice da catastrophe.

Quanto ao ensino superior, não lembrarei as faculdades escandalosas, que a bonhomia popular chamou "electricas", nem aquellas que a lei talvez favoreceu e que davam diplomas a sessenta mil réis, ou pouco mais, faculdades de industria, como ha cavalheiros desse mesmo nome. Apenas, para resaltar a intervenção desastrada do poder publico em materia de ensino, as successivas reformas e os desastres successivos dellas... as autorizações legislativas ao poder executivo e, em seguida, a protelação indefinida de approvação ou rejeição de leis que tiveram, entretanto, plena execução.

Não, a experiencia demonstrou cabalmente que o poder publico é incapaz de reformas de ensino, porque o poder publico não tem capacidade educacional, nem systema pedagogico, nem isenção moral, e obedece a injunções politicas, partidarias, interesseiras, que sacrificam o ensino a interesses subalternos e a moveis pessoas de occasião.

O governo de um grande povo carece, a cada passo, de technicos competentes: na guerra é o estado-maior do exercito e da armada, e não os deputados, senadores e ministros, que — já lhes basta — devem cuidar dos magnos interesses e responsabilidades nacionaes e dos meios de os servir: porque na paz, a salvação da alma, a educação do caracter, a disciplina da vontade, o cultivo da capacidade de um povo, hão de estar em mãos inhabeis e não preparadas para o seu exercicio? A Universidade, pela autonomia didactica e administrativa que deve ser o seu apanagio, é que pôde dirigir o ensino publico, com que se faz esse ideal democratico de um povo livre a — educação nacional.

Os competentes em materia de ensino é que devem dirigir a educação nacional; a Congregação delles é a Universidade

Para que a Universidade seja o estado-maior da cultura nacional, e possa dirigir devidamente a educação do Brasil, importa que o Governo que a creou lhe dê os fóros e os meios dessa existencia benemerita. O primeiro

delles é, sem duvida, a autonomia didactica e administrativa, que já existe consignada em nossas leis de ensino ás facultaddes que a formaram, mas que ainda é nominal, tantas são as dependencias que nesta ordem de attribuições lhe cerceam a liberdade de acção. As dependencias do Estado, as legislações desencontradas e interesseiras do fim das sessões parlamentares, que visam apenas favorecer personalidades equivocas, que desmoralizam instituições em proveito proprio, são a mais triste corrupção dos institutos de ensino no Brasil. E' extremamente difficil obter do Parlamento uma lei qualquer que vise melhorar um serviço publico: as competencias individuaes, vaidosamente contrariantes, se oppõem tacita e obstinadamente; nada mais facil, entretanto, de conseguir que, appensa a uma lei qualquer, de assumpto inteiramente diverso, se criem cadeiras e se nomeiem professores em não importa que estabelecimnto de ensino. Vemos isto todos os dias. Se o poder publico quizer pôr paradeiro ás facilidades indecorosas dos máos legis'adores nacionaes, o recurso será separar, de modo decisivo, a autonomia didactica e administrativa da Universidade, da ingerencia politica, dando-lhe a prerogativa de modificar a propria constituição, ampliando ou restringindo os seus quadros e regulamentos, o que bem poderá ser com a sancção necessaria do Governo.

Naturalmente, constituida por elementos que se recrutam nas classes mais cultas do paiz e que se especialisam no exercicio docente, as questões de ensino devem ser de sua competencia, e ao Estado virá toda a vantagem em ter na Universidade o seu órgão consultivo e informativo, para todas as descisões e leis que importem não só ao ensino ministrado nas facultades superiores, como relativos ao ensino secundario, destinado á formação das "é'ites", como ao ensino primario, imprescindivel ao formação das intelligencias, providas de uma instrucção indispensavel.

A provisão do professorado consistirá na mais importante questão, depois desta, porque delle advirão á Universidade a competencia e a autoridade de seu magisterio, os estímulos e iniciativas dos mais capazes pela selecção profissional, para esses cargos formadores da alta cultura nacional. A lei actual precisa ser urgentemente reformada, supprimindo-se, respeitadas os direitos adquiridos, a classe nociva dos substitutos vitalicios, que tira todos os estímulos aos jovens possuidores de capacidades docentes, e dá, ao cabo de uma longa expectativa, ao magisterio, homens fatigados e já sem gosto para o exercicio docente. Deve a livre docencia ser o viveiro do professorado; tal como existe, é, entretanto, uma excrescencia inutil, frustrada, pela propria lei que a creou, de um exercicio amplo e brilhante, como ocorre nos paizes estrangeiros que a adoptaram. Livres docentes numerosos, idoneos, capazes de proverem ao professorado e professores substitutos vitalicios são coisas antagonicas, que só a ignorancia brasileira supportou, e tolera ainda agora, com a, inevitavel desta sorte, decadencia precoce da livre docencia, sem garantias de sobrevivencia, nem de presente exercicio. Os livres docentes, sem esse embargo — os substitutos vitalicios — recrutar-se-iam por concursos de provas e titulos, acceitos em numero illimitado, tantos quantos capazes se apresentem para a obtenção do titulo: além da selecção das provas para a investidura, a competencia e a lucha pela vida no ensino reduzirão o numero delles aos que tiverem verdadeira vocação pedagogica e melhor souberem resistir no mister de ensinar. D'entre elles, d'entre esses aptos, subsistentes na oportunidade das vagas, esco'herá a Universidade os seus professores. Dessa sorte manterá a garantia de provimento idoneo no quadro superior, e estimulará no quadro inferior as emulações, trabalhos e esforços necessarios, de investigação sicientifica, de obras publicas, de exercicio docente nos cursos privados, com o que se formam os verdadeiros professores. Neste sentido, e da auctoria do nosso eminente mestre e collega o Sr. Professor AZEVEDO SODRÉ, a quem tanto deve no Brasil a idéa da Universidade, e



aquelle dos nossos homens publicos que mais entende de questões de ensino, existe, apresentado á Camara, um projecto substitutivo ao de n. 273, de 1920, que satisfaz plenamente a todos estes requisitos.

Esses cursos privados, como os outros, devem ser devidamente remunerados; é necessario que a docencia viva e que o professorado viva dignamente. E as taxas pagas pelos alumnos é que devem principalmente prover a essa subsistencia. Tal retribuição de serviço é duplamente util, a mestre e a discipulo: áquelle, porque, só será escolhido, si corresponder ás espectativas e ás necessidades didacticas dos que o procuram; a este, porque a frequencia, a assiduidade, o interesse por aprender, o estudo e as investigações para o conseguir lhe virão mais certamente, sentindo o que lhe custa a cada um, de justa retribuição. Para os alumnos pobres, que o merecerem pela sua applicação ou vocação, o Estado, a Universidade, as instituições de beneficencia de estudantes, ou de protecção a elles, que existem em outros lugares proverão com um certo numero de "bolsa" ou estipendios, concedidos criteriosamente. Se a livre docencia não pôde subsistir sem a retribuição das taxas, a docencia cathedratica não as pôde dispensar, sem prejuizo. O professorado superior no Brasil é pago hoje em dia indigentemente: um mestre de primeiras letras, aqui, ganha mais que um professor substituto de nossas faculdades superiores. Um professor de preparatorios, no gymnasio official ganha mais que um cathedratico da Escola Polytechnica ou da Faculdade de Medicina, porque a propina dos exames lhe duplica e triplica áquelle os vencimentos, a principios iguaes, que a lei injustamente estabeleceu entre elles.

Ja se disse redisse que um professor substituto de escola superior é cotado pelo erario nacional em menor estipendio que um amanuense de repartição publica; qualquer medico ou qualquer engenheiro ao serviço do Estado vence maiores proventos que os professores cathedraticos de engenharia ou de medicina das escolas superiores. Para coherencia com estes absurdos, injustos e indignos, aqui mesmo a lei galardôa com maior vencimento, exactamente aos professores de clinica, que têm mais faceis probabilidades de farta compensação da clientela, contra os professores de laboratorio, a quem falta esse preconicio, para conseguir o que lhes mingua no ordenado. No Brasil, é regra de delicioso humorismo, tudo se pensa, e se pratica pelo avêso...

Permitti-me, ponha aqui um consolo, não aos meus queridos collegas, tão malaquinhoados na ingrata e nobre profissão docente, mas ao ensino, a que elles servem com tanta abnegação e tamanho desprendimento. Quando se installaram as faculdades superiores deste paiz, os professores desses cursos tinham honras e proventos de desembargadores. As honras devem ter crescido com a benemerencia publica: não ha mocinho com a barba apenas lhe pungir, que se não annuncie professor, principalmente se ainda não o é... desembargadores mesmo os que o são, escondem-no, porque é um titulo inoportuno de ancianidade. Mas o estipendio, esse foi pouco a pouco, se desequilibrando tanto, que orçamos apenas por um terço daquillo que elles ganham. Reclamemos sim, contra a falta de equidade, e a injustiça, mas felicitemos ao ensino publico que assim tenha sido. Num mesmo despacho presidencial, de um governo transacto, foram nomeados cinco tabeliães de notas — são agora os cargos mais rendosos — que eram irmãos, sobrinhos e genros de ministros, senadores e deputados influentes; se os nossos vencimentos não fossem tão escassos, em vez de notarios, seriam elles nomeados professores de faculdade, e, ai de nós! ai do ensino publico a que taes capacidades fossem servir! Vêde, pois, para que beneficios á Patria tem concorrido a parcimonia nossa retribuição, e como, patrioticamente, já não devemos invejar aos desembargadores...

A Universidade que tem necessidade de renda e de meios para exercer a sua missão tutellar de ensino publico, não pôde tão pouco dispensar as



taxas, na quota que lhe cabe, accrescentada á subvenção com que concorre o erario publico. Ainda entre nós os homens abastados não comprehendem a salutar vaidade ou o generoso dever de auxiliar a cultura do paiz pela dadiva opulenta que permite a magnificiencia daquellas Universidades americanas.

Dê-nos o governo, depois de crear a Universidade, os meios legitimos e decorosos de sua subsistencia autonoma e de sua dignidade necessaria. e terá feito a maior reforma do ensino publico, desde a primeira, de 1832. Assim nos approximaremos daquelle ideal dessas universidades prosperas e illustres da America, que tanto inflem sobre a civilisação e a cultura do mais admiravel povo da terra.

Quanto a nós, trabalhemos para isso. Se o governo o quizer, será agora mesmo. Se não, um outro governo benemerito o fará. Não importa, a fórma está feita: havemos de enchê-la. E perdida, será dos maiores elementos de grandeza e prosperidade do Brasil, o factor decisivo de educação nacional.

MEDICINA

O REJUVENESCIMENTO E O PROLONGAMENTO DA VIDA

O venerando DR. LUIZ PEREIRA BARRETTO leu, o mez passado, na Academia Paulista de Medicina, interessante trabalho sobre o assumpto indicado no titulo acima. Esse trabalho, que despertou o mais vivo interesse, é um brado juvenil e generoso em prol da felicidade humana. Damos a seguir um largo trecho do mesmo.

A possibilidade de uma assás florida rejuvenescencia tornou-se, hoje, um facto fóra de toda contestação. Não é mais utopia acreditar que podemos fazer recuar a velhice; não é mais um sonho fugaz esperar que as fronteiras da morte possam ser espaçadas para bem além dos 120 annos e dos 140 annos de idade.

Não é inteiramente nova a doutrina que propõe lançar solidamente as bases da arte de prolongar a vida. Ha mais de 30 annos, já Brown Sequard havia apontado o caminho, que deveremos seguir para lá chegar e, se ao genail biologista não foi dado resolver pessoalmente o problema, é tão somente porque a sciencia do seu tempo não punha á sua disposição os recursos praticos, que nos offerecem, hoje, com largueza, os nossos laboratorios. E' exclusivamente a elle que devemos a inauguração da nova physiologia, que rasgou para a nossa medicina illimitados horizontes revelando-nos a importancia suprema do papel das glandulas de secreção interna.

E' no exacto conhecimento das funcções dessas glandulas que assenta todo o criterio da "boa nova", que a arte medica actual proclama e recommenda.

Sabemos, hoje, positivamente, que a primeira, e a mais importante funcção dessas glandulas consiste em defender com a max'ma energia os tecidos do nosso corpo na guerra implacavel, que lhes movem outros elementos anatomicos, que fazem igualmente parte integrante dos nossos orgams e do nosso sangue. A luta pela vida não se passa tão somente entre plantas e plantas, entre animaes e animaes, entre homem e o mundo externo: ella se implanta terrivel e ininterrupta dentro do nosso proprio organismo, dentro do nosso proprio sangue, entre orgams e orgams, entre tecidos e tecidos, entre liquidos e liquidos.

*

E' no nosso proprio sangue que se trava permanentemente a luta mais renhida. O sangue compõe-se de globulos vermelhos em grande quantidade e de globulos brancos em menor escala. Os globulos vermelhos têm por fundamental missão servir de vehiculos para o oxygenio do ar atmospherico, de que não póde prescindir elemento algum anatomico. Os globulos brancos têm por papel atacar e devorar os microbios e todos os corpos estranhos, que penetram de fóra no nosso organismo. Cada vez que em um ponto qualquer do nosso corpo se declara um estado morbido, a necrose de uma cellula, de um tecido, immediatamente os globulos brancos cercam fileiras, saem fóra das veias e das arterias e correm em phalanges mais ou menos compactas em soccorro do ponto vulnerado. E' assim jue se formam as congestões, os abscessos, verdadeiras armas de defesa. O pus nada mais é do que uma collecção de globulos brancos (leucoeytos) que fazem o papel de policia sanitaria. Os globulos brancos têm ainda por missão devorar os globulos vermelhos, cada vez que estes envelhecem ou adoecem e, desta maneira, fazem elles o expurgo do nosso sangue.



Se assim não fôra, os cadáveres acumulados dos globulos vermelhos corromperiam promptamente toda a massa sanguinea e poriam assim pela infecção, breve, um termo á vida.

A administração do chloroformio é para a cirurgia um problema dos mais graves, precisamente porque envolve ella uma perigosa perturbação da phagocytose. O chloroformio, do momento em que ultrapassa uma certa dose, faz cambalejar os globulos vermelhos, mata grande parte delles e, como os proprios globulos brancos são por sua vez igualmente att'ngidos pelo toxico, é facil de conceber a extensão do mal, que póde acarretar uma chloroformisação intempestiva. E' a Metchninkof que devemos aacqui-sição de todas as salutaes noções a este respeito. Depois delle a sciencia caminhou e sabemos, hoje, que a scena da phagocytose não se passa tão sómente no sangue, mas estende-se por toda a parte, abrangendo todos os tecidos os mais nobres, taes como o tecido cerebral e o glandular.

Como complemento da phagocytose está ainda reservado aos globulos brancos um papel physiologico importante: esses globulos são dotados da faculdade de se transformar em cellulas ou fibras do tecido conjuntivo.

*

Não ha organo que não contenha normalmente uma porção qualquer de tecido conjuntivo. E' esse tecido que enche todos os vãos e dá uma certa solidez á trama organica, que supporta os elementos anatomicos dos organos nobres. E' a este tecido que os organos em geral devem grande parte da belleza das suas formas anatomicas. E' essencialmente passiva a sua principal funcção.

Infelizmente, o tecido conjuntivo não se contenta com o seu papel passivo e, instigado por uma verdadeira, ambição egoistica, não trepida em sonegar a sua origem plebea para installar o seu poderio e avassalar despoticamente todo o scenario da vida. Cada vez que circumstancias morbidas lh'o permitem, o tecido conjuntivo prolifera e hypertrophia-se, tomando o espaço e comprimindo os elementos anatomicos dos organos nobres. A principio, a proliferação faz augmentar o volume e consistencias dos organos; em seguida, pela compressão, atrophiam-se e desaparecem os elementos anatomicos dos organos nobres; dahi a diminuição de volume que caracteriza fundamentalmente a cirrhose confirmada. Depois da hypertrophia vem a atrophia, depois da maré crescente, vem a vasante.

Todas as perturbações organicas, que prejudicam a existencia dos elementos nobres, favorecem a proliferação do tecido conjuntivo. A invariavel tendencia deste é tornar-se senhor exclusivo do campo, comprimindo, arruinando, desmantelando todo o edificio dos tecidos nobres.

Desta sorte, a vida é um estado de guerra permanente passando-se implacavel nos mais intimos recessos do organismo, já no sangue, já nos tecidos, já entre elementos e elementos anatomicos. Nenhum elemento tem licença para cahir doente: se um qualquer e por qual motivo enfraquecer, os seus companheiros atiram-se sobre elle para devoral-o e fazelo desaparecer do numero dos vivos. Nessa luta não existe um vislumbre de sentimento de misericordia. "Vae victis"! é a unica exclamação que aparece consagrando o "struggle for life"!

Os nossos sertanejos sabem que em uma vara de queixadas, quando um qualquer do bando cae ferido pelo caçador, todos os outros arremessam-se em furia contra o infeliz ensanguentado para despedaçal-o a golpes de terriveis dentes e fazel-o desaparecer da scena do mundo.

Não será exactamente o mesmo o espectáculo que presenciamos, quando no acto da phagocytose os leucocytos correm em bandos apressados a suppliciar e desfechar o golpe de misericordia nas nossas cellulas cerebraes enfraquecidas?!

O tecido glandular é a primeira victima da invasão do tecido conjuntivo.

Se é o figado por exemplo o organo invadido, as cellulas hepaticas atrophiam-se e desaparecem, cessa a funcção glycogenica, não ha mais producção de assucar, suspende-se a secreção da bile e, faltando esta, fica suspensa toda a policia sanitaria, que normalmente assegura a digestão intestinal: os alimentos apodrecem em vez de serem convertidos em sustancias assimilaveis.

Se é o rim o organo affectado com o seu capacete supra-renal em ruina, está comprometida a melhor fonte do estimulo vital para todo o organismo, especialmente para o coração: a ausencia ou a insufficiencia da adrenalina conduz rapidamente á installação da arterio-sclerose.

Se é a glandula thyroide que está em falta, tanto mais entristecedora se torna a situação, porquanto é a secreção interna dessa glandula que não só communica uma viva energia á todas as funcções como sobretudo põe em relevo e mantem o brilho da intelligencia do homem. Do momento em que se estabelece a insufficiencia thyroidiana, o cerebro humano está desarmado e o "homo sapiens" está condemnado a não poder figurar no mundo senão como um desgraçado imbecil.

Se é a glandula genital que está em decadencia, tanto mais sombrio se apresenta o aspecto do quadro, que se desenrola á nossa vista. Essa glandula compõe-se normalmente de duas partes: uma destinada exclusivamente á conservação da especie e a outra mui particularmente reservada ao entretenimento do vigor do individuo. A primeira é um novello de canaliculos seminaciaes, a segunda um pequeno grupo de cellulas especiaes situadas entre os canaliculos da reproducção. Voronoff designa esta segunda parte sim-

plesmente pelo nome de glandula "intersticial"; a esta mesma segunda parte o professor Steinach dá o nome de glandula da "puberdade".

Centenas, sem receio podemos dizer milhares, de experiencias, hoje, feitas em animaes não permittem mais a minima duvida quanto á importancia do papel da glandula intersticial ou da puberdade. Com exuberante luxo de provas experimentaes está, hoje, demonstrado que animaes velhos, alquebrados, arrastando-se miseravelmente na ultima phase da decadencia senil, podem remoçar e gahardamente ostentar todas as apparencias e facultades reaes da mocidade. Por meio do enxerto dessa glandula podem os velhos rejuvenescer, do mesmo modo que por meio do enxerto dos ovarios podem as mulheres infecundas perfeitamente conceber.

Para começar a sua extraordinaria serie de successos operatorios, Voronoff extirpou a uma ovelha os dois ovarios e logo em seguida enxertou-lhe o ovario de uma outra ovelha, sua irman. Quatro mezes depois, a enxertada paria um lindo e robusto cordeirinho. Nem bem foi conhecido este curioso factio, uma senhora de alta classe, que por necessidade cirurgica havia perdido os seus dois ovarios, conseguiu de uma rapariga robusta que lhe cedesse um ovario para o enxerto. Ajustado o negocio, foi a operação praticada. Não podia ser mais esplendido o successo. Onze mezes depois da operação do transplante ovarico, essa senhora dava á luz com a maior felicidade uma galante menina.

Diante de um triumpho de tal magnitude é bem justo que a classe medica se orgulhe da sua parte de contribuição. São brilhantes e illimitados os horizontes que se rasgam para a grandeza e prosperidade da futura Humanidade.

Em resumo, podemos concluir; se é verdade que a velhice resulta fatalmente do proprio modo imperfeito por que a nossa vida foi organísada, não menos verdade é que está nas nossas mãos a facultade de attenuar e corrigir os mais graves erros da natureza.

Não podemos por demais agradecer a Voronoff e o Steinach os serviços que prestavam á sciencia medica. E não me sendo possível apresentar em claro resumo todo o conjunto da sua grandiosa obra, limito-me a aqui dar como supplemento alguns fragmentos apenas dos seus respectivos livros.

Chamo especialmente a attenção da nossa douta Academia de Medicina paulista para as novas veredas que se abrem diante de nós e que nos permittem utilizar com estupendas vantagens o enxerto dos tecidos dos grandes sim'ios. Voronoff provou que o enxerto da glandula thyroide tirado dos grandes macacos adapta-se melhor aos tecidos do homem do que quando tomada do proprio homem.

Não póde ser mais memoravel a phase historica em que vão entrar os grandes macacos.

Cessam todas as facecias; e a serieidade em todas as tentativas de prolongamento da vida humana desde já constitue uma bandeira sacrosanta, que se cercará cada vez mais de um religioso culto, á medida que os seculos succederem aos seculos.

Felizmente, foi em boa hora e em bom terreno que foi lançada a semente. Já neste momento avultados capitaes estão sendo reunidos na França e na Inglaterra para se applicarem á criação em gigantesca escala de todas as variedades de macacos grandes, gorilhas, chipanzés, orangutangos, que se encontram ainda na Africa.

Os macacos pequenos não servem; pelo menos até aqui não foi possível utilisal-os. Infelizmente, os macacos do Brasil são em geral de mui pequeno porte. Temos, entretanto, ao que parece, uma especie de bem maior vulto e que se encontra m certas regiões de Minas e do Rio Grande do Sul: são os "monos". E' bem possível que nos nossos Estados do Norte existam variedades de monos aproveitaveis. Nenhuma experiencia tendo ainda sido feita, forçoso é tental-a de qualquer modo e custe o que custar; e, com certeza, a Academia de Medicina paulista não deixará de considerar como um ponto de honra a tarefa de se dirigir ás nossas municipalidades e aos nossos governos, para oriental-os neste sentido e solicitar a sua mais intelligente protecção a favor dos innocentes e uteis bichos, nossos sub-irmãos e nossos salvadores.

HISTORIA

QUEM FOI LORD COCHRANE

Esteve recentemente no Rio uma neta de lord Cochrane. A proposito, o sr. LEMOS BRITO, no "Imparcial", recorda a bella figura do heroe, a quem tanto deve a causa da liberdade no Brasil.

Raros homens terão assim lutado pela independencia de alheios povos. Não ha heroe mais sympathico e arrojado que esse almirante inglez, arriscando a vida, annos a fio, pela causa nacional de tantos povos que lhe ficaram a dever desses serviços para os quaes as nações educadas nos sentimentos generosos jámais encontram outro premio que o da sua veneração.

E quando, após quatro annos, firmada a autonomia do Chile, que elle assegurou pelo dominio dos mares, conquistado em prelios memoraveis, a anarchia caudillesca irrompeu, assomada e assoberbante, veja-se que magnifica lição de democracia se contem no seu adeus aos chilenos:

"Chilenos, meus compatriotas! Quitero, 4 de Janeiro de 1893.

O inimigo commum da America succumbiu no Chile — Vossa bandeira tricolor tremula no Pacifico, á custa dos vossos sacrificios. Algumas commoções intestinas perturbam o Chile; não me cabe investigar suas causas, nem accelerar ou retardar seus effeitos; só me é permitido desejar que o resultado seja favoravel aos interesses nacionaes.

Chilenos! Expulsastes de vosso paiz os inimigos de vossa independencia; — não maculeis acção tão gloriosa alentando a discordia e promovendo a anarchia, o maior de todos os males. Consultae a dignidade a que vos soergueu vosso heroismo; e se vos encontraes na necessidade de adoptar alguma med'ca para assegurar vossa liberdade-nacional julgae por vós mesmos, procedei com prudencia, deixae-vos guiar pela justiça e a razão.

Faz quatro annos que a sagrada causa de vossa independencia me chamou ao Chile. — Eu vos ajudei a conquistala. Eu a vi consummada. — Só vos resta agora conseguila. Deixo-vos por algum tempo, afim de me não intrometter em assumptos estranhos ao meu dever, e por outras razões que por agora guardo em silencio, para não fomentar o partido.

Chilenos! Sabeis que a independencia se obtem á ponta de baionetas. Sabei tambem que a liberdade só se funda na boa fé e nas leis da honra, e que aquelles, que as contravêm são vossos inimigos, entre os quaes nunca encontrareis a COCHRANE".—(Op. cit., pag. 418).

Neste documento, que ponho sob as vistas do povo brasileiro, desaparece em absoluto a voz do guerreiro que sonho, na sua fragata, supportava impavido o fogo de trezentos canhões dos fortes de Caláo, para apparecer o cidadão inglez, amigo inseparavel da ordem e das liberdades publicas.

Com um formidavel prestigio nas forças armadas do Chile, cujos navios tinham por commandantes officiaes inglezes, não se aproveita da anarchia para um golpe de audacia em favor da Inglaterra; antes, receiando pelos rumos da nacionalidade a que dera tanto de seus gloriosos dias, Cochrane se retira, deixando ao povo libertado esse evangelho democratico que se está a longe de imaginar na bocca de um marinheiro, cortido nos combates."

No Brasil, foi ainda aquelle Conchra-ne, extraordinario quem se poz a serviço da nossa independencia. Este Lord Cochrane, escreveu um historiador nacional, ficou na historia americana como uma das mais singulares e mais bellas figuras. Durante cerca de tres annos luta pela independencia do Chile e do Perú; em 1822 serve á causa do Brasil; em

1827 corre com alguns navios em favor da Grecia."

Nomeado chefe da nossa esquadra, o grande almirante bloqueia as forças do general portuguez Madeira na Bahia de Todos os Santos" sendo para notar que o general que, de principio, commandara o sitio, por terra, era Labatut, francez de origem, heroico paladino da emancipação a quem, annualmente a Bahia tributa especial homenagem, numa romaria civica ao seu tumulo, distante leguas da capital, em Pirajá.

O Pará e o Maranhão rendem-se ao almirante inglez, e ao echo desses successos, Portugal perde a esperanza, de recobrar o imperio colonial escapa, definitivamente, de suas mãos, (João Ribeiro — "Historia do Brasil", Rio 1909. pag. 476).

E é ainda a fragata "Niteroy", do commando de Taylor, a que persegue até ao Tejo os restos da batida esquadra portugueza".

Eis por que digo merecer de nós todos brasileiros um agasalho especial essa illustre senhora em cujas arterias corre o sangue de um heróe e de um benemerito do Novo Mundo. O que o insigne Canning, fez pela emancipação Sul-Americana de dentro de seu gabinete de ministro, contendo o idéal recolonizador estumado pela Austria, Cochrane fez sobre o convez das suas fragatas, exposto aos rigores do tempo e á furia dos bombardeios ou das abordagens. Honra-o na pessoa da sua descendente é não só um dever dos brasileiros, mas de todos os povos da America Latina.

QUESTÕES SOCIAES

IDEAS DO PRESIDENTE HARDING

Dos Estados Unidos, escreveu para o "Jornal do Brasil" o sr. OLIVEIRA LIMA, expondo rapidamente a original e forte orientação do presidente Harding em referencia aos grandes problemas politicos do paiz:

Depois da entrevista que tivemos em Marion o então Presidente eleito republicano Harding e o Sr. Bryan por tres vezes candidato democrata á presidencia, foram juntos á conferencia dos leigos da igreja presbyteriana e ambos fallaram no sentido que a occasião e o logar reclamavam. Bryan declarou na sua oração que, no tocante ás bases, elle e Harding se achavam irmanados politica como religiosamente. Harding por sua vez deu expansão á sua religiosidade, que é uma feição do seu espirito porque é uma feição do espirito americano.



O Presidente quer, segundo o tem repetidamente expressado, pôr em pratica um governo sem sabor algum autocrático, um governo puramente constitucional, que seja o reflexo das mentalidades de escol da nação; mas quer também que esse governo seja religioso, no sentido mais elevado e menos sectario da palavra, porque sem isso não pôde ser justo. No seu dizer, o typo mais alto de civilização não pôde ser concebido sem a disciplina religiosa. Nos primeiros tempos da Republica americana a reverencia religiosa era notavel: é mister volver a ella, mesmo porque a intelligencia entre o homem e o seu Creador é uma das maiores necessidades da hora presente.

O que sobretudo faltou na concepção de Versalhes, foi na sua opinião, o reconhecimento de Deus Omnipotente: a fraternidade internacional não pôde existir sem tal conceito. Esse pensamento deve ser commum aos povos.

A religiosidade representa meio caminho andado para uma concepção nitida da justiça social e o Presidente Harding parece nutril-a. Um dos seus projectos favoritos é fazer surgir da remodelação administrativa a que pensa proceder um departamento novo, o do bem estar publico, e confial-o a uma mulher, pois que no seu entender o suffragio feminino constituiu uma victoria em favor de um melhor entendimento dos problemas sociaes.

Uma mulher tem mais probabilidade de comprehender as questões que dizem respeito á infancia e o referido departamento está destinado a abranger o que diz respeito á educação. A criança hoje cada vez se educa menos no lar; sua alma forma-se nas escolas publicas, do *kinder-garten* á universidade. A especialização profissional é uma das causas desta invasão da comunidade no dominio domestico. Também a mulher em muitos casos tem que ser ao mesmo tempo que mãe de familia, productora industrial, mesmo para dar subsistencia á sua familia. É natural e logico que o Estado tome de alguma fórma o seu lugar: o que importa é que isto se opere de modo a produzir o maior bem e o minimo mal.

Uma mãe melhor conhecedora das suas obrigações sociaes mais deve prezar suas responsabilidades de familia. Com isto ganha o verdadeiro sentimento democratico, que a escola publica fomenta, com tanto que os ricos não pretendam desenvolver um espirito de casta, mandando educar seus filhos em estabelecimentos particulares e concedendo-lhes regalias em materia de extravagancia. A participação individual no que respeita á justiça social é essencial não bastando as alás indispensave's medidas legislativas. O mundo tem caminhado muito para firmar a democracia politica, mas esta só pôde ser consolidada social e economica-

mente, sem exaggeros, mas também sem reacção ou mesmo immobildade.

Discursando perante a liga de protecção da infancia e expondo-lhe o seu cauteloso programma de adiantamento social, o Presidente voltou a occupar-se do problema religioso, apontando para a contribuição da fé e da disciplina espiritual na formação do caracter individual. Esta parte continuará a caber ao lar, mesmo quando caiba á sociedade a tarefa de zelar o bem estar physico e a florescencia intellectual da criança. O Presidente Harding formulou então o voto de uma revivescencia nacional do espirito religioso, uma cousa de que o mundo nunca careceu tanto como agora.

Na mente do Presidente não podia deixar de actuar nesse momento a impressão do grande augmento da criminalidade no paiz, especialmente no Norte, e mais que tudo nos centros industriaes, onde é maior a accumulção do elemento estrangeiro. Os assaltos a mão armada têm-se tornado nos centros mais populosos uma occorrença frequente, ao ponto de em Nova York se estar abundantemente reforçando com voluntarios o policiamento da cidade, feito também d'ora avante e enquanto durar esse estado de cousas por pessoal armado cruzando em automoveis.

Como razões determinantes dessa expansão criminal apontam-se a loucura especial do d'neiro, oriunda da guerra e gerando a ancia de obtelo por qualquer modo; o uso de drogas nocivas ao systema nervoso, cujo commercio em Nova York se calcula em 100.000 dollars diarios; o commercio illicito e clandestino de espirituosos, tornando ainda mais excitave's as paixões. Citam-se ainda no rol das causas a brandura das sentenças; a carestia da vida, combinada com a copia de desempregados pelo fechamento de fabricas e de repartições publicas que a guerra fizera apparecer e organizar; um conhecimento mais espalhado do manejo das armas modernas e o uso muitas vezes, pelos bandidos, de automoveis de grande rapidez, tornando em extremo difficil sua perseguição pela policia.

O motivo principal reside, porém, no desasocego geral, reflectindo-se psychologicamente numa muito menor estimacão da vida humana, produzida pela guerra e pela paz que se lhe seguiu. É curioso notar que muitos, talvez a maior'a dos attentados contra a vida e contra a propriedade, commettidos no decurso do anno que agora finda, foram obra de amadores e não de profissionais do crime. Alguns confessaram que agiram simplesmente pela aversão ao trabalho. Durante a guerra os salarios extraordinarios e as horas limitadas de trabalho impelleram para o emprego honesto das suas actividades numerosos *pickpockets*, atrahidos pelo ganho com pouco esforço

e nenhum risco não seduzidos pela regeneração moral.

O Presidente Harding tem pois perfeita razão quando aponta para a religião como um correctivo social. Os períodos que se seguem ás grandes guerras e ás grandes revoluções são períodos sempre de frouxidão de costumes e de paixões desregradas. A pouca vergonha está por isso hoje na ordem do dia. Ha pouco, numa casa de costureiro da rue Royale, em Paris, houve uma exhibição de manequins, alguns com trajas gregos porque o grego como o latim *bravent l'honnêteté* não só nos vocabulos, mas nas pernas e coxas nuas. A essa exhibição assistiram duquezas, grã-duquezas e princezas — o que não é para admirar —, e entre ellas o Conde Boni de Castellane e os embaixadores de verdade, a começar pelo inglez Lord Derby e pelo americano Mr. Wallace. Dizem que Lord Derby tem um gosto pronunciado pela simplicidade no vestuario feminino: devia ficar satisfeito com o espectáculo a que assistiu.

Em Londres, a ultima moda medica é a chamada psycho-analyse. Applica-se ao sexo feminino: a doente estende-se numa *chaise longue*, a sós com o medico — este pormenor é essencial — e falla, enquanto o outro escuta. O exito do tratamento está na razão directa do amor que se origina entre a doente e o medico: é um amor temporario, que dura o tempo necessario para descarregar a mente oppressa pelas emoções reprimidas. Chama-se a isto "a phase da transferencia" e custa 2 guinéos por hora, pagos pela doente, o que alláz não é absoluta novidade. Dizem que as esposas dos doutores não andam muito satisfeitas com o novo methodo therapeutico, se bem que uma ou outra se console com o augmento dos rendimentos conjugaes.

Nos Estados Unidos, pela sua maior distancia da guerra, a saude moral não se tem resentido na mesma escala da depravação mundial, mas a guerra não deixou de exercer seus effeitos desmoralisadores. O equilibrio moral está-se porém depressa restabelecendo e a paz com suas consequencias saltares já está reconquistando seu logar no coração feminino. No dia de Natal a Sociedade Feminina da Paz, encabeçada pela senhora do Senador La Follette, fez uma demonstração em favor do desarmamento ao pé do monumento de Franklin. As oradoras, todas ellas senhoras de distincção, comprometteram-se á faina de uma propaganda que desvie os votos das mulheres dos partidarios do militarismo para os partidario do pacifismo. Ellas reclamam contra as despesas militares e querem que estes bilhões sejam empregados em melhorar as condições da humanidade: a alimentação, a hygiene, a educação, a eliminação do medo, do preconceito e do odio, causas fundamentaes da guerra.

LITERATURA

O "PAIZ DE OURO E ESMERALDA",
DO SR. J. A. NOGUEIRA

Occupando-se desse interessante romance do nosso prezado collaborador sr. J. A. Nogueira, disse o sr. AUGUSTO DE LIMA, pelo "Imparcial":

Ha poucos annos, prefaciado por Alberto de Oliveira, surgiu do prélo, com o titulo "Amor Immortal", um livro de contos, que foi uma brilhante revelação do espirito culto, da imaginação creadora e do bom gosto literario do Sr. J. A. Nogueira. Sendo a edição limitada, a poucos foi dado apreciar as bellezas eccentricas daquelle livro, que, além do valor literario, documentava interessantes originalidades de um pensador. Não era só o encanto da narrativa que prendia a attenção do leitor; era tambem a suggestão de hypotheses philosophicas e scientificas, apresentadas despreocupadamente em episodios dramaticos.

O Sr. J. A. Nogueira pertenceu ao famoso cenaculo de "Mirante", colmeia do intellectualismo academico de S. Paulo, da qual faziam parte Monteiro Lobato, Godofredo Rangel e Hilario Tacito, de cujos trabalhos já se occuparam estas notas.

Voltando a Minas, donde é natural, como o é tambem Godofredo Rangel, o romancista da "Vida Ociosa" e actualmente juiz de direito da comarca de Tres Pontes, trouxe o Sr. J. A. Nogueira para o novo "habitat" todo o fervente culto das letras que se lhe accendêra naquella fornalha — cadinho onde se aquilataram altos valores mentaes.

O novo livro do Sr. J. A. Nogueira é um romance de amor, através de um estudo de theses sociaes e philosophicas, em que domina uma alta visão do Brasil futuro. Como no "Chanaan" do Sr. Graça Aranha, preoccupa o autor o problema das raças europeas que se virão fundir na nossa futura nacionalidade. Divergem, porém, os dois romancistas, entendendo o Sr. Graça Aranha que, em relação á Allemanha se verificará na immigração para o Brasil a applicação da lei de Darwin, entendida ao pé da letra: o predomínio do mais forte materialmente. O Sr. J. A. Nogueira não hesita em proclamar a adaptação victoriosa da raça latina, cuja energia lhe inspira "a alma do Mediterraneo", a mesma que impelliu Colombo e Alvares Cabral. Esta idéa é symbolisada no casal italo-brasileiro, centro da acção do romance.

Angelo Orsino, filho de um casal de immigrantes italianos residentes em S. Paulo, onde faz a sua independencia economica, é apresentado á familia de um fazendeiro abastado. Enamora-se de uma das moças e é correspondido. O pae, entretanto, oppõe-se ao casamento por pre-

conceito de nativismo e desigualdade social. Mais tarde morre, e o amor triunpha aproximando por uma aliança legítima e joven italiano e a linda brasileira. Em doce viagem de nupcias de S. Paulo a Minas, através da Mantiqueira, penetram no "Paiz de Ouro e Esmeralda", onde sonham no futuro erguer-se a "cidade do futuro" na grandeza da nacionalidade brasileira.

A trama do romance é tecida de episodios muito interessantes, em que se destacam figuras representativas ou symbolicas de sentimentos e ideias humanos.

O Dr. Strauss, medico allemão, que salvára a vida do coronel Vieira e tentára pelo processo hypnotico aliviar Angelo da sua melancolia, é uma excellente creação do romancista para incarnar a metaphysica allemã e o imperialismo doutrinario. E' por meio delle, entretanto que se torna possível a aproximação de Angelo e Maria Luiza. Sem renunciar ao ideal de ser a sua patria o "sensorium" do mundo, elle, o velho pensador e discipulo de Kant, sentia-se bem na convivência quasi domestica dos latinos. Parece que o velho pensador nutria no fundo da alma a ambição de ser a sua raça a congregadora de todas as outras para a constituição das patrias sob os auspícios germanicos. A essa pretensão, porém, o romancista oppunha "a alma do Mediterraneo", como a creadora da civilização no mundo latino. Para colaborar nessa missão, não faltariam nunca factores locais. Dentre estes o espirito expansivo dos propagandistas romanticos, pertencentes a esse mesmo tronco latino, donde sahiram os grandes descobridores. Em Luciano Aymoré da Penha está caracteristicamente representado esse espirito romantico do patriotismo dos nossos oradores populares.

Este é um tribuno do nacionalismo proselitario, cuja rhetorica inflammada resiste nas praças publicas ás admoestações da politica e ás cargas de cavallaria. Mas essa intrasigência contra a autoridade contrasta vivamente com a tolerancia aos estrangeiros, que se mostram amigos da terra.

E' assim que o tribuno nacionalista convda para a grande festa, como orador o italiano Angelo.

O seu pensamento está nestas palavras: "Trata-se de glorificarmos a nossa patria, a nossa bendita patria, que, com o crescer das correntes immigratorias", virá a ser em futuro não muito remoto, uma das nações mais poderosas do mundo..." E Angelo accetou a missão oratoria na festa brasileira pelo amor da bella pausta e na sua oração inflammada, desenrolou o grandioso quadro da futura patria, erguida pelo Amor no "Paiz de Ouro e Esmeralda".

Para a nova era, não seria de ma's o concurso do amigo doutor Straus e sua mulher "frau" Mathilde se este casal, com a visão da Vaterland em perigo de

proxima guerra, não se retirasse logo para acudir-lhe em defesa.

No meio dessas nobres preocupações do ideal de patria pelo amor, surgem os grandes problemas da verdadeira egualdade humana. E' a questão social, sem cuja solução serão platonicos, sem realização pratica, todos os esforços da democracia. Quem a levanta é Leonardo, irmão de Angelo, instruido pelo bacharel Remigio de Vasconcellos, que o iniciára nas idéas de Carl Max, Eliseu Reclus e Malatesta. Leonardo sonhava com a redempção humana pelo anarchismo.

Mas o irmão embebido de amor e diante da grandeza e opulencia da patria adoptiva, nella teve a clara visão da felicidade humana, sem necessidade de revoluções sangrentas ou de violencias radicais.

Eis qual era a sua situação moral:

"Tornou a revêr os olhos brilhantes de Maria Luiza a fitarem-no de todos os lados, enquanto andava a esmo, entre o arvoredo, fumando um cigarro e deliciando-se com o envolver-se distrahidamente em baforadas capitosas, que ia espalhar em torno, á maneira de nevoa tremula de oiro na luz cariciosa da manhã. Experimentava dulcissima sensação de benevolencia universal. Dilatava-lhe o peito como para abranger todos os seres na mesma bençam de amor. Perdia até o sentimento, que tanto atormentára, de que andava exilado nas terras de aquemar, para onde se havia baldadamente tentado transplantar. Parecia-lhe então que principiara a deitar raizes nestas phantasticas paragens. Lembrava-se de "frau" Mathilde, do Dr. Strauss, de inumeros estrangeiros de varias nacionalidades e dizia-se a si mesmo que todos mostravam estar tão bem, tão á vontade, tão felizes como se aqui fossem nascidos e creados. E o Brasil appareceu-lhe como uma especie de paiz ideal, de patria universal, praso—dado para todos que quizessem dar de mão ás ficticias barreiras que separam os homens afim de virem confraternisar uns com os outros, esquecidos para sempre de taes preconceitos, sob os ruti'os céos destes climas, entre as torrentes de oiro liquido que a luz escorre pelo verde dos arvoredos. Paiz encantado, paiz de oiro e esmeralda o em que vivia a amada, e onde se haviam de criar os seus filhos e os filhos dos seus filhos..."

Não posso transcrever mais, nem mais é preciso para salientar o designo elevado do romancista e pensador.

O immigrante pode criar raizes pela terra; pode prender-se pelo interesse e pela necessidade. Mas só pode adaptar-se perfeitamente pelo amor, isto é, pela transfusão do sangue, pela unção familiar, que o nacionalizará.

Não preciso falar do merito literario da obra, cuja leitura é um encanto. O sr. J. A. Nogueira já tem o seu valor sufficientemente julgado.

Este livro "Paiz de Ouro e Esmeralda", além das bellezas, que o recommendam como trabalho de ficção, é um ensaio de doutrinas que dão muito em que pensar aos estadistas sobre o destino das nações novas.

Traduzido para outros idiomas, será um grande instrumento de propagação immigratoria, e um formoso alvo de sympathia para a nossa Patria.

RECITAES DE POESIA

"O Dia", do Rio, publicou o seguinte artigo do sr. AMADEU AMARAL, onde se agita uma questão que deve interessar aos nossos poetas:

A nossa joven patricia d. Margarida Lopes de Almeida cabe a gloria de haver introduzido no paiz uma novidade deliciosa e intelligentissima—os "recitae" de poesia.

Até aqui, a recitação de versos figurava em programmas de festas musico-literarias, como materia de alguns numeros secundarios, ou como ornamento cuja presença ou cuja falta não alteraria sensivelmente o conjuncto. A senhorita Margarida Lopes rompe delberadamente com isso, e, além de o fazer com grande brilho, o faz com excellentes razões.

Nada mais razoavel do que acabar com essa especie de dependencia em que se tem mantido a poesia, considerada como passatempo futil de reuniões elegantes, para reintegrar-a na sua augusta dignidade de grande arte, tão grande e tão respeitavel como outra qualquer. E' o que faz d. Margarida Lopes de Almeida, instituindo entre nós estas festas de poesia, pura e exclusivamente de poesia, sem acompanhamentos inuteis, sem divertivos e sem disfarces, destinadas a quem realmente ame e comprehenda essa arte divina.

O exito alcançado foi prodigioso. Tendo dado um primeiro recital, a conselho de pessoas de bom gosto que tinham tido oportunidade de ouvi-la, tão intenso e completo foi o effeito produzido, que a Sociedade de Cultura Artistica, sempre empenhada em servir os meliores mimos de arte a seus associados, obteve daquella senhorita o favor de uma repetição. E o theatro Municipal, com toda a sua amplitude, encheu-se litteralmente, os applausos não tinham fim, e houve numeros extra-programma para contentar o publico. Um triumpho absoluto.

Ainda, porém, que esse triumpho não fosse tão completo, a idéa nem por isso deveria ser abandonada. Ao contrario, seria caso de os poetas e os amadores da boa poesia conjugarem seus esforços aos da nossa gentilissima patricia, para irem,

aos poucos, pacientemente, conquistando o publico rebelde para essa obra de intelligencia e de cultura, para esse culto grave e doce da poesia em sua pureza sem outros attractivos que os do seu proprio irradiante prestigio.

A senhorita Margarida é uma admiravel recitadora. Dizer della, como se tem dito de todos os "diseurs" com quem se deseja ser amavel, que dá vida e relevo ainda aos versos mais apagados e insignificantes, seria na verdade dizer bem pouco.

Isto de dar vida aos versos que se declamam, ou se "dizem", é a primeira obrigação de quem quer que se dedique a este exercicio de arte. Aquelle que recita como quem reza ou psalmodia, de olhos no ar, voz monotona, alheio ao que lhe vae sahindo dos labios, esse pôde cuidar, sem a menor duvida, de outro officio. Commette, approximadamente o mesmo erro fundamental e indesculpavel de quem se propuzesse tocar piano sem conhecer musica, nem por estudo, nem de ouvido.

A primeira condição, pois, é dar vida aos versos, isto é, "vivel-os", recital-os como quem tem consciencia perfeita, consciencia completa, justa e nuançada do que está dizendo, e portanto o diga de maneira a apparentar que "se" exprime a si proprio, e que "se" exprime por meios absolutamente espontaneos e absolutamente afinados com todas as cordas, ainda as mais reconditas e subtis, do proprio temperamento.

D. Margarida Lopes de Almeida não possui apenas essa base indispensavel da arte de dizer. Ella "vive" os versos que recita, mas vive-os altamente, com a intensidade de uma alma de artista. Para dizer com vida basta temperamento; para dizer com vida e belleza é preciso temperamento e todos os refinados recursos da reflexão, do estudo e da arte. Os versos mais differentes pela metrica, pela sonoridade e pelo andamento, pelo estilo, pelo escripto, pela indole da inspiração, pelos mezes de escola ou de corrente, pela alma religiosa, philosophica, humana, ou social, que por entre as juncturas das syllabas se escõe, esguiche pelo esgarçado das reticencias ou espadane e fulgure no jacto das exclamações, tudo, passando pela alma sympathica, pela alma estranha, multiple e maravilhosa, dessa menina singela, serena e doce, é quasi como ventania benta e brisa dispersa, que, passando por uma bella fronde, vivem ahi com toda a força da sua vida e ainda tomam forma, expressão, belleza —e perfume...

*

Tão encantado me senti, ouvindo-a, que, além do intenso prazer esthetico que lhe devo, ainda lhe devo o favor de me haver suggerido, como consequencia da impressão experimentada, reflexões que

dantes não havia feito, ou apenas fizera incompletas e confusas.

Costuma-se considerar a arte de recitar como uma arte subalterna, como ancilla modesta da grande arte orgulhosa de compôr versos. Mas este é, naturalmente o critério dos poetas... Esse critério ter-se-á propagado tanto, como é notório, já pelo prestígio intelectual e social dos autores, já pelo desprestígio e vulgaridade da arte de dizer, a qual, como a dança, geralmente se pensa, estar ao alcance de todo o mundo. Os verdadeiros dançadores podem ter e, o que mais sabem defender ponto de vista diametralmente afastado.

“Não,—podem dizer,—não, a arte subalterna é a dos poetas! Versos sempre se fizeram para ser cantados, ou para ser recitados. As tradições mais antigas e mais veneráveis da arte, assim como a boa razão e o bom gosto estão a indicar que o destino natural e o destino racional do verso — é ser interpretado em alta voz”.

Assim como não se compreende música que tenha sido composta, não para se executar, mas apenas para ser mentalmente apreciada, assim também o verso destinado a ser apenas lido deve encarar-se como simples e monstruosa syncope do senso artístico e do senso comum. Esta dupla syncope é fruto da triste desorientação e da turva confusão que reinam sobre estas coisas, desde que a clara e robusta singeleza antiga foi substituída pelo culto do Snobismo e da Pedantaria...

“Ler versos, ler em voz baixa, ou mentalmente, isso só pôde ser um prazer para conhecedores. Mas o próprio conhecedor, lendo-os para si, converte mentalmente o imperceptível sussurro de seus lábios em sonoras inflexões de voz, e mentalmente as acompanha com accionados e gestos adequados a toda a gamma das emoções recebidas.

Isto, porém, é com os conhecedores, que são a excepção. Para o resto do publico, que não é conhecedor, nem tem sensibilidade apurada senão para as impressões vivas e directas do olhar e do ouvido, que significa um livro de versos, ou uma poesia impressa? Significa aquillo mesmo que representa uma partitura para quem nada sabe de musica, ou apenas lhe conhece o a-b-c. E' uma lasca de materia morta. E' um ser momentaneamente parado na sua evolução prefixa. E' uma alma que dorme nas virtualidades de um organismo pesado e qu'eto. E' bem pouca coisa. E' quasi nada.”

Chega, porém, o Artista, isto é, o recitador. Apodera-se desses blocos immotos e duros, desses esboços mudos, dessas promessas indecisas, desses bolos informes, sacoleja-os, estira-os, areja-os, illumina-os, transforma-os, dá-lhes azas, dá-lhes amplidão, dá-lhes brilhos inesperados, virtudes e fetiços com que ninguém

contava, e com elles, revolve e exalta as almas sedentas de belleza...

“Elle, o recitador, é que é o Artista maior, o Artista com maiuscula, o Artista sem mescla, o interprete do eterno drama humanal, plainando, imparcial, impessoal, sobre todas as dissensões theoreticas, sobre todas as diversidades de escolas, sem preferencias e sem preconceitos, a plasmar e vivificar a materia prima que lhe cae nas mãos...”

*

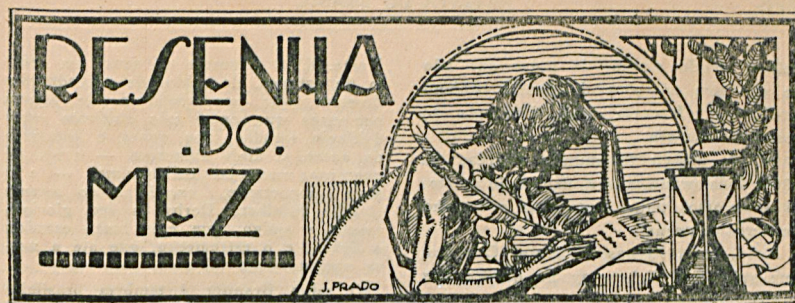
Tambem o recitador, assim falando, talvez exaggerasse. Mas, todos os exaggeros de lado não ha duvidar que um melhor entendimento da questão poderia ser util aos poetas, — áquelles dentre os poetas, pelo menos, que alimentassem o justo desejo de penetrar mais fundo na alma do povo.

Os poetas, effectivamente, nos modernos tempos, têm-se esquecido um pouco demais de que toda poesia, como toda musica, tem de ser “executada”. Executada em alta voz, ou mentalmente, mas executada — isto é, interpretada, avivada, alteada com todos os recursos dos órgãos vocaes e do gesto. Abusam excessivamente do verso “para ser lido”. O verso para ser lido leva insensivelmente á forma discursiva e plana da prosa, destinada mais á transmissão de conceitos e raciocínios do que á de emoção, cae em explicações e subtilidades, em longuras e monotonias de sermão, de arrazoado, de soliloquio, de artigo de fundo ou de chronica. Perde essa força classica e impressiva de synthese, de obra completamente acabada e nitidamente definida, de condensação breve e luminosa, em que as faculdades humanas se applicaram em bloco, arrebatadas nos vortilhões divinos da inspiração. Como numa estatua. Como num “oratorio”.

Façamos, pois, versos “para serem recitados”, não nos esqueçamos de que devem ser recitados...

— E se o recitador inhabil contorcê-os e desfigurá-os?

— Meu Deus, façamos de conta que esse recitador é apenas um entre milhares de leitores que assassina friamente a arte alada do poeta, lendo-o com os mesmos olhos com que leram o último artigo sobre o café ou a última dissertação sobre um problema de grammatica... E ainda fica a esperança e o consolo de nos cahir de repente em sorte sermos interpretados por uma artista de escôl, que nos transfigura e nos engrandece, com a sua voz luminosa e o seu gesto innumeravel, tal como d. Margarida Lopes de Almeida...



“ENFERMIDADES DA LINGUA”

Escreve um jornal: “é preciso que *se o diga...*” Isto, com variantes que não affectam a essência, se vê repetido a cada passo: “que *se o faça*”, “quando *se o pense*”, “*se se o desejar*”....

Tão mal acostumados andamos por aqui nestes assumptos, tão profundamente habituados a tudo subtilisar, torcer e complicar, que não faltará quem pretenda que todas essas construcções estejam muito certas e, a proposito, renove a velha e inexgotavel questão do *se* sujeito, matagal onde se têm refocilado gostosamente gerações de grammaticantes ferozes.

Entretanto, por d’reita razão, não haveria motivo algum para pendangas. As phrases citadas — sejam quaes forem as considerações que se possam fazer sobre a questão do *se* sujeito — estão evidentemente erradas. Só no Brasil, pode haver, e ha, quem sustente o contrario. Ninguém será capaz de apontar um unico exemplo, um só exemp’o de construcção identica, tirado de um escriptor portuguez de qualquer classe, ou de um escriptor brasileiro como Ruy Barbosa, Carlos de Laet, Gonçalves Dias, João Francisco Lisboa Odorico Mendes, e outros que se esforçam por manter as boas tradições da lingua nacional.

Não se argumente com certos exemplos, já rançosos, que alguns testarudos costumam trazer no bolso para provar esta graciosa these — de que o *se* pode ser sujeito. Não se trata de saber, se o *se* pode ou não pode ser sujeito. Isto é uma dessas questões que, em these, nada adiantam, porque não ha como generalisar com particulares, e as questões de lingua não se resolvem por deducção ge-

raes. O que se trata de verificar é se será licita, perante o uso dos que bem falam e dos que têm bem falado a lingua, a construcção—“que *se o faça*”. Não ha resposta possivel além desta:— não; *se o* é aleijão nunca jamais encontrado em bocca civilisada. Em vez de “que *se o faça*”, “quando *se o diga*”, deve-se dizer, e só se pode dizer—“que *tal se faça*”, “quando *isso se d’ga*”, etc. O mais é solecismo chapado.

Os discutidores impenitentes de tricas grammaticaes gostam immenso de se apegar a qualquer farrapo de texto ma’is ou menos classico, para as suas infindaveis subtilizas e complicações. Pois descubram, se forem capazes, um unico exemplo de *se o* em qualquer escriptor portuguez de quarta ordem, ou brasileiro de primeira classe. — Silvestre Silverio.

ACADEMIA BRASILEIRA

Dos 31 dias do mez de Maio, a Academia Brasileira commemora no seu calendario dose:

A 1, nasceram José de Alencar, Homem de Mello e Affonso Arinos, em, respectivamente, 1829, 1837 e 1868. O primeiro é o patrono da cadeira de Alfredo Pujol. Ao segundo succedeu Alberto Faria e, ao terceiro, succedeu Miguel Couto, nascido tambem nesta data.

A 3, morreu Adelino Fontoura, em 1884. Foi o patrono escolhido por Luiz Murat.

A 4, nasceu Luiz Murat, o poeta das *Ondas* e do immortal poema *Sara*.

A 12, morreu Evaristo da Ve’ga, em 1837. E’ o patrono que Ruy Barbosa es-

colheu, sendo porém, de notar que não se encontra na obra do genial bahiano nenhuma referência mais demorada ao jornalista carioca.

A 13, nasceu Raymundo Corrêa, em 1860. Pela primeira vez, depois de morto, os seus ossos terão nesta data o carinho da terra maternal.

A 14, em 1875 nasceu Santos Chocano, que substituiu Echegaray no quadro dos correspondentes.

A 16, nasceu Julio Dantas, em 1876. Foi o ultimo membro correspondente eleito pela Academia, tendo succedido a Sienkiewich.

A 17, morreu Valentim Magalhães, em 1903. Succederam-lhe Euclides da Cunha e Afranio Peixoto.

A 20, morreu Luiz Guimarães, em 1898, abrindo a primeira vaga da Academia. Succedeu-lhe João Ribeiro.

A 23, em 1906, morreu Ibsen, membro correspondente, substituído pelo Conde Monsaraz.

A 26, nasceu Arthur Jaceguay, em 1844. Successor de Teixeira de Mello, foi substituído por Goulart de Andrade.

A 28, morreu Francisco Octaviano, em 1889. E' o patrono da cadeira n.º 13, a cadeira fatidica, a qual já teve cinco occupantes, quando todas as outras têm tido um, dois ou tres occupantes no maximo.

A 30, em 1905, morreu Garcia Merou, escriptor argentino que foi um dos primeiros membros correspondentes da Academia. Succedeu-lhe o novelista uruguayo Javier de Vianna. — V.

* * Numa das sessões do mez passado, o sr. Afranio Peixoto proferiu algumas palavras sobre o Sr. John Casper Branner, membro correspondente da Academia desde 1913, onde succedeu ao Conde Monsaraz que por sua vez succedera a Henrique Ibsen, tendo sido proposto pelos Srs. Oliveira Lima, Salvador de Mendonça e Carlos Laet.

Disse, mais ou menos, o Sr. Afranio Peixoto:

"Apresento á casa o "Resumo de Geologia do Brasil", para acompanhar o mappa geologico do Brasil", sábia e inapreciavel obra do nosso confrade, correspondente desta Academia, Professor John Casper Branner, deão da Universidade Stanford, na California, America do

Norte. E' a summula de quasi um seculo de estudos, de sabios de procedencias diversas, que nos visitaram, de alguns nacionaes que entre nós cultivam estes difficeis estudos, nos quaes o concurso do autor, o mais numeroso — cerca de quarenta memorias valiosissimas — e o mais importante, excede o do mesmo Orville Adalbert Derby, o seu glorioso emulo e amigo, que este tanto estudou o Brasil, e o estremeceu, que até a nossa nacionalidade adoptou.

O sabio Branner é tambem brasileiro de eleição: varias vezes vis'tou o nosso paiz, desde a primeira, em 1874, em que aqui veio com Hartt e Agassiz, na missão ao Amazonas; mandado depois por Edison para estudar fibras que pudessem servir de filamento ás lampadas incandescentes; e tantas outras, por si: no Pará onde teve a febre amarella em 1880, e investigou as ilhas do delta amazonico; em Parnambuco, onde estudou não só a constituição vulcanica do Fernando de Noronha, como, principalmente e exhaustivamente, a cinta litoranea de arrecifes que afaga a nossa costa do nordeste; a Bahia, nas formações de sua Chapada Dimantina; Minas e suas jaz'das de ferro e manganez; S. Paulo, Rio Grande, Matto Grosso... emfim, tanto de todo o Brasil, não nas capitães, no convivio dos ministros ou das sociedades finas, que, na sua faina de geologo em communhão com a alma silenciosa é entretanto confidente da terra, conseguiu como que descobri-la de novo, scientificamente, geologicamente.

Aprendeu a nossa lingua, que falla e escreve com diligencia e correcção; escreveu mesmo uma volumosa grammatica, que se destina a revejar aos anglosaxonios as difficuldades do nosso idioma. Estudou os nossos costumes, interessa-se pela nossa vida e convive espiritualmente com os nossos homens de sciencia e de letras. Tão longe mesmo chegou ao amago de nossa nacionalidade, que sua digna consorte, Mrs. Branner, zeladora, como todas as mulheres, das virtudes conservadoras da raça e da patria, tem ciumes do Brasil, pelo scepticismo espiritual, indifferença politica, philosophica conformidade, que a frequencia e o trato de nossa terra e nossa gente, conferiram a seu illustre esposo.

Com effeito, John Casper Branner, que tem em seu paiz uma alta e independente situação scientifica e universitaria, ama o Brasil com desinteresse patriotico. Como os cavalheiros medievales, nos poderia perguntar, pelo verso do poeta: "Si je t'aime est-ce que cela te regarde?" ou, como S. Bernardo quer se ame a Deus, porque é digno de ser amado. Branner ama o Brasil simplesmente porque o Brasil é amavel. Por isso mesmo, não é permittido aos Brasileiros sejam ingratos a quem tanto, e com tamanha dedicacão, tem amado e servido á sua terra.



Este livro, que nos manda agora, a principio, e na edição americana, publicação da Geological Society of America, e vertido em portuguez para distribuição gratuita, começado em 1874, quando pela primeira vez vio o Brasil, e continuado até hoje, não resume só uma vida scientifica activissima que, quasi toda dedicada ao Brasil, deu ao seu autor a preeminencia numa das mais opulentas universidades americanas, — é, ao mesmo tempo, uma profissão de fé patriótica. Branner que sabe como o maravilhoso aproveitamento do solo e sub-solo americano, em petroleo, carvão, ferro, prata, ouro e tantas outras incalculaveis riquezas, foi preparado e antecedido pelos estudos geographicos, geologicos e mineralogicos escreveu, estas paginas de recapitulação, para advertir ao seu amado Brasil:

“Após uma vida dedicada principalmente ao estudo activo da geologia e á direcção de estudos geologicos, seria uma omissão do meu dever para com o Brasil, o não aproveitar a occasião para insistir junto aos estadistas brasileiros, sobre a grande necessidade de uma forte animação baseada no conhecimento scientifico da geologia por parte dos governos estadoaes, bem como do gonas outras materias, a sciencia mesma verno federal. Na geologia, tanto como tem de preceder a applicação da sciencia; e se o desenvolvimento dos recursos mineraes do paiz não for baseada ao conhecimento scientifico da geologia, inevitavelmente dahi resultarão perda de esforços, perda de dinheiro, e o atrazo do progresso nacional, inseparavel dos methodos fortuitos”.

Possam ouvi-lo, como devem, os homens de responsabilidade, e responsaveis pelo destino do Brasil, tão avisado sempre, como ainda hoje poderia repetir o nosso Padre Antonio Vieira, e sempre tão despercebido e desapercibido. Branner nos offerece, desinteressadamente, sua existencia gloriosa de sabio e seus conselhos commovidos de patriota.

A nós, seus confrades, e isto é honra nossa que tanto aqui o prezamos, não seria licito pasasse esta occasião, sem a festejarmos, a elle reconhecidos. Esta obra de sabio é tambem apreciada por nós outros leigos, apenas artistas. Nas academias a pintura e a estatuaría exhibem os primores do nú humano á nossa admiração, essa geologia não é a revelação magnifica da nudez prodigiosa de nossa natureza, um Brasil intimo e secreto, rico e prodigioso, assim melhor conhecido, e talvez mais amado?”

A Academia, applaudindo as palavras do orador, resolveu enviar ao mesmo correspondente os seus agradecimentos e louvores, por mais esta obra prestante á sciencia e ás letras nacionaes.

ASSIS BRASIL

Esteve em S. Paulo durante alguns dias, recebendo excepcionaes homenagens, entre as quaes um banquete offerecido pela Sociedade Rural e uma recepção na Faculdade de Direito, o illustre brasileiro dr. Assis Brasil.

Na Faculdade—onde fez os seus estudos de direito—o dr. Assis Brasil foi saudado por varios oradores, respondendo com um discurso assim resumido pela imprensa diaria:

Não vinha á Faculdade para fazer discurso, para devaneios rhetoricos. Já antes, e memo em cada uma de suas viagens a S. Paulo, viera fazer uma peregrinação á velha escola, a essas vetustas arcadas, de que sempre se recorda com saudade. Confessava-se agradecido ao mestre e ao alumno que o saudaram.

Hoje, vê a escola como no seu tempo. Os quarenta annos decorridos não eram nada. O tempo é uma coisa abstracta. A mocidade de hoje é a mesma de hontem. A de amanha será a mesma. A mocidade tem suas faltas, os seus pequenos erros, mas o que a caracteriza é o espirito. Quer que todos, moços e velhos, tenham sempre a mesma energia, o mesmo espirito. Pode garantir, quanto a si, que o decorrer dos annos não o mudou. Continuará sempre, até ao ultimo suspiro do seu corpo, da sua alma, a ter espirito, a ter energia, por que, só assim, se poderá honrar áquella Faculdade.

Continua o orador dizendo, que, ao sahir da escola, os moços começam a vida com as responsabilidades allí assumidas. Allí aprendem o direito, a justiça. O joven que o saudou lembrou bem a sua formula “Educação e riqueza”. Não ia — estivessem tranquillos — fazer uma dissertação sobre esse problema. Mas precisava dizer que não é sabio, nem educado, sómente quem muito lê. E’ precíapplicar o que se aprende. Allí mesmo—naquella escola—o que os moços estudam só tem valor quando bem applicado na vida. Por isso, entende que os estudantes, ao deixarem a Faculdade, devem praticar o direito e a justiça, obedecendo á linha recta, irradiando a sua acção bemfazeja, como se irradiá a luz. Só devem se considerar felizes, pelo bem que possam fazer ao proximo.

Reporta-se longamente á vida de estudante; e refere, pittorescamente, o que se dizia do estudante de direito no seu tempo, ha quarenta annos, e que deve ser mesmo hoje: no primeiro anno — o rapaz sonhava em ser o presidente do conselho de ministros; no segundo — já accitava o cargo de ministro; no terceiro — satisfazia-se com o de presidente de provincia; e, ao fim do curso, contentava-se com o de promotor publi-

co. Com isso procurava salientar a necessidade que tem os nossos moços de não cogitarem do "eu", mas sim da collectividade, dos grandes interesses da Patria. Essa sim, é grande e immortal.

Não queria dar conselhos. O conselho é quasi sempre um lugar-commum. Citou com chiste, casos de maus conselheiros: o bebado que, depois de uma noite de pesadelos de alcool, aconselha — "a que não bebam"; o mentiroso — "a que não mintam"... Queria, porém, em conversa com os seus jovens amigos, dizer-lhes algumas palavras. Quaesquer que sejam as ironias, contra os bachareis, os direiteiros, podiam os que o estavam ouvindo, se orgulhar do diploma que iam obter, e que é um titulo de merito ao contrario dos outros obtidos pelo favor ou pela condescendencia, de quem os confere. Analysou, em seguida, as difficuldades por que passa o estudante: a separação da familia, os exames, etc., para dizer que o diploma tão menosprezado pelos ignorantes ou invejosos, tem grande valia e deve ser o orgulho de todo aquelle que o souber honrar. E' preciso não só aproveitar, mas tambem saber honrar o titulo de bacharel.

Referiu-se longamente á injustiça feita aos bachareis em direito pelos membros de outras profissões. Dizem que o nosso paiz está arruinado pelo bacharelismo. Isso é injustiça, pois a verdade é que todas as profissões têm compartilhado essa responsabilidade. Tambem, o Brasil se não tem progredido a passos agigantados, não tem emperrado e, muito menos, retrogradado. Comparando os primeiros vagidos do infante, nascido á margem do Ipiranga, ha menos de um seculo, com o adulto que agora vae celebrar o primeiro centenario, conta-se um immenso progresso. E' preciso attentar para a nossa situação geographica. Essa muralha de basalto e granito, que se estende da bahia do Rio Grande — a serra do Mar — que os pioneiros da civilisação, os jesuitas, subiam, ás vezes, a quatro pés, como confessa em uma carta o padre Nobrega; essa barreira poz á prova a nossa capacidade. Ella foi vencida. Já a subimos a dois pés, para contemplar os esplendores do planalto, onde se radicou a grandeza nacional. O Brasil não terá progredido — não pregrediu — na media da nossa aspiração; mas já fez muito, contra vento e maré, e, comparado com o que era a menos de cem annos só pôde desconsolar os sombrios pessimistas.

O orador espera e confia que a mocidade, retemperada pelas aguas lustraes daquelle templo de ensino, não formará nessa cohorte negativa.

As ultimas palavras do sr. dr. Assis Brasil foram cobertas por prolongadas salvas de palmas.

MOVIMENTO EDITORIAL

Acabam de apparecer, editados pela empresa desta "Revista": "Scenas e paisagens de minha terra", versos, Cornelio Pires; "Paiz de Ouro e Esmeralda", romance, J. A. Nogueira; "O nome Brasil", F. Assis Cintra; "Vultos e livros", Arthur Motta (1.ª serie).

A empresa editora Olegario Ribeiro lançou este mez os primeiros numeros d'"A Novella Semanal", cujos fasciculos inserem varios contos escolhidos e um supplemento de escriptos diversos. Esta iniciativa representa evidentemente optimo serviço á divulgação dos nossos autores.

* * *Aceitamos com prazer todas as informações que nos queiram remetter os srs. editores de todo o Brasil sobre as publicações que forem fazendo.*

VIDA LITERARIA

Vão sendo admiravelmente bem recebidos os dois novos romances, editados ha pouco pela empreza desta "Revista": *Vida Ociosa*, de Godofredo Rangel, e *Paiz de Ouro e Esmeralda*, de J. A. Nogueira. Em outro lugar transcrevemos, pelo seu valor como critica de idéas, feita por um intellectual de merito, o que disse do ultimo desses livros o sr. Augusto de Lima.

Tambem se occupou desse romance, encom'asticamente, pelo jornal "Minas Geraes", o sr. Mario de Lima, que poz em relevo as suas diversas e notaveis qualidades.

Terminando, disse o sr. Mario de Lima:

"Reivindicuemos, com orgulho, para Minas, a gloria desse escriptor, que, editado em S. Paulo, é filho da terra mineira.

Como Godofredo Rangel, o romancista victorioso da "*Vida Ociosa*", J. A. Nogueira é bem nosso, um mineiro de nascimento e coração, que leva, com aquelle, ao renascimento literario de S. Paulo, tão precioso e significativo contingente de talento e cultura do nosso Estado."

Estas ultimas palavras eram muito dispensaveis. Falar em reivindicación, quando ninguem tentou negar ou obscurecer a origem do festejado romancista, é, evi-



dentemente, um pouco forte demais. Em vez de querer fazer reivindicações fora de proposito, o que o joven e brilhante escriptor podia muito bem era ter uma palavrinha amavel para com a empresa que vai quebrando os moldes rançosos da industria editora no Brasil e revelando individualidades de alto valor, vindas do Sul, do Norte, de Leste, de Oeste, do Centro... Ou será que esse esforço ainda merece censura? Quem sabe!

Como quer que seja, esta *Revista* que não de balde se intitula *do Brasil*, e que tem aberto suas paginas a todos os escriptores brasileiros de talento, felicita-se por vèr que os dois illustres romancistas, cujos meritos havia reconhecido e estimulado antes de ninguem, vão recebendo em Minas o mesmo entusiastico acolhimento que tiveram em S. Paulo.

"VULTOS E LIVROS"

O nosso prezado collaborador dr. Arthur Motta recebeu o seguinte officio da Academia Brasileira de Letras, a proposito do apparecimento do seu livro "Vultos e Livros", no qual publicou a biographia de varios membros daquella casa:

"Sr. dr. Arthur Motta — Cumprimtando ao illustre collega e amigo, tenho o prazer de communicar-lhe, na minha qualidade de 1.º secretario da Academia Brasileira de Letras, haver esta em sua ultima sessão, por proposta do sr. Afranio Peixoto, unanimemente approvada, resolvido que se officiasse ao autor dos "Vultos e Livros", agradecendo reconhecidamente o carinho e solicitude com que se occupa da instituição. O trabalho exhaustivo do escriptor, biographando com tanta minucia e perfeição os membros desta casa e aquelles que dão seus grandes nomes ás cadeiras que occupamos, causou em todos nós a mais legitima admiração, concretizada em vibrantes palavras do nosso citado confrade, as quaes, depois de acceptas pela assembléa o sr. presidente C. de Laet ainda se dignou de referendar com o seu applauso pessoal.

Desempenho-me, com grande satisfacção, da incumbencia que me cabe e asseguro ao sr. dr. Arthur Motta que aguardamos com o mais v'vo interesse, o apparecimento das outras partes da sua obra, valiosissimo documento para o historioc da Academia, cujo quarto de seculo que vae completar se póde orgulhecer de ter dado tomo a publicista de tanto merito. (a) — J. M. Goulart de Andrade, 1.º secretario."

UNIVERSIDADE FEMININA

Esteve em S. Paulo, em dias do corrente mez, o sr. Alberto de Oliveira, que fez, a pedido da Universidade Feminina, interesantissima conferencia sobre Olavo Bilac. O illustre poeta falou do eminente collega morto por uma forma carinhosa e commovida, como verdadeiro amigo e admirador sincero. Falou com a simplicidade eloquente das recordações amaveis, illuminadas pela saudade.

Não fez um estudo. Começando a falar, declarou logo que não faria ouvir um estudo de obra de Bilac: esse estudo estava feito por Amadeu Amaral, no seu discurso da Academia. Ia apenas recordar alguns factos da vida de Bilac, dos quaes guardava memoria, e fal-o-ia sem outra preparação que alguns ligeiros apontamentos.

Foi na livraria Alves — disse o conferencista — á rua de S. José, sendo Bilac muito moço, que travaram mutuo conhecimento os dois poetas. Nessa livraria formara-se um pequeno cenaculo de amigos, todos mais ou menos literatos, e ahi Bilac appareceu um dia, sendo recebido com a distincção merecida por seu talento, que tanto promettia.

Uma bella tarde, porém, o velho Alves entra na casa, dá com os jovens literatos em grande discussão, a tomarem chá com o gerente, e, aos gritos, prohibe a continuação daquella troça... O gerente, Fernando de Sá Vianna, retirou-se da casa com o sseus amigos escriptores. O cenaculo passou a reunir-se nas casas de seus proprios membros, como adergava.

Alberto de Oliveira desenrolou, então, ao sabor das suas recordações, uma longa serie de factos e anedotas interesantissimas. Mostrou como Bilac educou a sua bellissima voz, como se aperfeioou na declamação e na arte do verso, como conseguiu desenvolver a sua extraordinaria memoria.

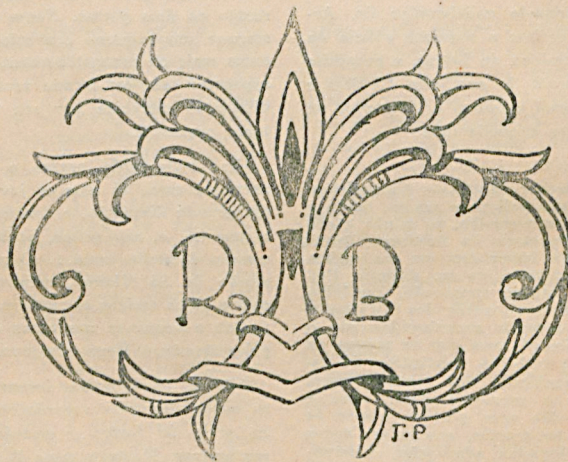
Todas estas demonstrações, elle as fez com grande copia de casos, que nem de longe foram ainda referidos por escripto e que accentuam magnificamente a linha continua da ascenção espirital e moral de Bilac, ascenção trabalhada, voluntaria, tenaz.

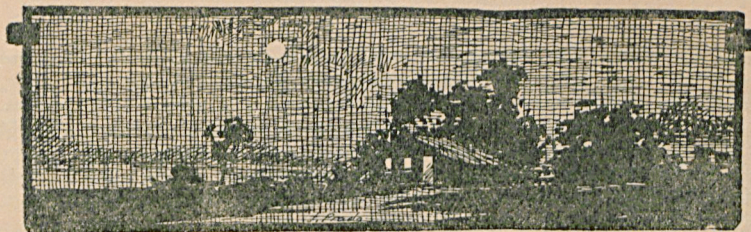
Com todos os esforços que fez para desenvolver a sua intelligencia e a sua memoria, Bilac chegou a realizar splendidamente, muitos annos depois, a façanha de escrever e decorar, de um dia para outro, a sua magnifica conferencia sobre Gonçalves Dias — conferencia para a qual havia sido convidado na vespera.

Quanto ás qualidades da sua voz e da sua declamação, o grande poeta ainda realisou um milagre, segundo o testemunho do conferencista, pois, ao iniciar a sua carreira, era um rapaz franzino, debil, com um fiozinho de voz e uma pronunciação viciosa.

O illustre conferencista prendeu, assim, a attenção dos ouvintes durante cerca de hora e meia, ora fazendo-os sorrir com narrativas graciosas, ora commovendo-os com as suas sentidas evocações.

Durante a palestra, o sr. Alberto de Oliveira recitou alguns versos de Bilac, tendo terminado com o soneto "Patria", em tórno do qual teceu bellissima peroração, que arrancou vibrantes palmas á assistencia. Tambem illustraram a conferencia, recitando versos de Bilac, a senhorita Lucia Pacheco Jordão e o sr. dr. Paulo Setubal, aos quaes o illustre conferencista fez rasgados elogios.





NOTAS DO EXTERIOR

UM PLEBISCITO LITERARIO

"Belles-Lettres", de Paris, fez um inquerito para saber quaes os escriptores francezes dignos de figurar numa Academia de Letras da França. Houve 2.752 votantes, que, segundo as intenções da revista, deviam ser escriptores. O resultado da votação foi o seguinte: Anatole France, 792 votos; condessa de Noailles, 784; Charles Maurras, 770; Colette, 763; Rosny Ainé, 755; Maurice Barrés, 713; Henri de Regnier, 712; G. Conteline, 675; Henry Bataille, 663; Pierre Loti, 655; Pierre Mille, 648; François de Curel, 626; Edmond Haraucourt, 604; Paul Fort, 600; Sebastien-Charles Lecomte, 581; Pierre Louys, 581; G. de Porto Rico, 575; C. Manclair, 574; Ernest Reynaud, 551; e depois, pela ordem de votação: E. Boutreux, André Beaunier, Henry Bidou, Sacha Guitry, R. Poincaré, Paul Sauday, Elémir Bourges, Francis Jammes, Abel Hermant, Charles H. Hirsch, R. Viviani, R. P. Janvier, J. de Gaultier, H. Duvernois, V. Emile Michelet, Séverine, Saint-Georges de Bonhélier, Stephane Lauzanne, Louis Lizarus e Georges Duhamel.

Como se vê, ha nesta lista tres mulheres — a condessa de Noailles, Colette e Séverine — e sete membros da Academia Franceza.

Em seguida a esses 40 vêm, na ordem da votação, os seguintes escriptores: M. Proust, L. Bertrand, Leon Daudet, P. Bourget, P. Valery, Lucie Delarne-Mardrus, F. Gregh, Rachilde, Bergson, Ernest-Charles, A. Capus, H. Barbusse, E. Bergerat, Pierre Benoit, os irmãos Tharand, Marcelle Tinayre, M. Magre, La Fouchardière, M. Donnay, R. Rolland, T. Bernard, R. Dorgelés, A. Gide, C. Farrère, M. Prévost, G. Travieux, R. de Fleurs, Louis Barthou, Jean Richepin, J. de Bonnefon, Han Ryner, Jacques Bainville, M. du Plessys, A. Dorchain, G. d'Ouille.

AUTOGRAPHOS DE BAUDELAIRE

Acabam de apparecer alguns autographos de Baudelaire. Por um delles, carta datada de 1864 e enviada ao editor M. Levy, de Paris, se verifica o extremo cuidado que punha o poeta das "Flores do Mal" em ultimar os seus trabalhos, revendo muitas vezes as provas typographicas e sujeitando-se a sacrificios, a bem da pureza e fidelidade dos seus textos. Pedindo novas provas, escreve de Bruxellas:

"Se a primeira folha está impressa, não mais que pelas palavras a repetir em dois ou tres logares peço que se recomece *tudo*. Não tenho dinheiro hoje. Voltarei munido a Paris e, ainda que não o tenha, sei que encontrarei, á minha chegada, o bastante para pagar a composição, o papel e a tiragem dessa primeira folha. Não me podeis



recusar isso. Sabeis, meu caro, que só tenho vaidade de uma unica virtude: o amor ao meu mister. Não me deshonreis e não me priveis das segundas provas..."

Outra carta, inédita como a primeira e datada de 13 de Junho de 1857, contém a lista das 29 pessoas ás quaes Baudelaire endereçava os primeiros exemplares das "Flores do mal". Está em primeiro logar Th. Gautier, com esta menção: "O primeiro a servir-se com o mais bello exemplar." Outros são destinados a Sainte Beuve, Barbey d'Aureville, Hugo, Leconte de Lisle, Asselineau, Quincey, Tennyson, Longfellow e a escriptores menos notaveis.

A PROPOSITO DO BELLO

De uma chronica do "Temps":

Nada mais simples, parece, que o riso, que é "proprio do homem", como affirma Rabelais. Mas, experimentar definir-lhe a natureza e explicar-lhe as causas. O problema se furta á analyse, escorrega de alguma forma entre os dedos do psychologo que vanmente ensaia apprehendel-o. E' um impertinente desafio lançado á especulação philosophica, disse Henri Bergon, que, entretanto, em um maravilhoso livrinho, ergueu a luva, volvendo e revolvendo, acercando-se mais e mais da solução do enigma, fazendo-o reverberar todas as facetas, agindo não por ataques directos, mas por movimentos envolventes e acabando, graças ao fio conductor de uma theoria extremamente engenhosa, por enfeixar todos os differentes aspectos do comico.

Assim, quando alguém fala da belleza de uma paisagem ou de uma obra de arte, sente-se perfeitamente o que se enuncia. Mas o sentimento esthetico, logo ao cair em mãos do philosopho, se torna, incontinentemente, uma fonte inexgotavel de discussões, de dissertações e de theorias. O sr. Gramont-Lespane, em uma obra recente — "Ensaio sobre o sentimento esthetico" — enumera todas essas theses, que espantam pelo numero. Explicação moral ou mystica, segundo a qual o bello é identico ao bom; sentimental e vitalista, muito em moda hoje, sobretudo na Allemanha, onde é conhecida sob o nome de *Einfaeklung*; theoria positiva ou "hedomista", para a qual a arte é uma diversão, possuindo o prazer, qualquer que seja, um caracter esthetico; intellectualista e espiritalista, que dá á intelligencia o logar predominante no sentimento da belleza...

E as definições do bello? Lespane cita as mais conhecidas, que enchem cinco ou seis paginas do livro. Infelizmente, depois de todas lidas, não adiantamos nada no assumpto.

Como naquella scena do "Intermezzo", de Heine, em que, á mesa do chá, toda uma sociedade, cavalheiros preocupados com a esthetica e damas de sentimentos delicados dissertam sobre o amor, emquanto — unica que diria coisas interessantes — a amante do poeta não diz nada, assim tambem, quem melhor que os artistas nos poderia falar de arte? Sómente, os artistas, em geral, não cuidam disso. O melhor livro sobre a pintura foi escripto, não obstante, por um pintor, Fromentin. Se se quer ler magnificas dissertações sobre a belleza, dissertações animadas, encontral-as-emos nas conversações de Rodin, referidas por Paul Gsell. Nunca se falou de obra-prima, a *Marseillaise*, de Rude, *Embarquement pour Cythère*, de Watteau, com tanta precisão, competencia e amor. O commentario de Watteau, notadamente, toca ao sublime.

Rodin, ahí, faz pensar em Socrates nos dialogos de Platão.

A ARISTOCRACIA RUSSA EM PARIS

Vivem actualmente, em Paris — escreve no *Temps*, Georges do Montorgueil — mais de 30.000 russos, dos quaes, a maior parte pertence á aristocracia do antigo imperio. A sua existencia apresenta grandes analogias com a dos emigrados francezes de 1791, bem que a distancia entre os dois grandes acontecimentos seja maior que a de Paris a Moscow. Assim como outróra se viu a condessa de Tessé, filha do marechal de Noail-

les, viver, com sua familia, do producto de algumas vaccas; ou a duqueza de Lorge bordar camisas; um Mailly fazer-se typographo;; um Wasse, tintureiro; um conde de Courmaille, encadernador; uma Beaumont modista; e um conde Gimel distillador; — vêem-se agora fazer o mesmo os principes, duques e generacs russos.

São ás centenas aquelles, dos quaes os echos mundanos outróra clamavam os nomes e que hoje vivem do seu trabalho, desenvolvendo aptidões que absolutamente não conheciam em si. Quando pensaria um conde Ignatief em installar-se numa chacara para vender leite? E quando imaginaria que os empregados, operarios e creados de tal propriedades seriam todos boa gente da sua igualha, desde ao que cuidam da cavallariça até os que mungem as vaccas?

Tolstoi praticava o seu apostolado, cosendo elle proprio as suas botinas. Hoje, na Russia, não são raros os antigos senhores que vivem de engraxar as alheias.

Mas, em Paris ainda não foram vistos em misteres tão servis, não é raro tomar-se um taxi, cujo "chauffeur", em vez do traço que lhe é proprio, envergava, ainda ha annos, o seu bello uniforme de general. Um coronel, "sportsman" celebre, que, em concursos hippicos, ganhára como premio objectos e joias, que salvou como os seus bens mais privados, vendeu-os, apurando 50.000 francos. Sem se lembrar de imitar aquelle seu compatriota que, tambem emigrado, escrevia a um amigo que, tendo ainda 800.000 francos para dois mezes de vida aprazivel, depois de viver-os, quando sem recursos, fazia saltar os miolos — tomara uma resolução mais sabia: com os 50.000 francos comprou um automovel, associou-se com um official emigrado e formou uma pequena empresa de transportes.

Uma parte dessa sociedade, tão brilhante hontem, recorrendo a expedientes de grande estylo, descuidosa e fatalista, prolonga a sua festa, de que ainda sente o atordoamento.

Para se fazer ideia dessas quédas materiaes e da grandeza moral que as magnífica, é preciso visitar a officina em que 350 mulheres russas, na maioria nobres, trabalham para viver, sob os auspicios das condessas Bobrinsky, que tiveram a ideia de as congregar assim. E' uma officina de costuras. A' entrada, um antigo cavalleiro da guarda imperial e um companheiro de não inferior qualidade ajustam as peças de um lenço que será bordado a côres e cortam outras peças.

A esposa de um ajudante de campo do imperador nunca pegára numa agulha. Hoje ella diz sorrindo: "Já tenho uma profissão!" A condessa sua irmã trabalha oito horas por dia, fazendo "tricot". A mulher de alguém que foi varias vezes ministro de Alexandre III e Nicolau II ganha o seu salario na secção de roupas brancas. Conhecida senhora, cujo pae foi ministro do palacio do imperador, está descalça e tem o vestido em farrapos. Outra, que educou quatro filhos, hoje mortos, aproveita suas habilidades pedagogicas como professora num collegio. Um almirante e a mulher, os quaes não são moços, trabalham juntos, elle fazendo caixas de papelão, e ella cosendo blusas. Uma princeza abriu em Versalhes uma casa de objectos para "toilette". Emfim a mulher de conhecido academico, a de um coronel, a de um senador, a princeza K., a princeza L., além de outras senhoras altamente qualificadas, trabalham desassombradamente para viver.

Dentre os emigrados russos ninguem, em Paris, já deu parte ao escandalo.

OS JAPONEZES NA CALIFORNIA

O sentimento anti-japonez na California se tornou tão intenso que graves conflictos são de se temerem se os cidadãos intelligentes da America do Norte e do Japão não unirem seus esforços para que cheguem a uma solução conciliatoria.

Os "jongoes" propagaram por toda parte o alarme de que os japonezes tinham a intenção de invadir a costa americana do Pacifico e que, só por esse motivo, grande numero de emigrados nippões residem na California. Ora, isso é absolutamente falso e o governo federal poderia tornar clara a situação dos japonezes naquelle Estado, afim de destruir tão absurdos boatos.

O Japão se voltará para a Federação Americana, pedindo ajuda e assistência. O que pretende é que os cidadãos da grande nação asiática, que se encontram na California, em numero de 70.000, sejam tratados da mesma maneira que os inglezes, os allemães, os judeus, os mexicanos ou os turcos.

Os japonezes da California contribuíram poderosamente para o desenvolvimento do paiz converteram os deltas pantanosos do Sacramento em um solo fértil em que vivem batatas e aspargos celebres, assim como transformaram os desertos arenosos de Fresno e Livingston em ricas vinhas.

Durante a guerra, attendendo ao appello da causa do paiz, combateram nos campos de Chateau-Tierry e Cambrai. Entretanto, propoz-se uma medida que transformará os japonezes da California em verdadeiros escravos.

O VÔO SEM AZAS

Realizam-se dentro em alguns dias na Hespanha as primeiras experiencias do vôo do helicoptero Pescara, com o qual, sob a direcção da aeronautica franceza, já se fizeram ensaios technicos satisfatorios. Outros estudos praticos foram tentados pelo francez Damblanc, com um helicoptero e por Etienne Oehmichen, que a 15 e 18 de janeiro e 5 de fevereiro ultimos, conseguiu executar vôos de uma duração media de trinta segundos a um minuto, erguendo-se a uma altura de 0,^m50 a 3 metros.

Afirmou-se que Etienne Oehmichen era o primeiro francez que conseguira fazer erguer-se um helicoptero. Edmond Douheret, inventor dum helicoptero, para o qual tirou um "brevet" no começo da guerra, reivindica, entretanto a honra de ter feito com o aparelho sem azas a primeira experiencia official, em 27 de maio de 1920. Diante de officiaes francezes, pertencentes á direcção dos serviços technicos da aeronautica, Douheret effectuou um vôo de 0,^m60 com o aparelho a que chama helicoptero.

Douheret é um trabalhador tenaz que ganha a sua vida como representante de productos chimicos. Aos domingos e durante as noites, cuida do seu invento.

Antes da prova official referida, Douheret já vôara com o helicoptero a 23 de dezembro de 1918, em Saint Cyr, bem como em janeiro e abril do anno passado.

NOSSO CORPO IMMORTAL

O sr. Gaston Danville deu no "Mercure de France" um interessante artigo sobre "a immortalidade do nosso corpo".

Começa o autor observando que nós não possuímos o instincto da morte natural. Por outras palavras: nós não desejamos sahir da vida assim como quem se levanta da mesa, após uma boa refeição; não pedimos a morte como um somno repousante depois de um dia de fadiga. Dahi, essas impressões de desgraça, de castigo imerecido, de tristeza, de terror que quasi sempre sentimos quando desaparece um ser humano, apesar da experiencia multiseccular nos ensinar que é esse o fim da vida de todos nós. Essa dolorosa surpresa, constantemente nova, não constituiria, como perguntou o sr. Jean Finot, um testemunho da nossa aspiração inconsciente á immortalidade?

Em seguida, o autor mostra que nem por terem sido já numerosos e até agora infrutiferos os estudos em torno do problema da velhice e da morte, este deve ser considerado insolúvel. Esse insuccesso resulta de causas que importa descobrir. Assim, por exemplo, todos quantos se têm preocupado com o assumpto, em vez de ir do simples para o complexo, observando primeiro as condições da duração da vida nos seres organizados rudimentares, têm preferido o methodo inverso, e atacaram a questão procurando discenir as causas da velhice e da morte no homem. O sr. Danville cita ainda outras causas que impediram os nossos predecessores de conseguir um remedio garantido contra a velhice, — e trata depois da theoria de Weiss-



mann sobre a vida. E' sabido que Weissmann não admite a immortalidade da materia viva senão para uma parte de nós mesmos. Todo sêr vivo seria composto de um "germen" immortal, e do envolucro, "soma", perecível. Em sua origem, a materia viva não perece: divide-se. Os protozoarios, não desaparecem senão para renascer, de forma que uma ameba attingindo certo desenvolvimento, se separa em duas, engendrando duas novas amebas que recomeçarão a mesma operação, e assim por diante. Dahi deduziu Weissmann que os compostos cellulares mais diferenciados, entre os quaes elle classificava o homem, geravam um "germem", analogo aos protozoarios primitivos, depositario do privilegio desta immortalidade que persiste através das gerações, e o "soma" suporte do "germem", e só elle perecendo a cada geração. Um scientista. Maupas, verificou, com experiencias sobre a multiplicação dos infusorios ciliados, que, após um numero, variavel segundo as especies, de gerações por scissiparidade ou desdobraimento, os ultimos apparecidos apresentavam symptomas de senectude, e para não morrerem, para se rejuvenescerem, eram obrigados a unir-se — operação inversa da precedente. No primeiro caso, uma ameba se separa e forma duas amebas; no segundo, duas amebas senis se conjugam e não formam mais do que uma. Mas pelas experiencias feitas por Loeb nos Estados Unidos e por Metalnikoff, na Russia, se vê que, ou se trata de um grupo de cellulas diferenciadas, ou de um protozoario, a materia viva se comporta "identicamente" em ambos os casos: ella "morre" ou "não morre", segundo "as condições do meio" em que se acha collocada, e não, como o suppunha Weissmann, segundo o seu grau de differenciação, nem como Maupas deduzira de experiencias incompletas, "após varias gerações" que esgotam a vitalidade primitiva dos protozoarios. A immortalidade não deve, pois, ser considerada á maneira de um privilegio concedido ao "germen" e transmissivel somente por elle, de gerações em gerações. Esse privilegio se estende a toda a materia viva que nos compõe — mas sob certas condições. Sabe-se, com effeito, que um enxerto de fragmento de tecido ou do orgam morre muito rapidamente, se o deixam depois no logar. Ora, Loeb durante as experiencias a que nos referimos, chegou a conservar "indefinidamente" a vida do enxerto, mudando-o "indefinidamente" de meio. *A duração da vida seria pois unicamente condicionada pelo renovamento do meio vital.* Este facto é confirmado pelas experiencias de Metalnikoff, effectuadas de 1917 a 1919. Esse scientista poude verificar que, contrariamente ás conclusões de Maupas, não ha nem senectude acarretando a conjugação, nem morte dos protozoarios, se se tem a precaução de collocar as amebas num meio incessantemente renovado. E, enquanto Maupas constatou após 315 gerações, os signaes de decadencia, Metalnikoff obteve 3.000 gerações sem traço de envelhecimento. Assim, a morte não é mais a sorte inelutavel de toda a materia viva. Ao contrario, o que parece é que a materia "organizada", se torna por isso mesmo immortal, e que é o meio em que ella vive que se esgota, e não ella. Vejamos agora como se poderia obter uma modificação do meio vital de maneira a renovar-o e, consequentemente, uma prolongação quasi indefinida da vida, num sêr vivo.

Em certos "rotíferos", pertencentes á classe dos vermes, e em certos "acarianos", ha um curioso phenomeno, estado intermediario entre a vida e a morte. Esses animaes, vivendo em aguas estagnadas, quando esta se evapora, soffrem uma dessecção, e enquanto perdura a sua dessecção, elles ficam em estado de "morte apparente", visto como não realisam nenhuma função vital — bastando, entretanto, uma só gota de agua para lhes permittir que revivam. Que modificações pode produzir na evolução ulterior do animal este estado de dessecção, essa suspensão prolongada entre a vida e a morte? Nada sabemos, por enquanto. Todavia, é certo que a duração da dessecção traz, "mathematicamente", se se pode dizer, uma prolongação correspondente e rigorosamente igual da duração da vida. E' isso que, no "Homem de orelha quebrada" forma o thema sobre o qual se exerceu a brilhante fantasia de Edmundo About: um official francez, feito prisioneiro na epoca das guerras do primeiro imperio, é dessecado por um sabio allemão. Nesse estado o encontram e o despertam, sob Napoleão III. Naturalmente, o heroe não envelheceu, e assim ganhou 50 annos de vida.



Ha um equivalente da dessecação dos rotíferos, trazendo, também elle, a suspensão da vida sem provocar a morte: é a congelação fazendo passar os diversos liquidos do organismo ao estado solido. Essas experiencias de congelação são muito conhecidas, sobretudo no que concerne aos insectos e aos peixes.

Bakhmetieff verificou que não se podia abaixar indefinidamente a temperatura do animal, mas que ha um ponto, chamado lethal ou mortal, que não se poderia ultrapassar sem causar a morte, ponto esse que é variavel segundo as especies. Esse estado de vida latente e de morte aparente, a que se deu o nome de "anabiose", se acha entre o ponto de congelação e o ponto lethal. E' analogo ao estado de dessecação dos rotíferos: o animal retoma as suas funcções vitaes desde que não é mais dessecado ou congelado. O autor refere interessantes experiencias feitas por Bakhmetieff sobre varios animaes, principalmente sobre os morcegos, graças ás quaes esse scientista descobriu a anabiose dos mamíferos. E, depois de perguntar se não se poderia applicar a anabiose ao homem para realisar, ao menos em parte, os sonhos fantasticos dos utopistas sobre a prolongação da vida, o autor refere que Loeb registou, nas suas experiencias sobre as larvas de ursinos, para um abaixamento da sua temperatura de 10 graus, uma prolongação de mil vezes a duração da sua vida!

Muitos de nós, diz elle, haviamos de querer uma prolongação da vida assim. Que mulher não quereria envelhecer um anno só, em cada dez seculos?

O artigo do sr. Gaston Danville, no "Mercure de France", é assim muito interessante não só pelas suas conclusões, como pelos dados e experiencias que refere.

OS SAINT-AULAIRE

O novo embaixador da França em Londres, o sr. de Saint-Aulaire conta entre seus antepassados dois que pertenceram á Academia Franceza.

Um delles, o marquez de Saint Aulaire justificou tão longamente como Fontenelle o seu titulo de immortal, vivendo durante cem annos.

O marquez cultivava com espirito o madrigal e o epigramma. A proposito, conta-se que, perguntando-lhe a duqueza de Maine o que pensava dos philosophos do seu tempo, respondeu elle:

Ma bergère, moquons-nous
De Newton, de Descartes;
Ces deux espèces de fous
N'ont jamais vu le dessous
Des cartes.

TRANSMISSÃO EXPERIMENTAL DA FEBRE AMARELLA

Um dos ultimos numeros do "The Journal" traz um trabalho do Dr. Perez Grovas, contribuição ao estudo da febre amarella, confirmando e desenvolvendo as descobertas de Noguchi.

Por meio de injeções intra-peritoneaes de sangue proveniente de amarillicos, no segundo e terceiro dia de doença — 1 a 3 c.c. conseguiu reproduzir a febre amarella em cobayas. Posteriormente, afim de facilitar a injeção, escolhia pequenos animaes e os submettia previamente a um regimem de desnutrição. As manifestações da doença nas cobayas são identicas ás verificadas no homem: febre, ictericia, hemorragias, desordens urinarias; degeneração no figado e nos rins, etc.

Obtida varias vezes a doença experimental, procurou o Dr. Grovas fazer a transmissão em série, em cobayas, o que fez com pleno successo. Resultado igualmente feliz teve o A. com a infecção por meio da cultura do *Leptospira icteroides*, injectada no peritoneo na dose de 0,25 c.c.

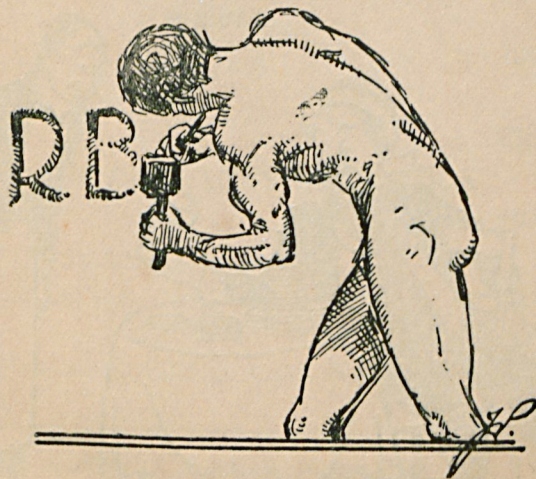
Resume o Dr. Grovas o seu trabalho nas seguintes conclusões:

Foi a febre amarella transmittida experimentalmente á cobaya, injectando-se no peritoneo sangue de amarillicos, retirado no terceiro e quarto dia de doença. Obtiveram-se culturas puras de *Leptospira icteroides* com sangue, quer proveniente de doentes de febre amarella quer de cobayas infectadas experimentalmente, empregando-se o meio de cultura e a technica de Noguchi. O microbio isolado em Veracruz apresenta as mesmas propriedades do isolado por Noguchi em Guayaquil.

A doença experimental foi transmittida em serie indefinidamente, por meio de innoculações. A passagem do *Leptospira* atravez da cobaya augmenta-lhe a virulencia para esse animal, encurtando-se muito o periodo de incubação e duração da doença.

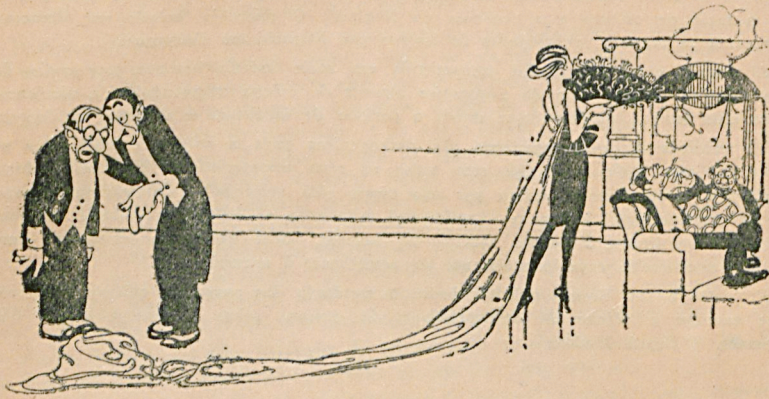
As culturas do microorganismo são pathogenicas para a cobaya e com ellas se consegue reproduzir a doença com todos os seus caracteristicos. Nenhuma cobaya conseguiu restabelecer-se, talvez por não terem sido empregadas culturas sufficientemente envelhecidas. A doença experimental provocada na cobaya é analogá, em seus symptomas e lesões, á doença natural do homem. Mui raramente se observa uma doença reproduzida experimentalmente tão semelhante á natural.

Promette o Dr. Grovas publicar breve o resultado das pesquisas subsequentes, em que estudou o effeito da desnutrição e do cansaço sobre a susceptibilidade dos animaes. ("Brasil Medico")



CARICATURAS DO MEZ

IN CAUDA VENENUM



— Só aqui, neste pedaço, estão duzentos e cinquenta mil réis.

J. CARLOS (*D. Quirote*).



— Oh!... Oh!... O garçon! Traga mais um chop e chame um auto-movel...

— A ambulância?

BELMONTE (*Vida Paulista*).

LIVROS A' VENDA
NA
REVISTA DO BRASIL

DE MARIO SETTE:

SENHORA DO ENGENHO

Romance de successo, 2.^a edição. Exemplar broc. 4\$000

ROSAS E ESPINHOS

Finos contos. Exemplar broc. 4\$000

AO CLARÃO DOS OBUZES

Contos de successo. Exemplar broc. 4\$000

DE CANTO E MELLO:

RELIQUIAS DA MEMORIA

Romance de successo, 2.^a edição. Exemplar broc. 4\$000

ALMA EM DELIRIO

Interessante romance, 2.^a edição. Exemplar broc. 4\$000

BUCOLICA

Poemeto 1\$000

DE AMADEU AMARAL:

DISCURSO 2\$000

DA SOCIEDADE DE CULTURA ARTISTICA:

CONFERENCIAS 4\$000

DE MARTIM FRANCISCO:

NO JURY DE ARARAS. 2\$000

RINDO 3\$000

DA SOCIEDADE EUGENICA DE S. PAULO:

ANNAES 8\$000

A SCIENCIA NO LAR MODERNO

D. EULALIA VAZ.

Nova collecção de receitas de doces, iguarias, petiscos e tudo o que diz respeito á arte culinaria. Receitas provadas pela autora.

Livro util e necessario ás boas donas de casas.

QUINTA EDIÇÃO

Melhorada e ampliada. — Preço: 5\$500 o exemplar

DESCONTO AOS REVENDEDORES



MUSICA

POR SIMPLES CURIOSIDADE

Venha ouvir alguns trechos de suas musicas mais favoritas no
nosso salão de Grafonolas, installado no 2.º andar. Accessivel por
um confortavel elevador e longe de qualquer barulho



Esta audição lhe dará idéa exacta do ponto a que chegou a
perfeição dos nossos instrumentos musicaes e lhe dará tambem
opportuniidade de visitar as diversas secções das

Galerias Edison

Rua D de Novembro, 55 S. Paulo Gustavo Figner

A maior casa existente no rBasil em artigos para presentes —
Cinco andares repletos das ultimas novidades, servidos por con-
fortavel elevador e Telephone em todas as secções

Rua 15 de Novembro, 55 :: S. PAULO
-- GUSTAVO FIGNER --

MADAME POMMERY

O romance sensacional do anno. O leitor poderá avaliar das excellencias deste livro lendo o frontespicio que aqui transcrevemos:

Madame Pommery

Chronica muito veridica e memoria philosophica de sua vida.

Feitos e gestos mais notaveis nesta cidade de São Paulo.

Com um perfunctorio esboço biographico, em que pela primeira vez se registram as lendas e anedotas mais abonadas sobre o nascimento, infancia e educação da mesma conspicua senhora: baseada em documentos ineditos, memorias proprias e no testemunho respeitavel de varias pessoas abalisadas que mais se avantajaram no seu trato e intimidade; obra necessaria ao perfeito entendimento de muitos factos particulares, assim politicos, como sociaes, que resultariam sem ella de impenetravel obscuridade para o futuro historiador; e, porisso, dedicada ao Instituto Historico e Geographico, a Academia Paulista de Letras, a Sociedade Eugénica e mais Associações pensantes de São Paulo.

Composta por

HILARIO TACITO

(Natural da Botucundia)

em

1919

Preço 4\$000

Franco de porte

Pedidos á Caixa 2 B — “Revista do Brasil”



**BANCO DA PROVINCIA DO RIO GRANDE
DO SUL**

FUNDADO EM 1858

CAPITAL 40.000:000\$000 — FUNDO DE RESERVA 20.000:000\$000
*Séde: Porto Alegre — Filiaes e agencias nas principaes praças do Estado —
Correspondentes no Brasil e estrangeiro. — Filial no Rio de Janeiro.*

O Banco empresta dinheiro em conta corrente e promissorias, desconta saques, recebe dinheiro em deposito, pagando varias taxas, conforme as condições preferidas pelo depositante, fornece carta de credito para o Brasil e estrangeiro e faz todas as operações bancarias.

SECÇÃO DE COFRES FORTES — Em sua casa forte tem, á disposição do publico, mediante modica contribuição, cofres para alugar, destinados a guarda de joias, documentos e valores.

CAIXA DE DEPOSITOS POPULARES — Esta secção, a primeira e mais antiga do seu genero no Brasil, recebe dinheiro em deposito, desde 20\$000 até 5:000\$000 abonando juros, capitalizados semestralmente, sendo permittidas retiradas até 1:000\$000 por semana sem prévio aviso.

PORTO ALEGRE

Rua Uruguay N.º 5, esquina da rua 7 de Setembro

Livraria Drummond Livros Escolares, de Direito, Medicina, Engenharia, Litteratura-Revistas-Mappas-Material Escolar.

ED. DRUMMOND & CIA.

RUA DO OUVIDOR, 76 — TELEPHONE, NORTE 5667 — Endereço Telegr.:
"LIVROMOND". — CAIXA POSTAL, 785. RIO DE JANEIRO. —

**ACABA DE APPARECER
SENHORA DE ENGENHO**

Romance de costumes pernambucanos

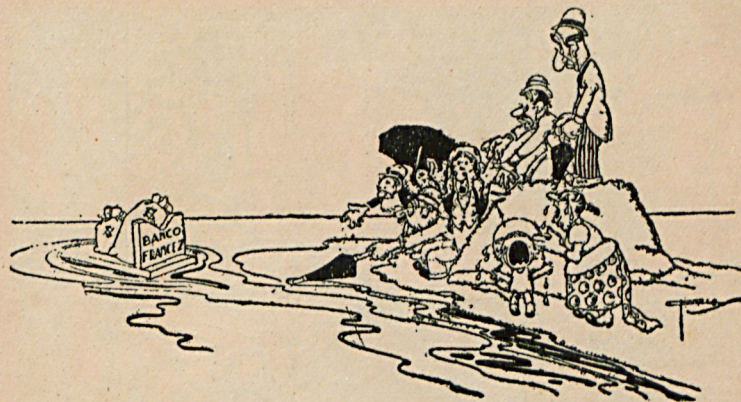
POR MARIO SETTE

A' VENDA NA "REVISTA DO BRASIL",

PREÇO 4\$000 O VOLUME



POR AGUA ABAIXO



A conta corrente...

J. CARLOS (*D. Quixote*).

SCENAS E FIGURAS DA REPUBLICA ESCOLAR

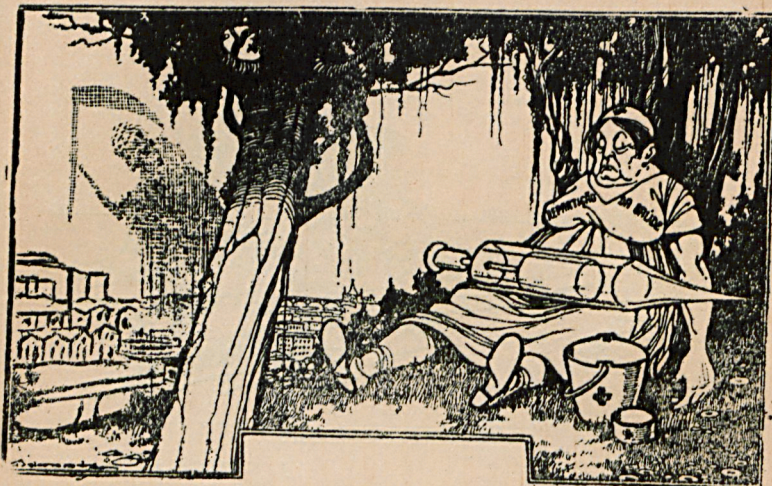


A verba secreta



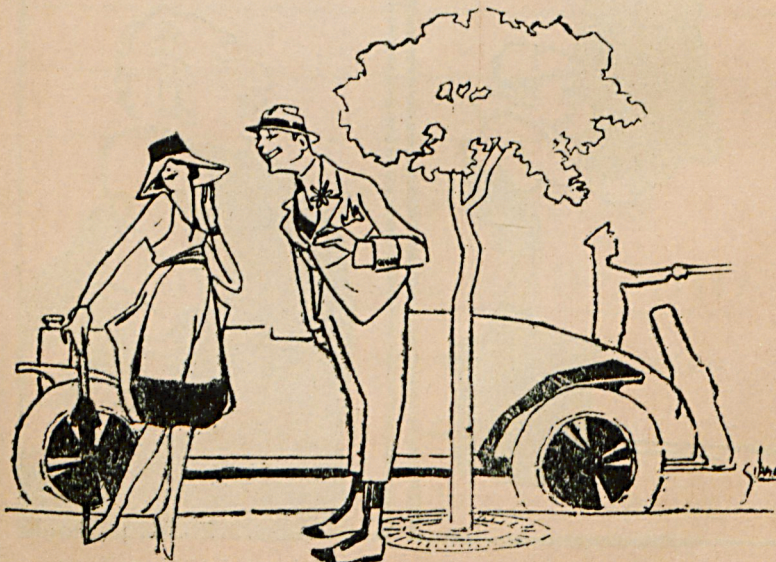
O busto do 1.º presidente
VOLTOLINO (*Vida Paulista*).

D. PAULO EM S. QUIXOTE



“A bella adormecida do bosque”
BELMONTE (D. Quixote).

NACIONALISMO... EM TERMOS



— Sim, Suzette, eu sou jacobino, mas tenho o coração cosmopolita...
SILVIO (D. Quixote).

A NOVELLA NACIONAL

A NOVELLA NACIONAL é uma série de pequenos livros, nos quaes se mira ao seguinte escopo: offerecer a melhor literatura, sob a apresentação mais artistica, ao preço mais barato possível. Os objectivos desta publicação, de que é director o sr. Amadeu Amaral (da Academia Brasileira), podem, assim, condensar-se no lemma — **LIVRO BOM E BONITO AO ALCANCE DE TODOS.**

Apparece approximadamente um volume por mez, com cerca de 80 paginas, no formato 16 ½ X 12 ½ centímetros, impresso em magnifico papel e illustrado com numerosas e artisticas gravuras, contendo uma obra completa de auctor conhecido.

Já estão á venda os primeiros volumes:

A PULSEIRA DE FERRO por AMADEU AMARAL, o successor de Olavo Bilac, na Academia Brasileira.

"E" no genero uma verdadeira obra prima" — disse desta novella o grande poeta Alberto de Oliveira.

OS NEGROS por MONTEIRO LOBATO, o celebre creador de Jeca Tatu.

Estão no prélo mais dois volumes:

RITINHA por LEO VAZ, o festejado auctor do "Professor Jeremias", romance que obteve o maior successo literario da actualidade alcançando tres edições em pouco mezes.

MULA SEM CABEÇA por GUSTAVO BARROSO, o famoso escriptor cearense, autor da "Terra do Sol", Heroes e Bandidos" e outras joias literarias já sobejamente conhecidas e apreciadas.

A seguir novellas de COELHO NETTO, AFRANIO PEIXOTO, VALDOMIRO SILVEIRA, CORNELIO PIRES e outros.

Cada volume, 1\$000 em todas as livrarias. Pelo correlo, registrado 1\$300.

Assignaturas com direito a receber todos os volumes registrados:

Série de 3 novellas . . .	3\$500
" " 6 " . . .	7\$000
" " 12 " . . .	14\$000

Pedidos á **SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO**, Rua Direita, 27 (2.º andar) - Caixa postal, 1172 - S. PAULO

BREVEMENTE

A NOVELLA SEMANAL

O MAIS ARROJADO EMPREHENDIMENTO EDITORIAL DA ACTUALIDADE

Revista de contos e novellas dos melhores escriptores nacionaes, antigos e modernos. Cada numero conterá materia equivalente á quarte parte de um livro de 250 paginas em formato francez, commum, e será acompanhado de um interessante supplemento no qual serão publicadas curiosidades literarias, vida anecdotica e pitoresca dos grandes escriptores e poetas brasileiros, movimento bibliographico, paginas esquecidas dos grandes vultos da literatura nacional, obras primas da poesia brasileira, noticia critica dos livros novos.

A NOVELLA SEMANAL se propõe a vulgarisar a melhor literatura, divulgando a obra dos grandes escriptores e poetas nacionaes, encorajando os novos e despertando o gosto do publico pela leitura. Offerecerá excepcional interesse aos homens de letras e ás pessoas cultas, tanto quanto ás de meridiana cultura. Pela escriptura escolhida da materia se destina a leitura predilecta da familia brasileira.

A NOVELLA SEMANAL vem resolver no Brasil o problema do livro popular, do livro barattissimo. Cada numero será vendido ao preço excepcional de **400 réis**, constituindo um verdadeiro livro, pela extensão, variedade e interesse da materia. **APPARECERA! TODAS AS QUINTAS-FEIRAS.**

Assignaturas

Sendo os exemplares remetidos como correspondencia simples	
Trimestre	5\$000
Semestre	10\$000
Anno	20\$000
Numero avulso	\$400

Sendo todos os exemplares remetidos sob registro	
Trimestre	8\$500
Semestre	17\$000
Anno	34\$000
Numero avulso	\$700

Pagamento adeantado. Todas as pessoas que angariarem tres assignaturas terão direito a uma assignatura gratuita.

Pedidos desde já á

SOC. EDITORA OLEGARIO RIBEIRO — Rua Direita, 27 (2.º andar) — Caixa, 1172 — S. PAULO.

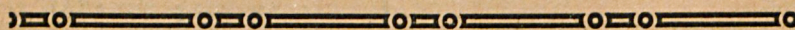
LOTERIA DE S. PAULO

Em 28 de Junho

200:000\$000

Por 9\$000

OS BILHETES ESTÃO A' VENDA EM
TODA A PARTE



OS FUMANTES DE BCM GOSTO PREFEREM OS SABOROSOS

CIGARROS "37"

Companhia Grande Manufactura de Fumos e Cigarros

"CASTELLÕES" ♦ ♦ S. PAULO



H. G. DOS SANTOS & COMP.

Unicos concessionarios para os anuncios
nas seguintes estradas de ferro:

Cia. Paulista,

São Paulo Railway Co.,

São Paulo-Rio Grande,

Rêde Viação Paraná-Sta. Catharina

e Bondes de Santos.

ESCRITORIO:

RUA DE S. BENTO, 7-A

Telephone, Central, 1-2-4-1

Caixa postal, 1638

São Paulo



HOLMBERG, BECH & CIA.

IMPORTADORES

Rua Libero Badaró, 169

== S. PAULO ==

RIO DE JANEIRO,

STOCKHOLM,

HAMBURG,

NEW YORK

E LONDRES

— — —

Papel, materiaes

para construcção,

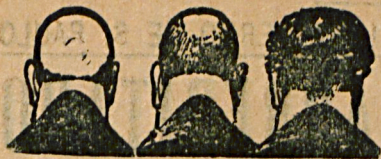
aço e ferro, anilinas

e outros

productos chimicos.



O "PILOGENIO" serve-lhe em qualquer caso



Se já quasi não tem serve-lhe o Pílogenio porque lhe fará vir cabelo novo e abundante.

Se começa a ter pouco, serve-lhe o Pílogenio, porque impede que o cabelo continue a cair.

Se ainda tem muito serve-lhe o Pílogenio porque lhe garante a hygiene do cabelo.

Ainda para a extincção da caspa Ainda para o tratamento da barba e loção de toilette o Pílogenio

Sempre o PÍLOGENIO

A' venda em todas as pharmacias, drogarias e perfumarias.

DOENÇAS

BRONCHO-PULMONARES

Um remedio verdadeiramente ideal para creanças, senhoras fracas e convalescentes é o **Phospho-Thiocol Granulado** de Giffoni. Pelo **phospho-calcio physiologico** que encerra, elle auxilia a formação dos dentes e dos ossos, desenvolve os musculos, repara as perdas nervosas, estimula o cerebro; e pelo **sulfoguaicol** tonifica os pulmões e desintoxica os intestinos. Em pouco tempo o apetite volta, a nutrição é melhorada e o peso do corpo augmenta. E' o fortificante indispensavel na convalescência da pneumonia, da influenza, da coqueluche e do sarampo.

Em todas as pharmacias e drogarias

Deposito: Drogaria Giffoni RIO DE JANEIRO

TYPHO UREMIA, INFECCÖES intestinaes e do apparelho urinario, evitam-se usando **Uroformina**, precioso antiseptico, desinfectante e diuretico, muito agradavel ao paladar. Em todas as pharmacias e drogarias. Deposito: Drogaria Giffoni, rua Primeiro de Março n. 17 — Rio de Janeiro.

A' GRAPHICA PAULISTANA

S. MANTOVANI & COMP.

SECÇÃO DE ZINCOGRAPHIA

Clichés em zinco gravura e photogravura para obras de luxo.

SECÇÃO DE GRAVURA

Carimbo de Borracha, metal, ferro e aço - Gravuras sobre joias - Alto e baixo relevo para impressões - Formas para bombons e sabonetes - Placas de metal e esmaltadas.

Telephone 4723 Cidade - Avenida S. João, 207 - S. Paulo

Joallerie -- Horlogerie -- Bijouterie
MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 - (en face de la Galerie)

Pierres Précieuses - Brillants - Perles - Orfévreseries - Argent - Bronzes et Marbres d'Art - Services en Métal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

30 — RUE DROUT — 30

UM NOVO LIVRO ESCOLAR

APPROVADO PELO GOVERNO DE S. PAULO

NARIZINHO ARREBITADO

— POR —

MONTEIRO LOBATO

(Edição escolar, completa)

E' um livro fóra dos moldes habituaes e feito com o exclusivo intuito de interessar a creança na literatura.



O livro que não interessa a creança é um mal: crêa o desapego, quando não o horror á leitura.

Narizinho Arrebitado forma um volume de 181 paginas, em corpo 12, com todos requisitos didativos e é magnificamente illustrado com 114 desenhos de Voltolino.

PREÇO: 2\$500

Commissões a revendedores



MOVEIS ESCOLARES



Diferentes modelos de carteiras escolares para uma e duas pessoas; Mesas e cadeirinhas para Jardim de Infancia; Contador mechanico; Quadros negros e outros artigos escolares

Peçam catalogo e informações minuciosas á

**FABRICA DE MOVEIS ESCOLARES
"EDUARDO WALLER"**

— DE —

J. Gualberto de Oliveira

Rua Antonia de Queiroz N. 65 (Consolação) Cidade, 1216

----- São Paulo -----

NOS PROXIMOS NUMEROS:

PROSA — Helio Lobo: *A Sociedade das Nações*. — Othoniel Motta: *Robiscos ramosanos*. — J. da Silveira Santos: *Tradentes*. — Mario de Andrade: *Debussy e o impressionismo*. — Amadeu Amaral: *Uma revoadada de poetas*. — Ermelino A. de Leão: *S. Paulo em 1621*. — Sergio Buarque de Hollanda: *Plagios e plagiarios*. — Bernardino J. de Sousa: *O dr. Carneiro Ribeiro*.
VERSOS de Fontoura Xavier, Gustavo Teixeira, Octacilio Gomes, Julio Cesar da Silva.

AS MACHINAS LIDGERWOOD

para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá. -----

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil.

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura.

Correias - Oleos - Telhas de zinco - Ferro em barra - Canos de ferro galvanizado e mais pertences.

CLING SURFACE massa sem rival para conservação de correias.

IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encanamentos de agua, etc.

PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.
DIRIGIR-SE A'

Rua São Bento, 29-c - S. PAULO

SEÇÃO DE DEBRAS DO ESTADO DE S. PAULO

